

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA
MARCELLE JACINTO DA SILVA

JOGOS DE INVERSÃO, JOGOS DE PODER: UMA ETNOGRAFIA ONLINE
SOBRE PRÁTICAS DE FEMINIZAÇÃO MASCULINA EM CONTEXTO
SADO-FETICHISTA.



FORTALEZA

2015

MARCELLE JACINTO DA SILVA

**JOGOS DE INVERSÃO, JOGOS DE PODER: UMA ETNOGRAFIA ONLINE
SOBRE PRÁTICAS DE FEMINIZAÇÃO MASCULINA EM CONTEXTO
SADO-FETICHISTA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do curso de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Crístian Saraiva Paiva

Fortaleza

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

S581j Silva, Marcelle Jacinto da.
Jogos de inversão, jogos de poder : uma etnografia online sobre práticas de feminização masculina em contexto sado-fetichista / Marcelle Jacinto da Silva. – 2015.
134 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Sociologia do corpo e da sexualidade.
Orientação: Prof. Dr. Antonio Crístian Saraiva Paiva.

1.Corpo humano – Aspectos eróticos – Brasil. 2.Homens – Brasil – Comportamento sexual. 3.Identidade de gênero – Brasil. 4.Fetichismo(Comportamento sexual) – Brasil. 5.Sadomasoquismo – Brasil. I. Título.

CDD 306.7708110981

MARCELLE JACINTO DA SILVA

JOGOS DE INVERSÃO, JOGOS DE PODER: UMA ETNOGRAFIA ONLINE
SOBRE PRÁTICAS DE FEMINIZAÇÃO MASCULINA EM CONTEXTO SADO-
FETICHISTA.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Sociologia, do curso de
Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para obtenção do
Título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 02/02/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Crístian Saraiva Paiva (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Roberto Marques

Universidade Regional do Cariri (URCA)

À Dona Geraldina/Mana (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata a todos e todas que contribuíram para esse momento:

À minha família, que apesar de não ter acompanhado minha trajetória acadêmica com a proximidade que eu gostaria, me proporcionou a possibilidade de me dedicar aos meus estudos sem pressão e incentivaram e apoiaram, apesar de tudo;

Ao meu noivo, por toda paciência, apoio e cuidado, sempre preocupado em me fornecer suporte emocional não apenas no processo de escrita desta dissertação;

Aos amigos que continuaram do meu lado até hoje, apesar das minhas ausências, pela compreensão e amor, e por compartilharem minhas crises de ansiedade e levantarem meu astral e minha autoestima quando eu precisei: Thaise Aquino, Iohana Ceppi, Luis Sérgio Lima, Lyanne Teixeira, Alessandra Alves e Irlena Malheiros;

À Irlena Malheiros pelas leituras atenciosamente críticas de textos meus e pelas palavras de estímulo sempre: uma amizade que começou na academia e que continuará vida afora;

Ao meu orientador, Cristian Paiva, pela atenção, compromisso, carinho, confiança. Sinto-me honrada pela proximidade com alguém tão brilhante como pesquisador, docente e pessoa;

Aos professores George Paulino, Jania Perla, Preciliana Moraes e Glória Diógenes pelas contribuições valiosas ao meu texto de qualificação;

Aos professores Roberto Marques e Luma Nogueira de Andrade pela participação e minha banca de defesa e pelas contribuições significativas no texto final desta dissertação;

Aos colegas de mestrado da turma de 2013, especialmente Diego Moraes, Iris Abreu, Leonardo Almeida, Ronaldo Queiroz, Lívia Amaral e Alessandra Oliveira.

Aos colegas integrantes do NUSS: Luana Carolina, Ismenia Holanda, Raquel Mesquita, Bruno Duarte, Mateus Gonçalves e Fernando Duarte: agradeço imensamente pelo convívio e aprendizado.

Aos que me incentivaram discutindo e pensando junto minha pesquisa ou emprestando livros: Aline Alves, Ananda Andrade, Sahmaroni Rodrigues, Elisabeth Andrade, Priscila de Siqueira, Floyd Siqueira, Camila Vieira, Neivania Rodrigues, Kélvia Menezes, Fátima Freitas, Raíra Bohrer, Edyr Oliveira Júnior, Juliana Justa, Sarah Rossetti Machado, Bruno Zilli, Daniel Costa Valentim e Elisianne Campos.

Aos professores André Haguette, Linda Gondim, Andrea Borges Leão, Alba Pinho, Irlys Barreira, Leonardo Sá, George Paulino, Regina Facchini, Júnior Ratts, Larissa Pelúcio, Berenice Bento, Luiz Mello, María Elvira Díaz-Benítez, Fátima Lima, Rodrigo Borba, Débora Krischke Leitão e Iara Beleli, pelas sugestões diretas ou indiretas em sala de aula e/ou eventos acadêmicos;

À Universidade Federal do Ceará, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, pela acolhida e contribuição fundamental em minha formação profissional;

Ao CNPq pela concessão da bolsa de estudo;

Por fim, mas não menos importante agradeço imensamente a todas as pessoas que participaram da pesquisa que culminou nesta dissertação;

Envio a todos e todas o meu mais profundamente sincero “muito obrigada”!

“Sofrer, suportar cruéis tormentos apareceram-me como prazer, tanto mais se infligidos por uma bela mulher, que para mim desde sempre concentrou toda a poesia, como tudo o que há de demoníaco. A ela rendi formal e cerimonioso culto. Eu via na sensualidade algo sagrado, sim, o único sagrado, na mulher e em sua beleza algo divino, em que reside a tarefa mais importante de toda a existência: a propagação da espécie humana – acima de todas as coisas, o seu ofício. Eu via nas mulheres a personificação da natureza, da Ísis, e no homem o seu sacerdote, o seu escravo, e via, a mulher, cruel para com ele, como a natureza, que afasta de si o que já a serviu se já não pode fazê-lo mais, ao passo que para ele os maus tratos dela advindos, mesmo a morte perpetrada pela mulher converte-se em suprema delícia” (Sacher- Masoch – A vênus das peles)

“Meus dedos doem de tanto eu bater à máquina. Com a ponta dos dedos não se brinca. É pela ponta dos dedos que se recebem os fluidos” (Clarice Lispector – A via crucis do corpo).

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo apreender o universo simbólico de jogos eróticos de poder elencados sob a denominação de feminização masculina, um conjunto de rituais que é parte do universo do BDSM, ou sadomasoquismo erótico, ou ainda, sado-fetichismo. O propósito desta investigação é, por meio de pesquisa etnográfica dessas práticas através de narrativas acessadas de postagens de blogs pessoais e entrevistas, compreender as travessias de gênero que são acionadas, as negociações de masculinidades e rituais de feminização que compõem esse universo. Utilizo como pano de fundo material proveniente de sites, blogs e perfis do Facebook sobre o tema sado-fetichismo e práticas relacionadas à feminização: submissão masculina, FemDom, dentre outras, a fim de contextualizar o objeto de análise, as performances de gênero que acontecem nas e a partir dessas práticas e experiências de feminização, “forçada”. Trata-se, portanto, de descrição etnográfica de jogos eróticos de poder sob o termo submissão masculina na Internet, que são elementos constitutivos de rituais de feminização masculina, objeto de análise desta dissertação. Há um vasto material sobre submissão masculina na rede, mas pouco material nacional sobre as práticas de feminização masculina e feminização forçada. As práticas que envolvem submissão, dentre elas a própria feminização, apresentam configurações ritualísticas; a maneira como as práticas são tratadas, enquanto “treinamento”, “ritual”, “etiqueta”, “adestramento”, “preparação”, “disciplina”, “domesticação”. Optei por considerar o material produzido no Brasil como forma de explicitar a impossibilidade de abarcar a totalidade do fenômeno registrado na Internet.

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Sexualidade. Performance. Sado-fetichismo. Feminização masculina.

ABSTRACT

This essay aims to investigate the symbolic universe of erotic power games listed in the male feminization description, a set of rituals that are part of the BDSM universe, or erotic sadomasochism, or even sado-fetishism. The purpose of this research is through ethnographic research of these practices through narratives accessed from personal blogs posts and interviews, understand the crossings of gender that are triggered, masculinities negotiations and feminization of rituals that make up the universe. Use as materials from sites backdrop, blogs and Facebook profiles on the sado-fetishism theme and practices related to feminization: male submission, FemDom, among others, in order to contextualize the object of analysis, gender performances that take place in and from these practices and experiences of feminization, "forced" or voluntary. It is therefore of ethnographic description of erotic power games in the male submission term on the Internet, which are components of male feminization of rituals, the object of analysis of this dissertation. There is a vast amount of material on male submission on the network, but little material on national practices of male feminization and forced feminization. Practices involving submission, among them the very feminization present ritualistic settings; the way practices are treated as "training", "ritual", "label", "training", "preparation", "discipline", "domestication". I chose to consider the material produced in Brazil as a way to explain the impossibility of embracing the whole phenomenon registered on the Internet.

Keywords: Body. Gender. Sexuality. Performance. Sado-fetichism. Male feminization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Acessórios para treinamento anal	66
FIGURA 2. Tortura genital em escravo feminizado	66
FIGURA 3. Arsenal erótico para cenas BDSM.....	73
FIGURA 4. Strapon.....	80
FIGURA 5. Bondage	81
FIGURA 6. Sissy imobilizada.....	82
FIGURA 7. Vestido de Sissy.....	90
FIGURA 8. Sissy Maid exibindo cinto de castidade.....	95
FIGURA 9. Gozando de cinto	97
FIGURA 10. Empregada Sissy.....	98
FIGURA 11. Submisso feminizado e imobilizado.....	102
FIGURA 12. Sissy no Dungeon	115
FIGURA 13. Boneca Sissy.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1. TRANSITANDO ENTRE REDES: NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE PERCURSOS, ESCOLHAS E ESTRATÉGIAS NA PESQUISA ONLINE	18
1.1 Cruzando trajetórias: meu encontro com o tema, condições da realização da pesquisa e construção da problemática	18
1.2 Performances online e visibilidade: Internet, blogs e publicização do privado	23
1.3 Estratégias para uma conexão entre multiplicidades.	26
1.4 Atores em rede: des/re/encontros entre pesquisadora e pesquisados	29
1.5 Apresentação dos/as principais entrevistados/as e/ou autores de blogs que contribuíram com a pesquisa	40
1.5.1 Ricardo, o Escravo.....	42
1.5.2 Servo Obediente	42
1.5.3 Sissy Maid Procura.....	43
1.5.4 Maíra Crossdresser	44
1.5.5 Sissy Hormozinada.....	44
1.5.6 Submisso Feminizado.....	45
1.5.7 Prissy Maid	45
1.5.8 Corno Manso	46
1.5.9 Submisso Online.....	46
CAPÍTULO 2. UMA AVENTURA NO MUNDO DAS FANTASIAS: UMA ETNOGRAFIA ONLINE DE JOGOS ERÓTICOS E TROCAS DE PODER	47

2.1 Pensando o sexo na pós-modernidade: sobre encontros sexuais consensuais.....	48
2.2 Situando o BDSM no contexto contemporâneo	54
2.3 Corpos que pesam: uma etnografia online sobre jogos de dominação e submissão	61
CAPÍTULO 3. PRAZERES LIMINARES: NARRATIVAS SOBRE FEMINIZAÇÃO EM CONTEXTOS SADO-FETICHISTAS	76
3.1 Notas sobre performance e rituais de feminização.....	78
3.2 Travesias de gênero: masculinidades e feminilidades (não) hegemônicas e o “espetáculo da ambiguidade de gênero”.....	100
3.3 Marcas (in)visíveis, exposição e gestão de informações.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE INTENSIDADES E CONTRADIÇÕES .	119
REFERÊNCIAS	125
GLOSSÁRIO	133

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é compreender o universo de práticas sócio-sexuais sado-fetichistas¹ ou *BDSM*² especificamente um conjunto de rituais elencados nos termos *feminização masculina*, *feminização forçada* e/ou *sissy maid*, por meio de uma pesquisa realizada através da Internet, a partir do material produzido por pessoas que se auto-identificam com as práticas sado-fetichistas, que são narrativas autobiográficas reais ou ficcionais em blogs pessoais e entrevistas, nos últimos cinco anos³, no Brasil. De acordo com Facchini e Machado (2013, p. 196), a relação entre erotismo e os termos sadomasoquismo e *BDSM* têm se feito presente no Brasil desde a década de 1980, acompanhada da “organização de uma comunidade que imagina a si mesma a partir da adesão a um conjunto diverso de práticas eróticas e a noções relacionadas à consensualidade e à segurança, marcadas pela (des)identificação com perspectivas patologizantes” (FACCHINI, MACHADO, 2013, p. 196), posicionando-se, dessa forma, “nas fronteiras ou que tensionam essas fronteiras de atuação dos dispositivos” (GREGORI, 2014, p. 52).

Minha experiência parte da observação de um universo de práticas eróticas que envolvem jogos de inversão e negociações de sentidos, poder, dominação e submissão, cujos resultados foram apresentados primeiramente em minha monografia, e esta dissertação, por sua vez, busca aprofundar um recorte pouco trabalhado no primeiro capítulo da monografia, o qual enfoca o “corpo” através de rituais e performances de *feminização masculina* em contexto sado-fetichista, pensando como se produzem os corpos dos *submissos feminizados*, quais habilidades eróticas são esperadas desses

¹ É importante chamar atenção para minha escolha em utilizar o termo “sado-fetichismo”. Essa escolha justifica-se no trecho seguinte, retirado do blog de um submisso que entrevistei em dezembro de 2013, e que explica a necessidade de entender sadomasoquismo e fetichismo como fenômenos complementares, porém independentes: *Todo submisso é fetichista, porém nem todo fetichista é submisso. Pois todo submisso em maior ou menor grau tem seus fetiches, suas fantasias. Porém o mais forte nele é a vontade de servir... O fetichista não, ele pode sim, sentir vontade de servir, mas essa vontade não é algo que o domina, ele pode muito bem passar um bom tempo sem servir alguém, sem ser usado. Sessões esporádicas são suficientes para ele...* Disponível em: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2010/04/fetichista-x-submisso.html>. Acesso em: 12 de agosto de 2014.

² Todas as categorias êmicas serão grafadas em itálico, assim como as falas dos pesquisados. Para melhor esclarecimento dos termos, ver Glossário que fora construído com base na fala de entrevistados e material disponível na Internet.

³ O recorte temporal está demarcado nos últimos cinco anos, visto que durante mapeamento de blogs para a pesquisa, foi encontrado material profícuo sobre o objeto desta dissertação, o qual datava do ano de 2009. Portanto, o recorte temporal foi definido pelo próprio campo.

corpos, como são adquiridas e apreendidas as habilidades e como se dá o *processo de feminização* (no que constitui e seus possíveis desdobramentos).

Seguindo perspectiva assumida por Facchini e Machado (2013), esta dissertação parte do olhar sob a sexualidade como uma chave de conhecimento, ou ainda, “mais do que um meio de revelar experiências silenciadas, oprimidas e marginalizadas, [é] uma chave para o entendimento das convenções culturais e das estruturas de poder mais amplas” (Carrara & Simões, 2007: 76 *apud* Facchini & Machado, 2013: 198). É nesse sentido que o recorte da pesquisa recai sobre essas narrativas, que constituem em “diálogos e o trânsito de categorias e classificações entre diferentes atores sociais” analisados a partir de pesquisa etnográfica de material produzido no Brasil na segunda metade dos anos 2000, pelos próprios praticantes de sado-fetichismo, especialmente adeptos da *submissão e feminização masculina*.

O material da pesquisa provém de pesquisa online, iniciada em 2010 em sites, blogs e redes sociais como Facebook e Twitter, quando estudei linguagens e experiências reproduzidas em blogs através das práticas sócio-sexuais *sado-fetichistas*, de *submissas, masoquistas e dommes brasileiras*, e as convenções de gênero e sexualidade que perpassam esses repertórios sexuais (Silva, 2012). Pretendi dar continuidade em pesquisar as manifestações do fenômeno *BDSM* na Internet seguindo as pistas de campo encontradas, o que culminou na elaboração de meu projeto de mestrado que tinha como objeto os discursos de legitimação das práticas *sado-fetichistas* produzidos em blogs, que chamo de blogs pessoais. Contudo, meu objeto de pesquisa foi reconfigurado ainda no primeiro semestre do mestrado em Sociologia, tomando como base entrevistas online/ presencial e material etnográfico também online sobre um casal de adeptos do *BDSM*, residente em Fortaleza, um *submisso* e uma *Rainha*, meu primeiro contato com práticas de *feminização* no contexto referido. A partir daí, surgiu o interesse de desenvolver esse recorte da monografia, sobre essas práticas partindo da relação entre uma Dominadora e um submisso.

O material analisado efetivamente para esta dissertação, no entanto, provém de pesquisa em espaços online no período de abril de 2013 a abril de 2014, e não tem pretensão de ser um relato verdadeiro, fixo e geral sobre o tema analisado, mas baseado em falas que muitas vezes são contraditórias sobre as vivências dos entrevistados e no material colhido na Internet. Todos os percursos que me levaram ao material e personagens que surgirão durante o texto desta dissertação foram registrados em diário de campo. Em campo, pude constatar que o processo/práticas de *feminização* no *BDSM*

é/são bastante complexo(as) e que existem diferentes formas de vivenciá-la. Nesse sentido, apresento alguns dos contextos mapeados e problematizo os usos e desusos do corpo nesses processos de performances de gênero, de acordo com as falas dos sujeitos que compõem a pesquisa. É interessante ressaltar que termos como “gênero”, “sexo”, “travesti”, “gay”, “bissexual”, “transexual”, “mulher” são ressignificados nessas falas e apresentam diferentes contextos de usos, evidenciando uma circulação e possível transformação de conceitos que culminam no “espetáculo” da ambiguidade não apenas de gênero, mas de termos como disciplina, poder e domesticidade, para citar alguns⁴, sendo a disciplina apenas uma das formas de produção de um corpo que “só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 2002, p. 26).

As narrativas que aparecem nos blogs e as falas que surgem das entrevistas mobilizam estereótipos que são constituídos em torno das noções de masculino e feminino, tornando a noção de performance um instrumento importante para pensar os deslocamentos acionados pelos sujeitos. Sugiro pensar para além da noção de “identidade” e “identidade de gênero”, apreendida como delimitada e demitável⁵, para pensar as performances observadas como atos descontínuos, ambíguos e fluidos⁶, a fim de atentar para os rituais e performances de gênero, que produzem dissolvências coreografadas, agenciamentos de atores e multiplicação de papéis sócio-sexuais que acionam, inclusive, potências femininas em contextos específicos. O interesse dessa dissertação recai, portanto, sobre performances, tecnologias de gênero, sexualidade e negociações de masculinidades em contextos sado-fetichistas e para a importância dos

⁴ Sobre termos que podem aparecer de forma ambígua, é interessante o trecho de uma postagem do blog de uma interlocutora, que fala que, **de acordo com opinião pessoal**: *CD, Cdzinha, travesti para mim são a mesma coisa. Apenas pessoas usando denominações para tratar seu estado de espírito. A única diferença que faço é quando ser cd ou Cdzinha sei lá acontece apenas por fetiche, para se atingir o gozo. Quando se goza o sujeito volta a se sentir e se portar homem. Quando é como eu, como o Laerte e tantos outros somos travestis sim. Somos crosdresseres sim pois é a mesma coisa. Agora uma travesti pode ser apenas travesti ou ser diagnosticada como transexual que é aquela pessoa que quer mudar de sexo, mas até mudar ela será travesti. Quanto a mim a minha Dona fez surgir em mim o desejo de homem, o desejo de amá-la, de ser inteira com ela* (grifo meu).

⁵ WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: Masculinidades. Organização Mônica Raisa Schpun. – São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004. (p. 107-128).

⁶ Os repertórios de práticas eróticas que analiso reforçam a noção de “gênero” como performativa desvinculada diretamente da noção de “sexo biológico”, como sendo “natural”. A abordagem que proponho é da interdependência entre as categorias corpo, gênero e sexualidade, considerando, todavia, que Judith Butler propõe que haja uma separação entre “teorias da sexualidade” e “teorias de gênero”, como precursora dos queer studies, meu trabalho, assim como o de Camilo Braz (2009, p. 80), propõe uma “(re)articulação entre gênero e sexualidade”.

roteiros sexuais identificados como “narrativas sexuais mais ou menos complexas” (GAGNON, 2006, p. 133) que parecem elementos tão importantes para a lógica das práticas e que são constantemente evocados pelos interlocutores.

No primeiro capítulo, descrevo meus percursos em campo, dúvidas, impasses, escolhas teórico-metodológicas, estratégias que utilizei no decorrer da pesquisa bem como problematizo o contexto da minha experiência de pesquisa online e desenvolvo reflexões em torno da relação pesquisadora-pesquisado, também sobre o desafio que nos impõem o processo de escrita e sobre minha posição em relação ao papel do diário de campo. Além disso, busco explicitar as especificidades da pesquisa online e as relações estabelecidas com o campo, o tema e com os interlocutores. Apresento as situações de pesquisa no qual foram possíveis encontros, desencontros e reencontros com os/as pesquisados/pesquisadas, também os espaços nos quais realizei a pesquisa e apresento os personagens importantes que contribuíram fundamentalmente no entendimento dessas tramas.

O segundo capítulo, além de apontar que tipo de dispositivo é esse que classificam os sujeitos e suas práticas como convencionais ou não convencionais, identifica o BDSM no contexto contemporâneo a partir da década de 1980, segundo literatura científica sobre o tema, dialogando com material produzido pelos praticantes que também são divulgadores de suas práticas, no ambiente da Internet, principalmente a partir dos anos 2000. Ressalto a importância da construção do cenário dessas experiências e os elementos que constitui os repertórios eróticos.

O terceiro e último capítulo apresenta narrativas autobiográficas sobre feminização masculina que situam e identificam as experiências como rituais liminares que performam gêneros. Além de identificar e desenvolver reflexões baseada em bibliografia científica e discutir sobre performances, masculinidades e feminilidades, neste capítulo assinalo os riscos que rodeiam as práticas e praticantes, a existência de marcas visíveis e invisíveis que são motivos de preocupação e gestão online e offline de informações.

Para finalizar, nas considerações finais busco mais problematizar e levantar hipóteses sobre o que foi apresentado durante todo o texto do que sugerir respostas, devido às inquietações que o tema me causou, diante de toda complexidade e controvérsias do/no campo.

CAPÍTULO 1. TRANSITANDO ENTRE REDES: NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE PERCURSOS, ESCOLHAS E ESTRATÉGIAS NA PESQUISA ONLINE.

Este capítulo tem o objetivo de identificar e descrever a construção da problemática, inserção e percursos no campo, também os interesses analíticos, sobre as etapas da realização o trabalho empírico e como se deu a interação com os pesquisados. Apresento o contexto geral dos espaços que acessei, acionando trechos do meu diário de campo que teve papel importante em todo o processo como testemunha e instrumento de registro de meu deslocamento nas redes, minhas impressões, escolhas teóricas e situações em que interagi com os pesquisados, bem como estratégias mobilizadas pelas condições do campo.

Trata-se, portanto, de narrativa sobre minha experiência de pesquisa distribuída aqui em cinco tópicos fundamentais que evocam impasses teórico-metodológicos impostos pelo campo, mas também “percalços, inesperados e imponderáveis” que Carolina Parreiras (2008, p. 40) considera tão importante quanto todos os outros dados coletados na pesquisa, assim sendo, também os imprevistos podem (e devem) “se tornar importantes pontos de análise, colocando novas questões ou atualizando outras e, por este motivo, não devem ser excluídos do texto etnográfico”.

1.1 Cruzando trajetórias: meu encontro com o tema, condições da realização da pesquisa e construção da problemática.

Liguei o PC. Procurei o diário de campo em algum lugar na pasta "meus documentos". Abri o documento e senti uma excitação: abrir o diário de campo é abrir um leque de possibilidades, é se deixar arrebatado. Procuro a pasta "minhas músicas". A música começa a rolar enquanto eu acesso o link do blog. Pronto: estou em campo – ouvindo Dead Sara (Diário de campo, 2 de dezembro de 2013).

Descobri o acrônimo BDSM através da Internet, por acaso. Digo que descobri porque o tema surgiu quando de uma pesquisa que não tinha relação com sexualidade, no início da graduação em Ciências Sociais (SILVA, 2012, p. 14-20). Esse primeiro contato foi o início da construção de uma rede de contatos, sites e blogs que fui elencando em registros no próprio PC e em um bloco de notas, e criando o que seria a rede analisada em minha monografia, e *a posteriori*, aproveitada neste trabalho.

Inicialmente, o que me inquietou diante do tema foram os papéis que os sujeitos assumem nas relações que não são apenas sexuais e a quantidade de jargões e práticas envolvidas. Eu desconhecia a existência dessas redes em torno do acrônimo *BDSM*, da existência de um *meio* e que havia pessoas que criam cenários repletos de *encenações* e *personagens*, acionando assim um aparato material (acessórios, apetrechos) para relações que extrapolam o sexual. Toda essa novidade piscou como um letreiro iluminado e promissor diante de mim, enquadrada pela tela do PC. A pesquisa inicial por sites, movida pela curiosidade, levou-me a à Biblioteca de Ciências Humanas da UFC em busca de alguma referência bibliográfica que pudesse satisfazer minha vontade de saber, onde encontrei um livro da historiadora Valerie Steele chamado “Fetiche: sexo, moda e poder”. Em 2010, a relação entre fetiche e BDSM já se delineava bem clara para mim. Atualmente é ainda mais clara a relação de ambiguidade entre ambos, fetiche e BDSM, assunto que abordarei mais adiante.

O primeiro impasse que surgiu diante do tema foi à inviabilidade de sair do online para o off-line pelo fato de que eu do mesmo modo, desconhecia a existência de um *meio* BDSM em Fortaleza e, caso houvesse⁷, como eu poderia ter acesso às pessoas. No entanto, enquanto realizava minhas buscas e fazia usos da Internet⁸, encontrei vasto material em blogs: contos, relatos autobiográficos, imagens, vídeos e fóruns de discussão. Considero-os como “achados”, pois estava me deparando com um mundo novo e com conteúdo descritivamente interessante sobre esse mundo.

Nessa mesma época, iniciei contato com o professor Cristian Paiva⁹. Nas primeiras conversas que tivemos quando ele ainda não era meu orientador, explicitiei o

⁷ Posteriormente, encontrei em uma página do Orkut o anúncio de uma festa chamada *Profania* promovida como uma *festa fetichista e sadomasô*, que acontecia periodicamente na cidade de Fortaleza em casas noturnas e/ou motéis.

⁸ Na época, eu possuía dois blogs que seguiam temáticas diferentes, um deles sendo um blog de contos e poesias eróticas. Foi a partir da rede de contatos provenientes deste blog que cheguei aos blogs com temática sado-fetichista.

⁹ Então chefe do Departamento de Ciências Sociais e coordenador do NUSS, Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade, vinculado ao mesmo departamento, do qual eu desejava muito participar pelo meu interesse sempre presente sobre a temática da sexualidade.

interesse em pesquisar sobre BDSM, porém destacando a dificuldade de acesso presencial a esses espaços e pessoas, e prontamente, o professor advertiu que eu não desistisse do tema, pois era um tema interessante e novo na UFC e que pensasse na possibilidade de pesquisar o BDSM online, centrando a observação nos blogs. Foi a partir daí que senti segurança em prosseguir com a pesquisa que teve como resultado minha monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará em julho de 2012. Nessa ocasião, o trabalho teve como foco central blogs femininos brasileiros sobre submissão feminina e busquei lançar olhar sobre a produção de linguagens e experiências através das práticas e tecer diálogo com convenções de gênero e sexualidade.

O interesse em aprofundar as pesquisas sobre os blogs me levou a estabelecer contato com pessoas residentes em Fortaleza que se identificam nas redes sociais como adeptos de práticas *BDSM*, dentre elas, um casal que conheci no início de 2011 e que são articuladores, juntamente com outros adeptos, do *meio* BDSM na cidade de Fortaleza, o qual atualmente conta com um número relevante em consideração ao início. Como fora dito, em 2010 a única referência encontrada sobre o tema, na cidade, havia sido uma festa¹⁰.

O casal supracitado, um *submisso* e uma *Rainha*, possuíam um blog no qual contavam suas experiências, e me chamou atenção os relatos sobre a preferência, e porque não dizer atração, do *submisso* por práticas que acionam situações de humilhação, notadamente em que ele está *vestido e sendo usado como uma garotinha*. Ele adora ser *feminizado, ser uma menininha submissa e por isso, além de esposa e Rainha*, sua *Rainha* também seria sua *mamãezinha*¹¹. Partindo dos relatos desse *submisso*, eu e meu orientador atentamos para possibilidade de investigar as travessias de gênero proporcionadas por práticas de *feminização* diretamente relacionadas ao *sado-fetichismo*, principalmente um tipo específico que é dito *forçada*.

A imersão não se fez apenas na Blogosfera, mas também em sites e Facebook com auxílio de pesquisa por palavras-chave no buscador Google Brasil com a finalidade de favorecer o acesso a páginas sobre *feminização masculina no BDSM*, o que

¹⁰ No entanto, atualmente o Facebook conta com um grupo fechado, do qual era membro até a finalização deste trabalho, chamado “BDSM Ceará”, criado em 12 fevereiro de 2014, atualmente possui aproximadamente 250 membros. Em Fortaleza, apesar disso, ainda há poucos espaços públicos nos quais são realizadas festas fetichistas e/ou BDSM, no entanto, o Facebook parece um dos meios pelos quais tem se tentado fazer articulação de um *meio*, na cidade.

¹¹ Comentário do referido *submisso* em postagem no grupo “BDSM Ceará” no Facebook, em 1 de maio de 2014.

considero como tendo sido feito um mapeamento de páginas online. Na sequência, foram realizadas visitas e observações dos espaços mapeado e de material imagético e audiovisual constituinte desses espaços. Apenas alguns autores de blogs foram contatados, tendo sido a maioria dos contatos estabelecidos através de encontros online, no Facebook e/ou e-mail. A partir desses encontros surgiram muitos questionamentos em torno da distância geográfica entre pesquisadora e pesquisado, o que me induziu a mergulhar, sob influência das leituras sobre etnografias tradicionais e realizadas na Internet, os cenários da escrita em inevitáveis reflexões epistemológicas. Carolina Parreiras (2008, p. 36-37), pesquisadora que muito me auxiliou a pensar essas questões, atenta para o fato de que a noção do “estar lá” “aparece, em pesquisas realizadas na Internet, revestido por uma conotação diferente das etnografias ditas tradicionais: não há a presença física, e, de fato, por não envolver obrigatoriamente um contato face a face, não está circunscrito a uma realidade material. Conforme a autora, “é exatamente a ausência do face a face o fator que pode colocar em risco, diante dos cânones metodológicos consagrados, uma pesquisa no virtual”.

Uma das estratégias para dar conta desse “estar lá” diferenciado foi a manutenção de um diário de campo que me acompanhou em todas essas visitas às páginas online. Todo o processo de imersão no campo se fez com registro de deslocamentos, sites e blogs visitados, anotações sobre conversas e/ou postagens em perfis no Facebook de adeptos do *BDSM*, impressões sobre campo, tema e sujeitos da pesquisa. Em muitas ocasiões, questionei a mim mesma sobre quais seriam meus momentos em campo, o que seria esse campo, como e o que fazer para que eu me sentisse em campo, como, então, “entrar na lógica do campo” construindo a noção de “campo”, como construir uma ambientação? Essa experiência, logo, deve ser ela própria alvo de reflexão tendo em vista que “não é preciso sair de casa para se ter uma experiência do ‘estar distante’” nesse espaço no qual é possível construir “rotas interativas de navegação informativa” (PEREIRA, 2007, p. 13).

É problemático pensar tudo isso enquanto parte da rede, no sentido de que, além de observadora e pesquisadora, também participo e me desloco como qualquer outro usuário/o da Internet, do Facebook que foi local de encontros, reencontros e desencontros. Como uma “pesquisadora participante” estou ciente de cercar-me de armadilhas conceituais, potencializadas no momento do trabalho de descrição. Essa atividade descritiva é, a meu ver, uma das fases mais complexas, de decodificação da interpretação do sujeito sobre sua experiência, suas vivências, ideologias e valores,

inclusive uma atividade de reflexividade sobre o observado e a interpretação do observado. Descrever implica um “fazer ver” (LAPLANTINE, 2004, p. 10), objetivo da objetivação do observado em campo e a tentativa da pesquisadora em captar o visível e o invisível das/nas interações.

Minha descrição é fundamentalmente atravessada pela experiência do campo a qual vivenciei de forma não presencial, tentando me adaptar ao fluxo e disponibilidade das informações. A experiência de/no campo foi conduzida pela domesticação teórica do meu olhar já familiarizado com o BDSM online (SILVA, 2012) devido ao trabalho realizado para a monografia, dos “modelos nativos”, o que me fez sentir mais confortável, no sentido de já possuir um olhar sensibilizado pelo tema, não menos movido pela curiosidade, ansiedade e desconhecimento.

Quando falo em “modelos nativos” me refiro conteúdo disponível na Internet em formato de linguagens imagéticas e discursivas produzidas pelos sujeitos que “passam a ser, também, eles, produtores de conhecimento e etnógrafos” (PARREIRAS, 2011, p. 51). Enquanto participante da rede de contatos na qual estamos imbricados, pesquisadora e pesquisado acabam por partilhar redes de significados no que se poderia chamar de “encontro etnográfico”, numa confluência do que Roberto Cardoso de Oliveira (2006, p. 23) se refere como “horizontes semânticos”. Ao invés de ouvir, o olhar se tornou peça chave para a tentativa de aproximação de horizontes semânticos, devido à “textualização da cultura” estudada. Essa disponibilidade de material produzido pelos próprios sujeitos propiciou o estabelecimento de redes de contatos.

Meu diário de campo foi, nesse ínterim, testemunha e companhia no registro de meus percursos, tendo sido mantido em arquivo Word, recheado com registros que datam de maio de 2012 a maio de 2014. Essas anotações foram conduzidas por constante e profunda necessidade de me situar e perceber no campo, como fora dito, de perceber e objetivar minha presença (R. S. SILVA, 2009, p. 180) que em muitas situações não passava despercebida, entendendo que assim como os sujeitos que constituem as redes, o campo, eu também faço parte dessa cena e, além disso, também busco um tipo de visibilidade nos espaços online.

1.2 Performances online e visibilidade: Internet, blogs e publicização do “privado”

Geralmente a Internet é o único lugar no qual algumas pessoas podem encontrar outras para conversar sobre seus desejos reprimidos na vida cotidiana, já que as práticas *sado-fetichistas*, apesar de aparecerem na mídia, serem temas de livros e de filmes¹², são rodeadas por preconceito e desinformação, mesmo com todo o material disponível sobre o tema. É na Internet que muitas pessoas descobrem e/ou familiarizam-se com o BDSM.

A Internet é usualmente uma ferramenta que possibilita maior divulgação e popularização do que é tido como transgressão, representa um modo de sair do armário, mas também pode reforçar o armário na vida cotidiana ou construir mais armários. Sua popularização parece ter aberto espaço para a transgressão ser exposta, questionada, transformada em mercadoria, consumida e ressignificada, fazendo parte de experiências individuais, presente em relacionamentos ou em momentos efêmeros, em discursos e performances, povoando campos de saberes e prazeres. Também através dela a pornografia tem sido mais acessada e como esta, tem força mobilizadora que opera “na ambiguidade fora de cena/dentro de cena”, “como um discurso veiculador do obscuro: exhibe o que deveria estar oculto” (ABREU, 1996, p. 19).

Meu tema de pesquisa sinaliza para o papel do “relacionar-se on-line” (BAUMAN, 2008, p. 8) na vida moderna, mas também chama atenção para tensões entre online/off-line, segredo/revelação, BDSM/baunilha¹³, hetero/homo/bi, feminino/masculino, dominação/submissão, feminização forçada/feminização voluntária, consenso/abuso, erótico/pornográfico, verdadeiro/falso, perfil fetichista/perfil baunilha¹⁴, ser/estar. A individualização on-line é intensa na pós-modernidade, principalmente, porque o uso da Internet como mediadora entre os sujeitos tem sido cada vez mais recorrente. No caso das relações sado-fetichistas, muitas se desenrolam e migram do on-line para o off-line e a Internet é usada como meio de selecionar os parceiros desejáveis.

¹² Como exemplo, a trilogia *50 tons* (50 tons de Cinza, 50 tons mais escuros e 50 tons de liberdade) escrita pela autora E. L. James, que teve adaptação para o cinema lançada em 12 de fevereiro de 2015.

¹³ Conferir o Glossário.

¹⁴ Os perfis nas redes sociais que são criados com o intuito de conhecer pessoas e/ou relacionar-se com pessoas sado-fetichistas, ou até mesmo divulgar o BDSM e suas experiências pessoais é definido como o *perfil fetichista*, enquanto o *baunilha* seria o, digamos assim, perfil “social”, no qual as pessoas mantêm contato com familiares, amigos, colegas de trabalho, etc. Algumas pessoas mantêm apenas um perfil fetichista, outras pessoas escolhem por administrar dois ou mais perfis fetichistas e/ou baunilha.

Considerada como “sociedade de selecionadores” (BAUMAN, 2008, p. 29) ou “sociedade dos consumidores” (BAUMAN, 2008, p. 20), na pós-modernidade, cada um promove a si mesmo como algo desejável. Assim, tipos de relacionamentos se tornam vendáveis, também. Podem ser momentos efêmeros, seguindo o fluxo de efemeridade da vida moderna, ou durando um pouco mais; pode se tornar uma relação ou durar apenas o tempo de uma sessão¹⁵ ou sessões esporádicas. É nesse sentido que cabe uma reflexão sobre a elaboração desses perfis online e as maneiras como criam, recriam ou descrevem corporalidades.

É no contexto pós-moderno que os blogs adquirem visibilidade e visibilizam experiências variadas; eles surgem como “modalidades de publicação ‘on-line’ baseada num desdobramento dos ‘sites pessoais’” (MÁXIMO, 2007, p. 27). Máximo (2007, p. 28) considera que esse é um fenômeno que se anuncia desde meados da década de 1990, quando alguns sites intitulados “pessoais” passaram a ser utilizados e atualizados “de forma sistemática, com relatos e apontamentos do dia-a-dia dos seus autores”, em especial o registro de “episódios frequentemente entendidos como pertencentes à esfera da ‘vida privada’ ou da ‘intimidade’”.

O crescimento dos acessos a esses sites conseqüentemente impulsionou um mercado interessado em facilitar a publicização de intimidades na Internet bem como dar “conta do formato e da dinâmica de atualização que se configuravam. O termo blog, ou weblog, destinou-se, então, à denominação daquilo que passou a ser frequentemente entendido como uma re-edição dos ‘diários íntimos’ tradicionais e a ser chamado, também, de ‘diários virtuais’” (idem). Sibilia (2008, p. 10) chama a atenção que “Tanto na internet quanto fora dela, hoje a capacidade de criação é sistematicamente capturada pelos tentáculos do mercado, que atacam como nunca essas forças vitais e, ao mesmo tempo, não cessam de transformá-las em mercadorias” (SIBILIA, 2008, p. 10).

Máximo configura a atualização dos blogs pessoais¹⁶ como uma escrita que encena cotidianos¹⁷, uma dramatização que é ensejada “por meio de jogos performáticos” que engendram uma “apresentação do eu”. Tudo o que é contato é, portanto, “performado de modo a se tornar compartilhável num contexto marcado por afinidades, onde os blogueiros se constroem em e na relação com o outro e

¹⁵ Conferir o significado do termo “sessão” no Glossário.

¹⁶ Optei por esta tipologia ao invés de “diários virtuais”, dois dos motivos são a não atualização diária dos blogs que constituíram campo de pesquisa e por não serem identificados pelos próprios autores como diários íntimos, muito embora sejam espaços nos quais a intimidade é registrada e visibilizada.

¹⁷ Utilizo o termo “cotidiano” assim como Goffman (2012, p. 191), como referência à “vida real”, em oposição a performances específicas, no caso, as que estão inseridas nos roteiros sexuais sado-fetichistas.

desempenham papéis sociais diferenciados” (MÁXIMO, 2007, p. 29). No caso do meu campo de pesquisa, nas narrativas que compõem esses blogs os sujeitos narram a si mesmo e suas experiências pessoais “extracotidianas”. Essas narrativas são duplamente performáticas, pois além do investimento em apresentar-se com determinada aparência e imagem de si e pela (re)construção do que é contato como captura do passado e/ou presente, falam sobre performances e modos de legitimação.

Há, assim, uma corporalidade inaugurada com o investimento nos blogs que cria um “corpo relacional”, disponibilidade na rede e pela interatividade proporcionada pela própria estrutura do site é “aberto à presença e à atuação do outro, que se constrói, também, uma história particular, individual, biográfica, representada especialmente nos arquivos do blog” (MÁXIMO, 2007, p. 35). A interatividade é um dos pontos que fazem com que os blogueiros assumam uma responsabilidade para com suas audiências, o que significa dizer que eles não apenas documentam, mas documentam para, e podem, portanto ser tomados como referência sobre o material sobre o que escrevem, dessa forma, “lançando mão de uma série de recursos comunicativos e moldando diferentemente suas experiências para propósitos e situações interativas específicas” para que, por exemplo, uma postagem “tenha o poder de trazer a experiência com intensidade para a interação, ou seja, de reconstruí-la num contexto relacional, um evento narrativo, convidando a audiência à participação” (MÁXIMO, 2007, p. 36)¹⁸.

É interessante perceber que se cria, inclusive, um “trânsito e interação permanente entre” as dimensões online e off-line. Isso significa dizer que os blogs atuam como “instâncias de apresentação do eu mediadas, sim, pelo computador e pelas interfaces tecnológicas, mas antes, por uma gramática social, por códigos e regras interacionais construídas e negociadas contextualmente entre os atores” (MÁXIMO, 2007, p. 43). Através da utilização dos blogs percebe-se a importância da tecnologia como mediadora entre online e off-line e na configuração de saberes, ao passo que “Tais saberes contribuem fortemente para a produção dos corpos e das subjetividades deste início de século, apresentando todo um leque de promessas, temores e sonhos” (SIBILIA, 2001, p. 2).

Quando são criadas corporalidades a partir do investimento nos blogs evidencia-se a realidade do corpo humano: ele não só é entendido, hoje, como “informação” como

¹⁸ Uma interlocutora da pesquisa fala bem sobre a importância de “reescrever a história” das *sissies* no Brasil, contexto no qual a maior parte do conteúdo encontrado na Internet é estrangeiro. Na última sessão do terceiro capítulo falo um pouco sobre a importância desse tipo de produção de conhecimento.

é “um banco de dados” e “um conjunto de instruções programáveis” (SIBILIA, 2001, p. 8) e, como informação e gerando informação incessantemente porque mergulhado em uma atmosfera “que estimula a hipertrofia do eu” (SIBILIA, 2008, p. 8).

1.3 Estratégias para uma conexão entre multiplicidades

Este tópico é composto por fragmentos de meu diário de campo no qual tento seguir a ordem cronológica imposta por esse material, inspirada nas reflexões de Florence Weber (2009). Minha experiência de pesquisa fez do diário de campo um aliado e testemunha, peça chave de todo o processo de imersão no campo, das reflexões sobre leituras e escrita, constituindo “um conjunto complexo de práticas de escritas” (WEBER, 2009). Distribuí diferentes anotações por ele, esse ser que se tornou uma entidade durante os últimos anos: ele foi suporte de anotações heterogêneas, de leituras e impressões sobre tudo o que me afetou durante a pesquisa. Foi uma junção de “diário íntimo” (não no sentido utilizado por Florence Weber, como anotações inutilizáveis, mas que foi espaço para desabafos e momentos de autoanálise) e diário de campo.

Tomo como ponto de partida para dar início a descrição dos percursos os registros do diário de campo, que mantive de maio de 2012 a maio de 2014, em arquivo Word, e que ficava sempre alerta para qualquer movimento e “achado” em campo, além de me acompanhar e testemunhar minhas inquietações diante dos espaços acessados, dos encontros acionados via Facebook e e-mail. Na maioria do tempo, três janelas estiveram sempre abertas na tela do meu PC: o diário, o Facebook e a página do buscador Google Brasil, que era como um portal no qual eu podia digitar a senha de entrada e não sabia o que estaria me esperando. Todos os links de sites e blogs que acessei durante a fase do mapeamento foram registrados e posteriormente, visitados, revisitados e algumas postagens selecionadas e salvas em arquivo no formato PDF.

Iniciei o que chamo aqui de mapeamento dos blogs, ou ainda, de mapeamento de redes, em maio de 2013. Eventualmente, enquanto visitava um blog, conversava com alguém no chat do Facebook. Algumas vezes, me deslocava no blog, ia para outro, depois para outro, e então, o campo terminava: clicava no “x”, desligava o PC e levantava da cadeira. Deslocamentos e autorreflexões constantes desses momentos giraram em torno da tentativa de uma ambientação, como já mencionei. A busca por uma sensação de ambientação, de uma situação de campo na qual se diferenciava da

situação como usuária da Internet e não como pesquisadora, algumas vezes eu pensava para mim um ritual de entrada no qual antes de sentar na cadeira, eu preparava a mesa do computador, pensava horários que considerava mais tranquilos e então, mesa arrumada, escolhia uma playlist para completar a ambientação e os fones de ouvidos.

O extenso material disponível na Internet sobre o tema muito me inquietou. A busca por blogs utilizando a palavra-chave “feminização forçada no BDSM” me conduziu inicialmente a 30 blogs. Durante essa busca, muitos sites e blogs apareciam duas ou mais vezes. Outras palavras-chaves foram testadas: “sissy” e “sissy brasileira” (apenas 1 blog), “feminização forçada” (19 blogs), “crossdresser” (9 blogs) e “crossdresser no BDSM” (2 blogs), e “submisso no BDSM” (104 blogs, dentre eles, sites de revistas online, sobre *BDSM*, blogs pessoais de *submissos*, de *dommes* e *doms*, sites de festas *BDSM* e fetichistas). Nessa etapa, pude perceber que: 1) geralmente, até a página 50 do buscador apareceram links de sites que não têm como assunto principal o tema, mas que de alguma maneira estão relacionados, 2) muitos links são do mesmo site, mas de postagens diferentes, 3) e a repetição de alguns sites poderia ser uma evidência de que o site aborda o assunto com mais especificidade do que outros que aparecem uma ou duas vezes apenas.

Digito “feminização forçada no BDSM”, e me aparecem várias páginas. O Google me diz que são “Aproximadamente 26.200 resultados (0,27 segundos)”. Clico no primeiro e infelizmente constato que a última postagem do blog foi em 2010. O fato de um blog não ter mais postagens frequentes e atuais, faz dele um blog descartável? Devo ignorar todas as postagens interessantes que nele devem conter? Não sei... sigo olhando as páginas do mesmo. Enquanto “folheio” o blog, fico pensando no motivo de os links estarem nessa sequência. Ficam em primeiros lugares os mais acessados? Fico nessa dúvida... no blog tem links de como encontrar a blogueira-dominadora, mas o link do facebook não funciona, acho que foi excluído... Continuando na folheada de páginas (Anotação do diário de campo, do dia 7 de maio de 2013).

Por fim, apenas 7 foram selecionados e 38 postagens de outros blogs, relacionadas ao tema. Os critérios que utilizei para seleção de material foram: a abordagem de assuntos muito amplos, alguns eram apenas sobre BDSM, outros eram apenas constituídos por imagens e/ou vídeos pornográficos, outros eram muito interessantes, mas me fariam fugir do foco. Houve alguns impasses como o sumiço de

alguns blogs que podem ter sido desativados ou denunciados pelo “conteúdo adulto”¹⁹ e a falta de meios para contatar autores de blogs.

É importante mencionar que, digitando “sissy brasileira” no buscador do Google, apenas um blog apareceu, justamente o de uma interlocutora, que me informou, em entrevista (via e-mail em abril de 2014) que seu em português, atualmente, seu blog era a principal referência *real* sobre o assunto, pois a grande maioria dos sites e blogs sobre a prática são estrangeiros. De acordo com a interlocutora,

Existe muito material ao se digitar sissy na internet mas tem muita coisa contaminada... Nos EUA e na Europa as sissies podem e vivem sua vida real. Saem as ruas e são exibidas como as escravas que são. Pesquisando no google pode-se ver muitas histórias reais. A sissy esta ligada ao BDSM, aqui no Brasil é muito tratado como feminização forçada, que é basicamente o nome da prática aqui, agora que o termo sissy está tomando força e lugar. Sabemos que apesar de muito desenvolvimento o BDSM ainda esta engatinhando aqui no Brasil. As pessoas que realmente tem uma vida ligada ao BDSM de forma real e não como uma prática fetichista passageira ainda vivem em guetos se escondem. Falo isto olhando para mulheres e homens, mulheres que são Domes ou submissas ou homens que são Dons ou submissos.

Utilizo o exemplo acima para destacar que o contato com os blogs reforçou ainda mais a ideia do quanto esses lugares antropológicos são importantes na produção do conhecimento, configuração de redes de sociabilidades e redes eróticas, na difusão do sado-fetichismo e dos relatos autobiográficos, ficcionais ou não, como forma de legitimação das práticas e dos praticantes. Na observação dos blogs também foi considerado: o título do blog, perfil do autor do blog, o layout, as cores escolhidas, a estrutura do blog, os títulos das postagens, a disponibilidade ou não de e-mails para contato, o conteúdo do blog, a quantidade de autores em um mesmo blog, quantas postagem datas da primeira e da última postagem. Os blogs e as falas são, de certa maneira, como paisagens desenhando diante de mim tudo aquilo do que falavam, já que não tive acesso presencialmente às sessões.

Além de atentar para os termos recorrentes nesses relatos, foi importante para o entendimento perceber elementos e outros termos que aparecem como fundamentais na elaboração e classificação desse universo de práticas que aparecerão no avançar dos capítulos, as quais atuaram em diálogo com descritores temáticos provenientes de bibliografia científica.

¹⁹ É comum o “sumiço” de páginas na Internet em decorrência de denúncias por motivos de publicação de “conteúdo adulto”. No Facebook muitos contatos desapareceram por causa de denúncias.

O referencial teórico que trago sobre o tema e que foi trabalhado na monografia me ajudou a me situar no campo dos estudos de gênero e sexualidade, lançando o olhar para “experiências em que gênero, sexualidade e o perigo dos prazeres” “promoverem alguns deslocamentos, inversões e paródias interessantes seja nas identidades de gênero, seja nas orientações sexuais” (GREGORI, 2014, p. 51-52). O material bibliográfico é, nesse sentido, baseado em leituras inseridas nos campos dos estudos de gênero, sexualidade, corpo, Internet, das áreas da antropologia, sociologia, comunicação social, filosofia, colhidos em bibliotecas e, em sua maioria, na Internet.

Trabalho, então, com os descritores temáticos “corpo”, “gênero” e “sexualidade”, mas também proponho o desafio de pensar as experiências de feminização como performances coreografadas de gênero, partindo do corpo para pensar o gênero, e pensando o gênero como “el producto de variadas tecnologías sociales y de discursos institucionalizados, de epistemologías y de prácticas críticas, tanto como de la vida cotidiana” (LAURETIS, 1989, p. 8), pensando ainda na perspectiva de que sexualidade e gênero não são “una propiedad de los cuerpos o algo originalmente existente en los seres humanos, sino *el conjunto de efectos producidos en los cuerpos, los comportamientos y las relaciones sociales*, en palabras de Foucault” (LAURETIS, 1989, p. 8-9). Para trabalhar a questão da performance me inspiro nos trabalhos de Schechner, Goffman e Turner.

1.4 Atores em rede: des/re/encontros entre pesquisadora e pesquisados

[...] agora fazem parte do meio itinerário virtual. Deparo-me com o BDSM o tempo todo nas minhas redes sociais, no Facebook principalmente, pois sou “amiga” de várias pessoas desse meio, de vez em quando converso com algumas, as atualizações desses mesmos “amigos” sempre remetem a páginas ou comunidades sobre BDSM, inclusive sou membro de comunidades sobre o tema²⁰.

As circunstâncias do encontro pesquisadora-pesquisado implicam questões metodológicas e éticas. Toda pesquisa é um empreendimento, e os deslocamentos da pesquisadora em campo é um investimento em que pode haver ganhos e/ou perdas na

²⁰ Diário de campo, anotação do dia 8 de maio de 2013.

medida em que todo o percurso é rodeado por riscos, e na Internet eu não estaria menos exposta, até porque esse é um espaço no qual o nível de exposição das pessoas muda proporcionalmente às atividades e o tempo que passam diante da tela do computador.

A fecundidade do material encontrado nas páginas são indicadores da potencialidade dos espaços na/da Internet. Há uma dinamicidade que a caracteriza, assim como a efemeridade. A manutenção da conexão pesquisadora-pesquisado sofre com isso e mais ainda as garantias, que são menores e mais fluidas. Embora a comunicação possa ser instantânea, via chats de redes sociais, o contato pode ser interrompido a qualquer momento: um e-mail não respondido, um perfil online apagado, uma mudança de apelido on-line, e até mesmo assédio online. Cito ainda três exemplos: um blog importante cujo autor não disponibilizou e-mail para contato e não o atualiza desde 2009, e o apelido que utiliza não foi encontrado, em busca pelo Google Brasil; uma troca de e-mail interrompida porque o pesquisado respondeu algo que a pesquisadora não soube contornar; um interlocutor que modificou o nome no perfil do Facebook.

Compor um perfil na Internet é uma experiência de imersão subjetiva, reflexiva. A intenção com que se cria esse perfil e uma página de blog, o que queremos com as redes digitais, mostra a influencia da tecnologia – que só tem sentido em contexto - em nossas vidas, em como ela influencia diretamente em nossos relacionamentos off-line, inclusive da sexualidade. Nascer e existir no mundo on-line tem suas dores e delícias.

A criação de um perfil on-line se torna uma imposição: para que possamos existir, possamos navegar, é preciso algo que nos represente; um e-mail, por exemplo, também precisa de um perfil nas redes sociais online. Esse processo nos induz a pensar em quais características queremos mostrar e/ou ocultar. Cometemos alguns exageros ou omissões. Escolhemos as palavras para nos mostrarmos. É uma corporização no on-line que chega a descorporizar o off-line, são performances. Mas esse (des)controle de informações e da imagem que nos representa não difere tanto da vida offline, pois há uma necessidade semelhante no contato face-a-face.

Essa (re)criação de si é uma “auto - apresentação” que requer uma posição de prestígio em uma ou várias redes de relações sociais, on-line e/ou off-line. Esse prestígio vai depender da “competência” do sujeito que elabora a si mesmo. Seria também uma “auto – observação” (ELIAS, 2001, p. 120-121). Não basta que seja inteligível a mensagem que a pessoa tenta passar adiante, mas que seja atraente e que traga uma forma de prestígio, seja o de instruir ou ser instruído, produzir conhecimento.

A partir da montagem de *avatars*, as pessoas se definem como corpo que “podem adquirir diferentes modos de expressão, seja as representações gráficas (desenhos, fotografias, animações) ou textuais (descrições, caracterizações)”. Essas representações acionam determinados itens essenciais na sua elaboração, e a foto desponta como fundamental na montagem de um perfil, o cartão de visita no qual o sujeito deixa entrever ao outro apenas o que achar necessário. Esses corpos virtuais são marcados por categorias, classificações e rótulos, são processuais, entendidos, igualmente, como entidades discursivas (PARREIRAS, 2009, p. 344 - 349).

São essas entidades discursivas que situam os discursos encontrados em campo, constituindo em material profícuo para o estudo das sexualidades vivenciadas a partir de práticas sado-fetichistas; “os aspectos essenciais da interação entre os usuários são visuais e narrativos. Nas interações sexuais, portanto, essa combinação é ainda mais relevante”, sendo a aparência do avatar “como mediador erótico das relações” (SANTOS, 2013, p. 6).

Dito isso, nesta sessão pretendo explicitar como foram construídas as aproximações, a mobilização de contatos e redes interpessoais para chegar às pessoas, como me deixei mobilizar e/ou afetar pelos principais embaraços na relação pesquisadora-pesquisado, essa relação desigual tão tensamente guiada por intenções, princípios, armadilhas e desafios.

Antes de iniciar conversa com alguém sobre o tema na Internet, tentei me familiarizar com jargões básicos, os mais repetidos em minhas pesquisas, para não parecer desrespeitosa e nem suscitar constrangimentos, mas também para me legitimar enquanto pesquisadora. Nesses contatos iniciais, fico satisfeita pela ausência de contato face-a-face, pois era bem comum não compreender algo durante a conversa e prontamente recorrer ao Google para me situar. Houve momentos em que disfarcei saber o que significava um determinado termo para não deixar a conversa morrer e, enquanto isso, manter outra janela do Google Brasil aberta e pesquisar significados de termos e suas aplicabilidades.

A maioria das pessoas com quem estabeleci contato, através do Facebook e/ou e-mail, mostrava algum tipo de interesse em saber o que eu havia escrito sobre aquilo que para elas era familiar. Geralmente, isso acontecia porque ao me apresentar, em redes sociais ou e-mails, eu fazia questão de mencionar meus trabalhos anteriores sobre BDSM, para que não parecesse tão menos familiarizada do que eu me sentia, e para tentar ganhar atenção e confiança. Eu mencionava minha dissertação como uma

continuação desses trabalhos anteriores. Alguns perguntaram sobre quantas pessoas eu já havia entrevistado para a pesquisa e se eu conhecia mais pesquisadoras e pesquisadores com o mesmo interesse pelo BDSM no Brasil.

Fui alvo de curiosidade, encarada como uma figura “exótica”, e duas perguntas foram comuns em todo o processo de pesquisa para a monografia e a dissertação: “você pratica BDSM?” e “o que você é: *domme* ou *sub*?”. Com o passar do tempo, minhas respostas dependiam muito do papo e de quem me interpelava. Nunca menti: eu pensava na pesquisa como uma troca, “ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum” (BOURDIEU, 1997, p. 694), e alguns interlocutores me passavam mais segurança do que outros. Alguns comentaram que deveria ser difícil pesquisar sobre o tema, inclusive que quem deveria ter vergonha era o *submisso*, pelo seu *estilo de vida no mínimo incomum*. Em ocasiões em que minha opinião fora solicitada, respondi que achava tudo muito interessante, e um pesquisado brincou que devia me chocar ou excitar! Mas que não queria comprometer a pesquisadora e nem ser inconveniente!

Minha iniciativa em pesquisar sobre BDSM pra escrever um trabalho científico foi igualmente motivo de curiosidade e surpresa: por que meu interesse em *pesquisar o BDSM? Qual tema dentro do BDSM? Como é essa pesquisa? Qual o objetivo? Mas onde vc quer chegar? Quer entender o q motiva as pessoas curtirem isso? BDSM é matéria da faculdade? Qual seu parecer sobre meu mundo? Como você entende a feminização masculina?* Minha presença despertou curiosidade, visto que todos me perguntaram se eu era *praticante*, se era *do meio*, qual minha *preferência*, se *domme* ou *sub*, se já tinha *estagiado*, saído da *teoria* e partido para a *prática*, saído *de cima do muro*, se havia *experimentado* algo dentro do universo BDSM. Alguns pediam para ler o produto final do trabalho, outros se interessavam/entusiasmavam pela ideia de serem/estarem sendo *usados* como *objeto de estudo*²¹ e deixavam claro que estavam disponíveis para *ser estudado*, já que *submisso adora ser tratado como objeto mesmo*; a maioria apreciou a ideia de falar de si para *uma estranha*, tomando uma atitude um tanto *exibicionista*, como alguns se identificaram.

²¹ Chamo atenção para esse trecho deixando claro que se trata de alguns termos como referência a fala dos interlocutores e não a posição que tomei diante dos entrevistados, de considerá-los como objetos. Refiro-me aqui às falas de dois entrevistados que mencionaram suas fantasias de *objetificação*, no sentido de gostarem de serem tratados como objetos nas relações eróticas, e de compararem a contribuição para a pesquisa como uma forma de se verem como objetos. Portanto, a *objetificação* referida no trecho não se trata de um pensamento meu, um conservadorismo relacionado à objetividade que buscamos ao considerarmos a relação pesquisadora-pesquisados, o contexto é outro, apenas remete à uma situação de hierarquia como algo erotizado/desejado.

A situação de ser pesquisado, ser transformado em objeto de estudo alimenta fantasias de exibicionismo e voyeurismo, no sentido de que muitos gostam de falar de si, da exibição de suas performances, da atenção lançada sobre si e suas práticas favoritas, além de estarem “habitados” a ideia de serem vistos e usados como objetos, objetos de desejo, objetos como uma cadeira, uma latrina ou um objeto sexual. Suas práticas são assunto preferido: pela troca de ideia, pela exibição de suas marcas físicas e psicológicas, por vaidade de falar sobre limites vencidos, do conhecimento teórico e prático da prática e do universo, pela utilidade de sua experiência como constituindo um campo de ações e porque a pesquisa acaba por toma-lo como porta voz de um universo polifônico e conflituoso. Enquanto pesquisadora, transformei-me em figura ambígua, como mediadora, um canal através do qual eles podem ser ouvidos e como ponte entre falas tão destoantes.

Bourdieu (1997, p. 695) salienta que a entrevista é uma espécie de “intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.)” na qual tenta-se esclarecer “o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca”. Normalmente é o pesquisador que inicia o jogo, mas às vezes o pesquisado pode conduzir a entrevista.

Nada me garantia que as informações que eu trocava seriam usadas contra mim, apenas a sensação de pretensa reciprocidade: eu coletava informações íntimas de pessoas que não me conheciam, se algumas pessoas me deixavam mais à vontade do que outras, nada mais justo a troca, era o que eu pensava. A inclusão de pesquisados em minha rede social pessoal se deu pela necessidade e tentativa de estreitamento de laços, a fim de que facilitasse o envolvimento e interlocução com os sujeitos. Muitas das conversas nas quais tentei deixar claro minha posição enquanto pesquisadora e que tinha minha intimidade interpelada não foram desagradáveis, mas alguns ao me interpelarem para conversa no chat do Facebook trataram-me como se eu, como mulher e, conseqüentemente, em suas mentes, “submissa”, eu deveria fazer o que me era pedido: mostrar fotos do meu rosto, ou do meu corpo etc. Em alguns momentos, isso incomodou muito e o incômodo dava por encerrada a conversa.

A forma como as pessoas abordam nas redes sociais online apontam para as intenções por trás da criação dos perfis online. A comunicação pode sofrer mudanças dependendo do espaço no qual acontece, principalmente quando ocorre na janela do *in*

*box*²². Ressalto que a maneira como as pessoas se apresentam na rede está relacionada a finalidade do perfil online: seja a procura de sociabilidades extra cotidianas ou para complementar as sociabilidades off-line, seja movidos pela busca de parcerias eróticas ou partilhamento de conhecimentos, ou ainda encontros às escuras, sexo virtual aliado ao fetiche do exibicionismo. Esse ponto remete as dimensões afetivas e subjetivas, que atravessam tanto o off-line como o online. Algumas pessoas passam mais tempo no mundo online do que no off-line, por motivos diversos; para minimizar ou superar a escassez de relações afetivas da vida off-line.

O material das entrevistas abertas e conversas informais via chat da rede social Facebook foram armazenadas em uma pasta que nomeei de “>Banco de dados>Entrevistas abertas”, divididas em três arquivos em formato Word: conversas rápidas, entrevistas 2012-2014 e entrevistas via e-mail. O recorte temporal das entrevistas se dá entre 8 maio de 2012, período a partir do qual já estava finalizando a monografia e havia decidido continuar com o BDSM como tema de pesquisa, a 1 de maio de 2014. O diário de campo também tem início em maio de 2012, na verdade, o material das entrevistas acompanha o início do diário, e não o contrário. Considero o campo como “terminado” em maio de 2014, dois anos de pesquisa, portanto.

Decidi não identificar as pessoas devido ao teor das conversas embora algumas tenham permitido a disponibilidade de seus apelidos e/ou nomes e imagens, já que a grande maioria cria um perfil justamente para manter o anonimato, e para não comprometê-las de alguma forma, embora todas soubessem que eu estava pesquisando sobre BDSM (com algumas exceções), e porque algumas acabaram mudando o *nickname* no decorrer do tempo em que mantivemos contato ou em que ficaram em minha lista de contatos do Facebook, mudando de apelido ou trocando por seus nomes pessoais, fazendo do perfil fetichista um perfil pessoal, ou vice versa, mudando de parceiros/as, etc.

Sempre que iniciava uma conversa com alguém *do meio*, falava que estava realizando minha pesquisa de dissertação sobre feminização sado-fetichista e, que estava procurando por pessoas que tivessem experiência nessa prática para conversar sobre o tema, que não pretendia mencionar nomes, apelidos ou identificar as pessoas que aceitassem conversar, apenas gostaria de saber um pouco mais sobre o contexto da feminização para pessoas que a praticam, e para algumas enviava o link do meu

²² A confidencialidade da "conversa particular", assim como nos bate-papos do uol, etc. parece que há a sensação de que tudo pode ser dito na inviolabilidade dessa privacidade construída no "in box".

Curriculum na Plataforma Lattes como forma de demonstrar de que se tratava de uma pesquisa *séria*. Criei uma conta de Facebook para a pesquisa, “Silva Marcelle”, mas não conseguindo administrar duas contas em uma mesma rede social, dei prioridade à minha pessoal, “Marcelle Silva”. No entanto, foram realizadas três entrevistas via Facebook “Silva Marcelle”. As entrevistas abertas via Facebook pessoal se deram no período de 8 de maio de 2012 a 29 de abril de 2014, e as realizadas através do outro perfil, em 9 e 10 de dezembro de 2013. Também foram realizadas entrevistas abertas com três adeptos do BDSM via e-mail, entre 25 de novembro de 2013 a 1º de maio de 2014. Houve uma entrevista presencial com um casal de praticantes de BDSM, em maio de 2013. Ao todo, 20 pessoas foram entrevistadas. Alguns contatos foram muito breves e sem troca de informações significativas sobre mim e/ou minha pesquisa. Fui procurada por algumas pessoas que não estavam interessadas na minha pesquisa.

Tive muita dificuldade não no momento da interação, mas posteriormente, no momento de revisar e analisar o material das entrevistas. As dúvidas giravam em torno do que fazer com as interações que foram interrompidas por algum motivo, os recados que não foram respondidos, e-mails que não foram retornados. Geralmente as conversas fluíam sem que eu rotulasse como entrevista, pois eu fazia questão de deixar claro que eu preferia que fosse uma conversa na qual a pessoa poderia sentir-se livre para falar sobre suas experiências. Houve poucas ocasiões nas quais usei a palavra entrevista, mas nenhuma foi baseada em um roteiro embora algumas perguntas foram frequentes, como sobre como a pessoa conheceu o BDSM, quanto tempo de prática e se possui um blog.

Interessante mencionar que a maioria foram de homens, com exceção de duas *dommes*, uma *fetichista de máscaras de gás* e uma *trans*, a maioria deles me adicionou na rede social na qual conversamos. Alguns continuaram no meu perfil por algum tempo, outros foram imediatamente bloqueados após as primeiras palavras trocadas; alguns perfis foram desativados pelos usuários. Como identifiquei esses homens? Pela forma que me abordaram, pela identificação com os papéis de dominadores (postura autoritária ou pela identificação como dominador), submissos (pela reverência na abordagem e postura diante da figura feminina representada por mim), escravo (pelo desejo de ser meu escravo ou empregado doméstico) e podólatras (identificação e menção dos termos podolatria, pés e/ou podo), ou ainda, de acordo com o *avatar*, *nickname* e postagens e como se apresentavam.

Como mencionei, alguns contatos desativaram sua conta de Facebook ou foram bloqueados do meu perfil. Um exemplo de um bloqueio; um homem cujo *nickname* e

avatar o identificavam como dominador exigiu que eu ligasse a câmera para me ver, apenas porque *QUERO E UM MOTIVO SIMPLES E FORTE*. Eu pedi desculpa, disse que não era assim que as coisas eram, e o bloqueei. Entendo que deveria ter prosseguido para ver até onde aquela conversa iria nos levar. O curioso é que, mesmo a conversa ter sido iniciada através do chat do Facebook, situação na qual não estávamos face a face, senti que aquelas palavras carregadas de um tom autoritário, reforçando o papel desejado pelo sujeito. Pessoalmente, preferi interromper a conversa bloqueando-o.

Três outros homens identificados no *nickname* e *avatar* como dominadores também me adicionaram ao seu perfil da rede social, mas para me paquerar. Os três foram menos *agressivos* do que o primeiro, um deles disse que queria me *sequestrar* para o seu *MSN*, outro disse que a *única coisa que* queria era *morder minha nuca*; elogiavam e/ou me cumprimentavam diariamente; apenas tentei contornar não respondendo ou agradecendo. Um entrevistado comentou, certa vez: “e se ao invés disso fosse um submisso querendo ser humilhado? vc acharia tbm falta de respeito? o máximo q eu posso fazer é pedir p vc me humilhar. Não se preocupe um submisso é muito mais inofensivo, vc deve saber disso... vc já deve tá acostumada a esse comportamento por parte dos entrevistados, todos devem querer ser feminizados pela pesquisadora vou tentar não cair nessa tentação qualquer coisa vc vai me controlando”. Situação semelhante é relatada por Parreiras e Braz (2008, p. 5):

Muitas das conversas estabelecidas pela internet estiveram o tempo inteiro permeadas pelo flerte, pelas cantadas, pelas avaliações da foto do pesquisador. Certas expectativas e percepções que associam o uso da rede para a busca de parceiros sexuais, ou para o chamado sexo virtual, eram colocadas já no início de muitas das conversas. Muitos entrevistados questionavam durante a conversa sobre as preferências erótico-sexuais do pesquisador. Assim... havia certos marcadores operando no sentido de materializar quem era o pesquisador, de que posição de sujeito ele estava falando, se ele era “legítimo” ou não para perguntar sobre assuntos tão íntimos. Num primeiro momento o pesquisador era, para aqueles em quem despertava desejo, um possível parceiro sexual; num segundo momento se transformava, situacionalmente, seja em voyeur, seja em “tímido”, seja em “careta”, dentre outras tantas possibilidades.

Em outras ocasiões, homens cujos *avatars* e/ou *nicknames* os identificavam como submissos, escravos e/ou podólatras, os quais me abordaram insistentemente com reverência, me chamando de *Senhora, Rainha*, mesmo após minha apresentação como pesquisadora e não participante do *meio*, oferecendo serviços domésticos, já que eu não

era uma *domme*; outro pediu insistentemente para vê-lo *gozar*; ou ainda, pedindo meu número porque, segundo ele, só assim ele poderia contar sua história para me *provar* que não é *um tarado*. Este último me adicionou em seus dois perfis de Facebook, o *pessoal* e o *fetichista*, também para *provar* que não era *tarado*. Ao me adicionar no perfil *pessoal*, perguntou: *pareço menos tarado agora?* Tudo porque eu não queria trocar o número de telefone. No entanto, chamo atenção para duas conversas: com um rapaz que identifico aqui como “curioso” porque ele não definiu sua preferência sexual e um que se identificou como *sub light*, ambos de Fortaleza, Ceará.

Conversei com “curioso” em maio de 2013 via Facebook pessoal. Iniciou a conversa perguntando se eu *curtia* BDSM, e eu disse que na verdade só pesquiso sobre e acho interessante. No meio da conversa, ele disse: *agora vc me pegou... não pratico, devido a baixa demanda BDSM aqui em Fortaleza, tenho me limitado só à internet e auto tortura buááááá (sic)*. Mostrou-se conhecedor de *sex shops*, afirmando que havia sim *sex shops* aqui em Fortaleza, *mas pessoas não, os sexshop tem dezenas de vibradores mas no bdsm tem só o lev (sic)*. Disse que era solteiro. Perguntei se era só fantasia que não saiu da fantasia, e ele respondeu com uma pergunta que me deixou surpresa, pela segunda vez: *e agora, que eu faço marcelle?*, adicionando a meu *status* de pesquisadora a o *status* de *confidente*, algo que aconteceu em muitos momentos durante a pesquisa. Uma terceira surpresa veio em seguida, quando me perguntou: *vc concorda que o bdsm é genético? pelo fato de desde infância se manifestar*. Argumentei que não seria genético, seria um desejo, uma fantasia que vem desde a infância. Ele disse que *todos dizem se atraí pelos desenhos de bonecas amarradas, eu sou um deles que desde a adolescência, mesmo sem entender, me excito em ver cenas de restrição, de tortura, masculina ou feminina*. Argumentei, novamente, que com a maioria acontece isso, acaba sendo algo que só vai descobrir depois de muito tempo! No entanto, o que eu disse só confirmou o que ele achava que era: *então... tá na genética ser sadomasoquista*. Não soube mais o que dizer. Continuamos a conversa, mas ele ficou off-line. Dois meses depois, retornou flertando, insistindo, então resolvi bloqueá-lo.

Sub light me adicionou também em meu Facebook pessoal e resolveu conversar comigo, em 2 de abril de 2014. Apresentou-se como *um sub bem light mais um dog mesmo (sic)*. Perguntei se ele era, então, mais fetichista. Ele respondeu:

Sou um fetichista puro mesmo tipo se tiver uma foto de uma mulher e na foto aparecer tudo seios vagina bunda e pés sem duvida olho logo para os pés kkkkkkk o único fetiche é esse por pés... não misturo com mais nada, pra mim o pé de uma mulher é mais um órgão sexual pense como to odiando essa moda de sapatilha rrsrsrs, mas é interessante...eu adoro uma sandália desde q mostre os dedinhos, mas esconder dedinhos e solas so sobra o peito do pé vou te contar uma coisa imagina num mundo onde todas as mulheres andem com a vagina a mostra assim q eu me sinto com as mulheres com os pés a mostra haha (sic).

É significativa a fala de *sub light*, no sentido de que chama atenção para uma pretensa fragmentação do corpo feminino, uma especificidade ligada ao *fetichismo*. O pé é o objeto de desejo do *podólatra*, e a fala lança olhar sobre um pé que toma o lugar de vaginas e seios: ele e apenas ele é um órgão sexual e é a única coisa que interessa. além disso, é uma fala que marca a divisão entre fetiche e sadomasoquismo. Em algumas falas foi possível perceber que há uma relação ambígua, mais de complementaridade, eis um dos motivos da minha escolha de considerar o termo “sado-fetichista” como válido para nomear esse universo mais amplo de práticas que é uma combinação de ambos. Vale considerar que a palavra fetiche tem mesmo uma ambiguidade que é constatada inclusive por Anna Paula Vencato (2013, p. 174) em sua pesquisa sobre *crossdressing*. A autora diz:

A ideia de fetiche aparece nos discursos das interlocutoras dessa pesquisa de forma ambígua. Em alguns momentos, ela é acionada como algo que lhe distancia da ideia de *transexualidade*, entendida dentro deste discurso como o desejo de se tornar uma *mulher de verdade*. Em outros, é o que marca certa distancia (mas não sem levar em contas outros aspectos como inserção social e profissional) das *travestis* que se prostituem, uma vez que a noção de fetiche poderia indicar certa transitoriedade que as *crossdressers* não percebem as travestis. Ainda, a noção de fetiche também é acionada para deixar algumas formas de praticar *crossdressing* mais ou menos legítimas que outras e, nesse sentido, funciona como uma categoria de acusação... Um *crossdressing* fetichista pode ser entendido aqui como aquele que acompanha o desejo por *se montar* de uma maneira específica (usando um acessório apenas, por exemplo, uma sandália ou uma calcinha) ou com o fim exclusivo de excitar-se sexualmente.

Qual, então, seria o “limite ideal” de uma “relação de pesquisa”? (BOURDEU, 1997, p. 696) Por que será que as pessoas que entrevistei se deixaram entrevistar, se deixaram falar sobre suas intimidades? Em alguns casos, arrisco dizer que seria por exibicionismo, ou pelo alívio de poder compartilhar com alguém que se interesse por algo que angustia, ou por falar a alguém que possa entender e que possa não julgá-lo e de repente, ajuda-lo a entender aquilo que o consome durante muito tempo: sentir-se

atraído pelo que “pertence” ao outro gênero faz de mim o que? O que fazer se minha esposa não pode saber, o que ela diria? Ela não me apoia e tenho de ir atrás de outras formas de satisfação desse desejo que é mais forte do que eu! Como administrar essa vida paralela? Como conseguir manter esse segredo? Pode ser por acharem válido falar sobre suas experiências para entendimento próprio, autoanálise, por sentirem orgulho do que vivenciam e terem coragem de ir além do que são convencionalmente induzidos a fazer/ser, por sentirem-se livre. Por vaidade, ou ainda, por fetiche (da exibição, da objetificação), inclusive. Algumas entrevistas acabaram por se transformarem em monólogos. São algumas hipóteses, e parece que a Internet é utilizada, nesse sentido, como meio de proteção e mediação:

[...] certos pesquisados, sobretudo entre os mais carentes, parecem aproveitar essa situação como uma ocasião excepcional que lhes é oferecida para testemunhar, se fazer ouvir, levar sua experiência da esfera privada para a esfera pública; uma ocasião também de se explicar, no sentido mais completo do termo, isto é, de construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo, e manifestar o ponto, no interior desse mundo, a partir do qual eles vêem a si mesmos e o mundo, e se tornam compreensíveis, justificados, e para eles mesmos em primeiro lugar. Acontece até que, longe de serem simples instrumentos nas mãos do pesquisador, eles conduzem de alguma maneira a entrevista e a densidade e a intensidade de seu discurso, como a impressão que eles dão freqüentemente de sentir uma espécie de alívio, até de reafirmação, tudo neles lembra a felicidade de expressão (BOURDIEU, 1997, p. 704).

É importante levar em consideração que a forma como as pessoas apresentam-se na rede social, o conteúdo que compartilha, pode fazer a pesquisadora crer que falar sobre tais assuntos (sua intimidade, suas preferências sexuais) pode ser mais fácil do que para alguém que não costuma compartilhar na rede material erótico e/ou pornográfico, por exemplo. Assim como o fato de estar disponível para conversar, adicionar ao meu perfil de Facebook pode sugerir que eu posso vir a ser uma parceira em potencial, nutrir os mesmos interesses e afinidades, etc. Essas situações da pesquisa muitas vezes assemelham-se a um jogo no qual, às vezes, os entrevistados parecem “impor sua definição do jogo ao pesquisador” (BOURDIEU, 1997, p. 699). Pode-se pensar que muitos podem ser procurados por curiosidade, que não seja científica, fazendo assim perguntas menos abusivas do que poderiam ser, normalmente. Algumas outras situações podem não fazer parte da lista de perguntas que a pessoa pode estar

acostumada: por exemplo, as pessoas sempre me perguntaram se eu além de pesquisadora era praticante de BDSM.

Assim, também, a pesquisadora, é passível de ser objetivada: “a Marcelle é pesquisadora”, “aquela é a pesquisadora”, “essa não é praticante, é só pesquisadora”, etc. Não somos só aqueles que oprimem, invadem, perguntam, supõem; também estamos na berlinda tanto quanto os pesquisados. Tive pouco acesso a reflexões que caminhavam pra esse lado, quase sempre se fala da objetivação do pesquisado, quase não se fala do outro lado da moeda. Há a questão da ética e há os contextos também, por exemplo, ter de continuar uma conversa na qual o pesquisado começa a dar em cima de mim porque eu preciso dele pra minha pesquisa? Não posso me surpreender com algo que um homem fale porque é "o esperado" do meu campo? Ok, eu escolhi isso pra mim porque eu escolhi o tema, escolhi o campo, mas será mesmo preciso ser passiva ao que acontece nele e a partir dele?

1.5 Apresentação dos/as principais entrevistados/as e/ou autores de blogs que contribuíram com a pesquisa²³

“O mundo inteiro *é* como um palco, e *de fato* exibimo-nos e gastamos nossa hora nele, e esse é todo o tempo de que dispomos. Mas como é o palco, e o que são as figuras que o povoam?” (GOFFMAN, 2012, p. 165).

Embora muitas perguntas tenham sido orientadas pela leitura das postagens e que os assuntos se repitam nas entrevistas, estas se mostraram importantes meios de acessar os sujeitos, de manter contato não apenas com o que elas escrevem, embora meu contato tenha sido através de bate papo online, assim como os blogs. É muito interessante considerar esse paradoxo²⁴.

Evidentemente que não há como saber, afirmo isso baseada no investimento que essas pessoas empreendem para criar seus perfis de redes sociais, do compartilhamento

²³ As informações que apresento sobre os interlocutores que compõem esta sessão estão em proporção ao tempo tipo de contato que pude estabelecer com ambos. Algumas pessoas apresentam mais informações do que outras pelo fato de que tive mais contato com uns do que com outros, portanto, tive acesso a mais informações do que com outros.

²⁴ Em uma conversa via chat do Facebook com uma mulher que se identificou como fetichista (*fetichismo por máscaras de gás, luvas, botas e asfixia*), ela me falou sobre *feeling*, ou seja, ao entrar em contato com alguém, é preciso perceber se há um *feeling se a pessoa manja* mesmo ou está apenas fingindo.

de fotos pessoais (que podem, de fato, não serem suas), suas falas elaboradas e cheias de jargões sobre estilos de vida, preferências eróticas e a preocupação muitas vezes presente em manter o anonimato. Em algumas entrevistas, informações mais íntimas me foram confessadas, no entanto, apenas acrescento que partem da gestão do segredo sobre a vida sado-fetichista para que não interfira na vida baunilha²⁵. As entrevistas também são indicativas do quão contraditório é um universo cujo único consenso parece ser o caráter consensual que define o BDSM como prática erótica legítima.

É importante mencionar que foram levantados questionamentos éticos²⁶ sobre a utilização do material disponível na Internet e da divulgação dos nomes e/ou apelidos dos pesquisados neste trabalho. Questionei-me muito sobre se seria ético mencionar falas disponibilizadas em blogs sem a permissão das pessoas, e mesmo com a permissão das mesmas. Já que o material está disponível e pode ser acessado por qualquer pessoa e com facilidade na Internet, por que não? Além disso, as pessoas protegem de alguma forma suas identidades reais não mostrando o rosto ou mostrando pouco do corpo em imagens de arquivo pessoal ou utilizando nicknames/apelido.

Houve um questionamento que me fez questionar mais ainda a utilização do material. Ao final de minha apresentação na Anpocs, uma professora falou sobre o perigo na divulgação dos apelidos. Mesmo que sejam elaborados discursos envoltos pela gestão da intimidade e dos riscos sociais que podem surgir da visibilidade de suas identidades, é muito importante considerar não indicar links de páginas online, disponibilizar apelidos, e que pode ser uma via falar abstratamente das pessoas e das falas. Embora as pessoas consentam que sejam disponibilizadas no trabalho suas imagens, links e nomes/apelidos, é importante pensar nas possibilidades de represálias vindo tanto de fora do meio sado-fetichista como do próprio meio; então, como ficam as imagens? Como identificar as pessoas e as falas? Como tratar e utilizar os links dos blogs? Visto que há pretensão de anonimato, e em muitos casos essa áurea de mistério seja mobilizada justamente como parte da performance e do fetiche de exibir e ocultar, além de estratégias de autoproteção que muitos utilizam para resguardar suas vidas *baunilhas*.

Diante disso, pergunto: como operacionalizar tudo isso no contexto de uma pesquisa como a minha, que lança mão de visualidades e representações? Nesse sentido,

²⁵ Conferir Glossário.

²⁶ Tanto na disciplina de Seminário de Dissertação, como na Qualificação e em minha participação na Anpocs em 2014.

pensei em algumas estratégias como modificar apelidos ou parafrasear algumas falas públicas, tanto dos blogs como do Facebook fossem uma forma de contemplar todas as valiosas sugestões que me foram feitas. A seguir, apresento os personagens principais desta dissertação, praticantes de rituais de feminização que partem de ou convergem com práticas sado-fetichistas e seus devidos apelidos modificados.

1.5.1 Ricardo, o Escravo

Ricardo, o Escravo foi o primeiro praticante de feminização que conheci e acabou sendo referência inicial sobre o tema. Atualmente, é casado com sua *Rainha e Dona*, não possui filhos e nem perfil “baunilha” no Facebook, aparentemente sua vida social online se dá através de seu perfil “fetichista”. Nossa primeira entrevista aconteceu em 2011, por e-mail, e desde então passamos a manter contato via Facebook. Pude conhecê-lo pessoalmente em 2013, ocasião na qual realizei uma entrevista, sem gravador. Ele se identifica como “escravo” e “submisso”, mas não apenas isso, pois existem dezenas de práticas sexuais com as quais ele se identifica e costuma compartilhar fotos de páginas sado-fetichistas, no Facebook; geralmente sua página é invadida por fotos de mulheres exuberantes, vestidas de lingerie e/ou com roupas feitas de látex, com máscaras de gás, tatuadas. Segundo ele, essas mulheres são como projeções do que ele deseja ser, parecer, mais do que alvos de desejo, expressam o que ele fantasia para si. Em todas suas redes sociais virtuais seu *nickname* aparece associado às iniciais de sua *Rainha e Dona*, indicando que ele é propriedade de alguém.

1.5.2 Servo Obediente

Através do Facebook conheci e mantive contato com Servo Obediente, em maio de 2013. Seu *nickname*, fotos de perfil e compartilhadas em sua página sugeriam sua identificação com a submissão e práticas de feminização. Nossa conversa foi iniciada por ele, pois o havia adicionado aos meus contatos e como não havia entrado em contato com ele, que me abordou devido tê-lo adicionado à meus contatos. Seu interesse inicial,

além disso, foi saber se eu havia gostado dele e se possuía amigas para apresentá-lo. Apresentou-se como “uma sissie” que adora “conversar com mulheres lindas”. Sendo assim, comecei a explicar porque o havia adicionado, dizendo que estava pesquisando sobre BDSM, faço mestrado em sociologia, pesquiso sobre o tema desde a graduação, e que minha pesquisa é sobre feminização, que queria conhecer *sissies*. Ele disse “nossa que delícia! Ótimo, sou uma, mas sou iniciante e tímida” (*sic*). Achei interessante o fato de ele se referir a si como ela, mesmo que o nome do perfil estivesse identificando-o como ele, o *servo*. Falei que se ele achasse que era invasão de privacidade ou algo parecido, eu entenderia; em seguida, ele respondeu que “não posso me revelar, estou sendo treinada. De jeito nenhum, pergunte o que quiser pode me humilhar, vou adorar”. Eu disse tudo bem, não tenho intenção de mostrar identidade de ninguém no trabalho só conversar e conhecer mais sobre, mas que a pesquisa estava no início (eu havia mudado o objeto dos discursos de legitimação nos blogs para os relatos sobre feminização masculina nos blogs) e que podíamos ir conversando, nos conhecendo, perguntei inclusive se ele/ela tinha um blog ou página que não fosse o perfil do Facebook, ele/ela disse “não só o face, já viu minhas fotos?” Pouco tempo depois, infelizmente, a conversa não pode continuar, e quando revolvi procurá-lo novamente para darmos continuidade, seu perfil havia desaparecido do Facebook, excluído ou me bloqueou. Esse sumiço foi uma constante entre meus contatos²⁷.

1.5.3 Sissy Maid Procura

Conheci Sissy Maid Procura também através do Facebook, em setembro de 2013. Casado, vindo do interior do Ceará, começou me chamando de senhora, e chamou várias vezes, até entender que eu não era *domme*. Ele lamentou, dizendo que *BDSM eh um mundo eh um universo muito além do simples binômio ou trinômio HETERO HOMO OU BI*. Concordei com a complexidade de tudo isso, e perguntei se ele curtiá há tempos. Casado, afirmou não praticar *nem 20% do q queria* devido a sua esposa ser *crente*. Estava no Facebook à procura de uma *dommer*.

²⁷ Menciono esses sumiços como um dos impasses que encontrei durante a pesquisa, da página 27 à 31.

1.5.4 Maíra Crossdresser

Adicionei Maíra Crossdresser e começamos a conversar via chat do Facebook em março de 2014. É do Rio de Janeiro, 33 anos. Expliquei que a adicionei porque pesquiso sobre feminização. Maíra perguntou, mestrado em que, e eu respondi. Perguntou se eu entendia o que é a feminização. Falei que sim, que havia conversado com algumas pessoas que praticavam, que pesquiso em blogs que falam sobre e que conheci algumas pessoas. Ele/ela (menciono ambas as formas porque a pessoa alternava entre referências femininas e masculinas em sua fala) iniciou um monólogo fluente e intimista, que só foi interrompido por mim algumas poucas vezes. Sua foto de perfil no Facebook deixava evidente seu rosto, como disfarce apenas uma peruca loira e batom vermelho nos lábios performando um beijo. O medo de que o reconhecesse não o incomodava mais, “eu tinha medo, mas agora to nem aí sabe”. Conversamos algumas vezes mais, além da entrevista que preferi nomear de conversa, até que após mudar o nickname utilizado no Facebook, desapareceu, não sei se seu perfil foi desativado ou se fui bloqueada.

1.5.5 Sissy Hormozinada

Uma das poucas entrevistas realizadas em meu perfil de Facebook feito para a pesquisa aconteceu em dezembro de 2013, com Sissy Hormonizada. Apresentei meu objetivo com minha pesquisa e que manteria o sigilo, que manteria seu anonimato. Ele só aceitou participar da pesquisa por esse motivo. Casado há 13 anos, 32 anos de idade, um filho de 8 anos de idade, afirma ter “esse desejo em feminização desde criança”, “desde novo gostava e tinha vontade de andar de salto ou usar calcinha”. Tendo sido criado em uma cidade pequena no interior do Rio de Janeiro, teve uma “criação muito rígida”. Casou cedo, mas diz que não se arrepende: “So fui contar a minha esposa sobre esses e mais alguns desejos que tenho de uns 2 anos pra cá. Ela não aceitou bem esse meu desejo em ser mulher e até pede que eu não toque no assunto”. O apelido que escolhi para identifica-lo se dá pelo fato de ter me dito que já chegou a tomar hormônios para “se sentir mais feminino”.

1.5.6 Submisso feminizado

Submisso feminizado é autor de blog cujo tema principal é o processo de feminização em uma relação sado-fetichista, se identifica como submisso “encoleirado”, e o blog fora criado por incentivo de sua *Dona*, a fim de que ele possa contar suas experiências, no período de novembro de 2008 a julho de 2009. Os relatos partem da vivência como submisso em processo de feminização e a complexidade das reflexões sobre implicações das práticas na vida do submisso. A prática da feminização aqui é contextualizada, o BDSM é um cenário para vivencia desse tipo de fantasia, a qual possui “várias ramificações, objetivos, motivos e cenários” e destaca sua incorporação do feminino como modelo de submissão e de aproximação de sua Dominadora.

1.5.7 Prissy Maid

Conheci o blog de Prissy Maid antes de conhecê-la através do Facebook. Encontrei seu blog em um levantamento sobre o tema no Google Brasil. Mantive, portanto, contato primeiramente com o material de seu blog e posteriormente entrei em contato através do Facebook, solicitando sua participação em minha pesquisa e pedi, caso ela aceitasse, que conversássemos por e-mail. As experiências narradas por Prissy Maid se assemelham em muitos pontos com as contadas anteriormente, no entanto, a feminização toma um lugar diferente na sua vida, em relação aos outros. Conversamos por e-mail entre dezembro de 2013 e maio de 2014. As postagens de seu blog foram observadas de agosto de 2013 a agosto de 2014. Há a presença nítida de dilemas, dúvidas e desconforto com o corpo e com o próprio gênero, tanto que ela se auto-identifica como uma “transexual lésbica submissa presa em um corpo masculino”.

Prissy Maid, desde o começo de nosso contato, fez questão de dizer que eu tinha “liberdade” para perguntar o que quisesse. Da leitura de suas postagens, muitas informações sobre sua vida desde a infância, passando por problemas na adolescência e

na vida adulta, sobre aceitação. Ela abordava muitos assuntos sobre suas experiências sado-fetichistas e vida pessoal, sobre sentir-se uma mulher em um corpo de homem.²⁸

1.5.8 Corno Manso

De Fortaleza, Corno Manso foi entrevistado duas vezes, em maio e em dezembro de 2013; ele afirmou ter interesse por práticas sado-fetichistas desde os 13 anos (atualmente tem 39): “me reconheço como submisso desde os 13”. O apelido foi escolhido com base em sua fala: “interessante é q qdo eu falo q adoro ser submisso e corno manso as pessoas falam q a maioria das mulheres gostaria de viver uma relação assim.. e isso é um equívoco tem sim mulher q curte mas definitivamente não é a maioria é uma minoria, isso sim, é machismo mesmo que as pessoas colocam na cabeça e é como se fosse uma coisa do outro mundo”.

1.5.9 Submisso Online

Entrei em contato com Submisso Online, por e-mail, em novembro de 2013, após conhecer seu blog, o qual aborda assuntos variados em torno do assunto “submissão masculina”. De acordo com o próprio, em entrevista, pratica a feminização “em uma perspectiva de humilhação e/ou da obediência ao desejo de uma figura dominante. Mas não é uma coisa que eu, particularmente, tenho como uma busca pessoal. Mas depois de alguns anos vivenciando o BDSM algumas coisas mais sutis dentro desse contexto de feminização eu até passei a apreciar”, o que destaca que para ele é um estilo de vida, no sentido de que “atualmente não mantenho mais relacionamentos baunilha”.

²⁸ Sua fala sobre a inadequação do gênero masculino foi muito importante, e foi muito penoso ter de deixar de fora da dissertação esse material, pois seria desfocar do objeto que proponho analisar, que é a feminização no contexto sado-fetichista. O caso particular de Prissy Maid é diferente dos outros com os quais tive acesso, que deveria ser discutido em outro momento.

CAPÍTULO 2. UMA AVENTURA NO MUNDO DAS FANTASIAS: UMA ETNOGRAFIA ONLINE DE JOGOS ERÓTICOS E TROCAS DE PODER

“Bem, a verdade é que ninguém sabe explicar direito da onde vem o prazer de quem domina. Eu digo que é absolutamente psicológico. Pra mim, é. O sacrifício do escravo me toca. Sensibiliza como uma carícia”²⁹.

Neste capítulo apresento material etnográfico proveniente de blogs e sites com temáticas e formatos variados inseridas no universo sado-fetichista e entrevistas, e analiso-o mantendo diálogo entre minha percepção das observações no campo e categorias que surgem dessa observação. O objetivo central é identificar nas falas dos praticantes divulgadores práticas que complementam o objeto de análise. Algumas nomenclaturas aparecem constantemente: submissão masculina, FemDom, inversão de papéis, bem como alguns jogos e acessórios específicos com usos específicos.

Assim como no estudo de Camilo Braz (2009, p. 77) no qual ele chama atenção para “as convenções que permeiam as práticas sexuais e as escolhas eróticas vividas” nos espaços estudados em sua pesquisa, ele questiona “especialmente os modos pelos quais a masculinidade é reivindicada, apropriada, significada, corporalizada e performatizada nesse mercado”, parto do pressuposto de que meu objeto também é permeado por convenções de gênero e sexualidade e proponho a investigação dos modos pelos quais tanto a feminilidade quanto a masculinidade são reivindicadas, apropriadas, significadas, corporalizadas e performatizadas. Grossi (1995, p. 6) lembra que uma das principais definições ocidentais de “masculinidade” remete à atividade, na qual “ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o”.

Há convenções de gênero e sexualidade que permeiam as práticas de sado-fetichismo, bem como há convenções das práticas de submissão e do processo de feminização, que embora não sejam bem claros e delimitados, têm uma lógica e envolvem também escolhas eróticas, também são uma forma de reivindicação de uma feminilidade que existe “na alma”, no corpo andrógono ou não, no desejo de sentir-se,

²⁹ Depoimento de Rainha Frágil em seu blog, disponível no link: <http://rainhafragil.wordpress.com/2008/07/01/spanking/>. Acesso em: 11 de agosto de 2014.

fazer-se e apresentar-se feminino. Nesse sentido, buscamos “pensar nos corpos desejáveis” no contexto sado-fetichista “para se entender os sujeitos possíveis” (BRAZ, 2007, p. 2), já que “a visão heterossexuada do mundo na qual a sexualidade considerada como ‘normal’ e ‘natural’ está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres. As outras sexualidades, homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transexuais... são, no máximo, definidas, ou melhor, admitidas, como ‘diferentes’” (WELZER, LANG, 2001, p. 460).

2.1 Pensando o sexo na pós-modernidade: sobre encontros sexuais consensuais

Começo esta seção com o depoimento de Submisso Online concedido em entrevista via e-mail em novembro de 2013, que chama atenção para os pontos que serão abordados no capítulo. É ilustrativo da importância da iniciação sexual e no meio BDSM, da Internet como mediadora desse contato.

Quando eu conheci o BDSM eu já tinha muitas referências fetichistas que vinham comigo, como segredos velados, que foram sendo absorvidas no decorrer dos anos durante o meu desenvolvimento sexual. Muitos foram esses elementos que me levaram até o BDSM como trechos de filmes, momentos íntimos que vivenciei com algumas parceiras ou leituras que eu fazia desde minha adolescência. Vou citar um aqui que me recordo e que até hoje é bem marcante, mesmo sendo algo simples. Me lembro de um filme porno que eu assisti na adolescência, intitulado "Latex", que de BDSM tinha pouco, mas a atriz que fazia a introdução do vídeo usava um belo traje em latex e era o esteriótipo da Dominadora. Esta imagem eu guardei e é uma fonte de inspiração até hoje. Como esta, varias outras experiências que tive foram despertando em mim uma perspectiva sexual mais fetichista.

Com a popularização da internet, um dia resolvi pesquisar no google a palavra "Dominatrix". Eu não tinha um objetivo específico, só queria ver o que resultaria da busca. E esse foi o início da minha jornada no BDSM, pois como de um tema a gente segue para outro, até que acabei descobrindo o BDSM e todo o universo fetichista que faz parte dele. Com a leitura, as praticas que para mim eram entendidas de uma forma isolada, como fetiches simplesmente, passaram a ficar agrupadas nesse um universo. E foi tiro e queda, tudo que eu lia me instigava muito. Sempre fui um homem dócil e com uma inclinação para a submissão. Por isso acabei tendo muita afinidade com os conceitos da supremacia feminina e acabei seguindo por esse caminho. Enquanto lia alguns blogs e páginas sobre os temas resolvi buscar também dentro do Orkut o contato de algumas pessoas e foi aí que tive a oportunidade de ter minha primeira experiência de servidão tendo o entendimento de BDSM.

Como na época eu guardava muitas imagens e textos e estava vendo muitos videos acabei resolvendo fazer um blog para compartilhar esse material que eu selecionava. E com isso acabei também dividindo um pouco do meu ponto de vista sobre alguns temas. Tive um blog

que era muito desorganizado, então em 2010 resolvi criar o... com uma proposta um pouco mais bem acabada visualmente. Na minha cabeça eu queria que ele ficasse mais "bonitinho". Quando decidi isso eu não imaginava que eu receberia contato de pessoas do mundo todo e muito menos que eu chegaria a ter mais de 250 mil visitantes em 3 anos de publicações. Não sei dizer se esse número é muito ou se é pouco, mas com certeza é bem além do que eu imaginava.

A fala acima ressalta que o fato de que a sexualidade é um assunto tão importante quanto terreno na qual a polêmica se instala, “tão produto da atividade humana como o são as dietas, os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, formas de trabalho, tipos de entretenimento, processos de produção e modos de opressão” (RUBIN, s/d, p. 11). No entanto, é uma esfera perpassada por uma política, por desigualdades e modos específicos de violência simbólica (RUBIN, s/d, p. 1).

Como em outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. São imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada e mais excessivamente politizada. Nesses períodos o domínio da vida erótica é, de fato, renegociado.

Por muito tempo o pensamento associado a sexualidade dizia que o interesse prematuro no sexo, sexo oral e a masturbação eram prejudiciais ao desenvolvimento infantil e que seu exercício estava associado a insanidade, deficiência mental e moral e a “depravação”. A homossexualidade era tida como um desvio. Enquadrados no termo “minorias sexuais”, pessoas que não se encaixam na matriz de inteligibilidade heteronormativa foram e continuam sendo perseguidas através de abusos de poder de dispositivos criados para a repressão: o Estado e as ciência *psi* são dois exemplos mais significativos, munidos de uma “codificação legal sutil de um controle rigoroso sobre o comportamento sexual adulto” (RUBIN, s/d, p. 6) com o intuito de “comprimir as fronteiras do comportamento sexual aceitável” (RUBIN, s/d, p. 8), chamando atenção maior para a “negatividade sexual” e a inferioridade dos genitais e comportamentos eróticos não convencionais e/ou “estilos de vida não convencionais” (RUBIN, s/d, p. 25), sendo a medicina e a psiquiatria responsáveis pela multiplicação de categorias de má conduta sexual (RUBIN, s/d, p.14), formando assim um conjunto de discursos que Foucault (1988) chama de “dispositivo de sexualidade”. Essa dissertação apresenta um conjunto de narrativas que enunciam e indicam “mudanças ou inflexões nas dinâmicas que operam os dispositivos da sexualidade” (GREGORI, 2011, p. 314) e uma

diversidade de elementos que constituem as cenas, que são acessadas através de relatos coletados.

É a partir daí que o sexo é culpabilizado, a menos que haja uma razão específica para isentá-lo sob as simbologias do casamento heterossexual monogâmico procriativo sob a insígnia do amor, “virtualmente todos os comportamentos eróticos são considerados maus” (RUBIN, s/d, p. 13). Significa dizer que “Atos sexuais são sobrecarregados com um excesso de significância” (RUBIN, s/d, p. 13-14) e que existem, portanto, lugares de aceitabilidade (p. 16). Assim, “Cada mudança dos valores ou práticas sexuais que afastava do mais convencional era vista como um potencial de liberação da besta sexual, que produziria o colapso da família, das instituições religiosas e até da própria sociedade” (GAGNON, 2006, p. 76).

Casais lésbicos e gays estáveis, de longa duração, estão no limite da respeitabilidade, mas sapatões de bar e homens gays promíscuos estão pairando um pouco acima do limite daqueles grupos que estão na base da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais. Indivíduos cujo comportamento está no topo desta hierarquia são recompensados com saúde mental certificada, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, suporte institucional e benefícios materiais. Na medida em que os comportamentos sexuais ou ocupações se movem para baixo da escala, os indivíduos que as praticam são sujeitos à presunções de doença mental, má reputação, criminalidade, mobilidade social e física restrita, perda de suporte institucional e sanções econômicas. Um estigma extremo e punitivo mantém alguns comportamentos sexuais como baixo status e é uma sanção efetiva contra aqueles que as praticam. A intensidade deste estigma está enraizada nas tradições religiosas do ocidente. Mas muito do seu conteúdo contemporâneo deriva do opróbrio médico e psiquiátrico (RUBIN, s/d, p. 14).

Os modelos “aceitáveis” de relações afetivas e eróticas que escapam às matrizes heteronormativa (homem-mulher) e homonormativa (homem-homem e mulher-mulher) atraem para si o rótulo do perigo e do risco e a incapacidade de envolverem qualquer tipo de afeição, amor, consenso e gentileza. Gayle Rubin (s/d, p. 17) afirma que esse tipo de moralidade se aproxima mais às ideologias racistas do que uma preocupação ética e que, nesse sentido, a sexualidade não deveria passar pelo crivo da ética, desde que houvesse consenso entre os participantes da relação, seja héreto ou gay, comercial ou não comercial, em grupo ou casal, e chama atenção para a diversidade de visão de mundo relacionada aos desejos sexuais: “aquilo que fazem sexualmente será repulsivo

para alguém, e que alguma coisa que os repele sexualmente é o maior tesouro prazeroso para alguém, em algum lugar”. Esse seria o grande erro, considerar que deve haver uma “sexualidade ideal singular” (p. 17-18).

Em contrapartida, grande parte dos comportamentos “próximos à borda” avança por sobre as fronteiras, movendo-se na direção da luta por direitos sexuais e respeitabilidade, acompanhando o desenvolvimento de pesquisas empíricas sobre o sexo que ajudaram a incorporar um “conceito positivo da variação sexual”, como Alfred Kinsey, John Gagnon e William Simon, inclusive Havelock Ellis (RUBIN, s/d, p. 18). O avanço sobre as fronteiras também diz respeito à reorganização da vida urbana, conseqüentemente, das relações de trabalho e familiares, e papéis de gênero, produzindo “novas formas de identidade, produziu novas variedades de desigualdade social e criou novos formatos para o conflito ideológico e político”, além de originar “um novo sistema sexual caracterizado por distintos tipos de personagens sexuais, populações, estratificação e conflito político” (RUBIN, s/d, p. 19). A homossexualidade é um exemplo de “comportamento” que passou/passa por processo de punição, aceitação, proibição, ou como experiência temporária ou uma vocação (p. 20), também saída do DSM e alcançando espaço social através da criação de comunidades e identidades: “No presente vários grupos tentam emular os sucessos dos homossexuais. Bissexuais, sadomasoquistas, indivíduos que preferem encontros com cruzamento de gerações, transexuais e travestis estão todos em vários estágios de formação” (p. 21). “Áreas do comportamento sexual chegam ao alcance da lei quando se tornam objeto de preocupação social ou tumulto político” (p. 23).

Assim, “A lei dá suporte as estruturas de poder, códigos de comportamento e formas de preconceito. Na pior das hipóteses, a legislação sexual e a regulação sexual são simplesmente uma apartheid sexual” (p. 26). Isso porque “Apesar de essa situação ter mudado muito, a discriminação contra pessoas gays ainda é excessiva”: assumir-se é um problema: “Se é difícil para pessoas gays encontrarem emprego onde não precisem fingir, é duplamente ou triplamente mais difícil para indivíduos mais exoticamente sexuados. Os sadomasoquistas deixam suas roupas fetichistas em casa, e sabem que devem ser super cuidadosos na ocultação de suas verdadeiras identidades” (p. 26) (esse assunto será abordado no terceiro capítulo).

Os processos através dos quais as minorias sexuais formam comunidades e as forças que buscam para restringi-las leva a combates sobre a natureza e

limites das zonas sexuais. A sexualidade dissidente é mais rara e também vigiada mais de perto nas pequenas cidades ou áreas rurais... Informações sobre como encontrar, ocupar e viver nos mundos sexuais marginais também são suprimidas. Guias de navegação são escassos e imprecisos. No passado, fragmentos de rumores, fofocas distorcidas e má publicidade eram as dicas disponíveis para os lugares de clandestinidade das comunidades eróticas (RUBIN, s/d, p. 29).

Seguindo a linha da condenação de sexualidades não convencionais, a iconografia S/M expressa imagens chocantes, tomada fora do contexto da consensualidade. A essa interpretação das práticas SM como violentas e doentias, para propagar um discurso anti-pornografia, na qual o sadomasoquismo figura como “pornografia violenta” (RUBIN, s/d, p. 33).

Boa parte da propaganda anti-pornografia implica que o sadomasoquismo é a “verdade” essencial e subjacente para onde toda a pornografia tende. A pornografia é pensada como levando à pornografia S/M, alegando de forma bem estranha que esta leva ao estupro. Essa é uma estória do tipo “a vida é assim”, que revitaliza a noção de que pervertidos sexuais cometem crimes sexuais, mas não pessoas normais. Não há evidência que leitores da erótica S/M ou sadomasoquistas praticantes cometem um número desproporcional de crimes sexuais (RUBIN, s/d, p. 32).

A associação entre a iconografia S/M e o estupro implica no fato de que o discurso sobre a sexualidade está mais para uma demonologia, categorizando comportamentos sexuais da pior forma possível e deturpando a sexualidade humana: “usam os piores exemplos disponíveis como se fossem representativos”, além de mostrar “a pornografia mais repugnante, as formas mais exploradas da prostituição e as menos palatáveis ou mais chocantes formas de variação sexual” (RUBIN, s/d, p. 36). O discurso anti-pornográfico seria, nesse sentido, sexista e uma forma massiva de exclusão que culpa a indústria do sexo por produzir desigualdades. Gayle Rubin afirma que essa é uma visão reducionista, equivocada e conservadora.

[...] os participantes desses debates parecem concordar que a violência não reside nos atos em si, mas no objetivo, e conseqüentemente no modo com que são praticados. Se a violência tem por objetivo ferir e não requer cuidados para evitar que isso ocorra, uma prática BDSM tem por objetivo proporcionar prazer a adultos que assim o desejam, de modo consensual, sendo cercada por cuidados para evitar lesões, ainda que marcas temporárias possam ser apreciadas (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 217).

É importante considerar, diante desse panorama, que não apenas o gênero é política como a também a sexualidade (RUBIN, s/d, 44), que é um objeto em disputa (SZWAKO, 2007, p. 267). Essa política “é organizada em sistemas de poder os quais recompensam e encorajam alguns indivíduos e atividades ao passo em que punem e suprimem outros”, de maneira que “o que está acontecendo agora é a emergência de um novo movimento sexual, sensível a novos assuntos e buscando uma nova base teórica”; as “guerras sexuais” produzem deslocamentos que produzem, por sua vez, mudanças (RUBIN, s/d, p. 44).

Em meio a movimentos de contestação e deslocamentos das fronteiras, surgem críticas contundentes à noção de “identidade”; “essa transgressão é operada ao se deslocar do âmbito da sexualidade, entendida como ‘objeto’ de pesquisa, para o registro do corpo e das corporalidades” (SZWAKO, 2007, p. 268): a *teoria queer*. *Queer* é um termo que abarca uma série de expressões homofóbicas utilizadas no senso comum, com tradução aproximada a “estranho”, “esquisito”. No entanto, o uso desse termo pelos *estudos queer* é no sentido de desconfiar de tudo o que se apresenta como posto, fixo e imutável, sendo assim “um instrumento crítico de desnaturalização tanto das relações de poder quanto das coisas tidas como óbvias”, como os “binarismos operantes em diversas dimensões e com diferentes alcances (hétero/homossexual, cultura/natureza, feminino/masculino, conhecimento/ignorância)” (SZWAKO, 2007, p. 268).

Louro observa que não apenas gênero e sexualidade são – o jargão tem fins didáticos – construções sociais, mas o sexo (corpóreo-biológico) é, também ele próprio, uma construção. Com efeito, o que entra em jogo aqui é um binarismo caro à tradição teórica racionalista que pensa e produz a oposição natureza/cultura como algo lógico e necessário (SZWAKO, 2007, p. 270).

No Brasil, de acordo com Facchini e Machado (2013, p. 201) “há diferentes rumos assumidos a partir das várias classificações e subjetividades que emergem do processo de esquadramento das sexualidades periféricas no decorrer do século XIX e início do século XX” também diferentes formas de “produzir deslocamentos por parte de sujeitos que tomam para si a tarefa de operar inversões estratégicas da ‘vontade de saber’ que marca o que Foucault (1988) chamou de ‘dispositivo de sexualidade’”. Uma questão constante e que é importante para refletir sobre a maioria das experiências, que se assemelha a uma posição da teoria *queer* diz respeito ao “direito ao prazer e à

felicidade e os ideais que colocam homens e mulheres em posição de igualdade na busca desses *direitos*”.

2.2 Situando o BDSM no contexto contemporâneo

A apropriação com sentido erótico da categoria *sadomasoquismo* e/ou a adesão ao acrônimo BDSM têm se feito presentes no Brasil desde pelo menos o início da década de 1990. É preciso ressaltar que há um “trânsito de categorias e classificações entre diferentes atores sociais” (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 198), termos e nomenclaturas êmicas que possuem carga erótica: dominação, submissão, disciplina, feminização adquirem teor erótico nessas relações especificamente, as práticas englobadas pelo acrônimo BDSM. Num primeiro momento, essa presença no Brasil pode ser notada por meio da produção de literatura erótica, pela comunicação de praticantes em revistas e classificados eróticos. De acordo com Facchini e Machado (2013) o marco da difusão do sadomasoquismo erótico no Brasil está ligado às figuras de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso, autores de livros em formato autobiográfico, de relatos reais e/ou ficcionais (no caso de Wilma Azevedo, há uma mescla de ambos) a partir da década de 1980.

O livro mais famoso de Glauco Mattoso, “Manual do podólatra amador”, publicado em 1986, é um livro em formato autobiográfico que incorpora em sua trama o fetiche por pés, a podolatria. Já Wilma Azevedo, considerada uma das primeiras pessoas a utilizar e divulgar o termo *sadomasoquismo erótico*, é autora dos livros “Sadomasoquismo sem medo”, “A vênus de cetim” e “Tormentos deliciosos”. Sua atuação é importante no sentido de que “tendo tomado contanto com praticantes que se comunicavam via classificados eróticos de jornais e revistas, passou a produzir escritos ficcionais que *davam voz* às fantasias e às práticas dos integrantes desse *meio*”. Além das duas figuras importantes mencionadas, havia mais alguns praticantes famosos assumidos, como Henfil:

Henfil – o nosso famoso cartunista, o primeiro homem público a assumir essa posição aqui no Brasil, revelando em artigos, entrevistas e palestras que os seus Fradins são os refletores de seu próprio ego, porque é um Masoquista assumido – ajudou muitos homens a se libertarem do peso de ser Masoquistas. Homens que haviam se casado com mulheres que não tinham nada a ver com as suas tendências e predileções sexuais partiram à procura de quem os satisfizesse

melhor na cama e, hoje, são muito felizes. Muitos homens que passam o dia todo vestidos com a sua 'capa' de Macho, por imposição do trabalho, meio ambiente ou outros motivos, à noite estão morrendo de vontade de abandonar a sua máscara de mandões e machistas, para se tornar brinquedos sexuais nas mãos de mulheres inteligentes e fortes que os submetam a seus caprichos e vontades! (Azevedo, 1986: 168 *apud* Facchini & Machado, 2013: 201).

No entanto, Glauco marca o importante papel das referências estrangeiras para o *meio* BDSM, inclusive como constituindo o terreno das práticas de *sadomasoquismo* no contexto brasileiro. Além da liberação sexual nesses lugares parecer ser maior do que no Brasil, o clima do país também influencia nas práticas, como por exemplo, nas que utilizam o couro como foco central. E a internet figura como ferramenta central nessa articulação de referenciais estrangeiros e nacionais, assim como na divulgação/difusão do BDSM, e muitos dos praticantes mais velhos migraram dos jornais, revistas e classificados para a internet:

Aliás, corroborei essa convicção quando fui ver de perto, em 80, as grandes matrizes mundiais do way-of-life guei: Nova York e San Francisco. Lá constatei não haver 'especificidade' que não tenha seu mercado de consumo & sua filosofia de vida; e de lá trouxe uma batelada de livros e revistas sobre S & M, podolatria inclusa (Mattoso, 2006: 150 *apud* Facchini & Machado, 2013: 203).

Na década de 1980, quando já estava entrando na faculdade, *Prissy Maid* relata que tudo piorou pelo fato de não se identificar com os homens, nem com gays, o que só aumentava a dúvida: *então o que eu era?* O contexto já referido no capítulo dois desta dissertação aparece como crucial nesse momento da vida de Priscila. Foi por meio dos escritos de Wilma Azevedo, na revista *Ele Ela* que tudo começou a ficar mais claro:

Por volta dos meus 19 anos, existia uma revista, que era como a Playboy é hoje que se chamava Ele Ela. Nesta época, início dos anos 80 ainda não tinha ainda computador, a revista publicou um anúncio falso de uma Dominadora procurando um escravo. O espanto foi enorme com a grande quantidade de respostas ao anúncio. Com isto ela resolveu fazer umas reportagens sobre o assunto e uma Dominadora chamada Wilma Azevedo foi convidada. Este foi o meu primeiro contato real com pessoas falando e discutindo assuntos que remetiam a mim. Esta Senhora Wilma Azevedo continuou escrevendo sobre BDSM para outra revista da época. Com isto tomei conhecimento sobre toda a terminologia BDSM, inclusive feminização forçada. Lembro muito bem de um relato onde a esposa depois de uma aposta com o marido o transformou durante um final de semana em sua empregada doméstica. Manteve o marido no quarto de empregada, todo depilado e feminizado, realizando todo o serviço doméstico e ela a

noite ia ao quartinho e “abusava” da “empregada” que era o seu marido. No final ela disse que nunca tiveram na vida dias tão felizes, e desde então mantiveram tal ordem das coisas. Não imagina qual foi a minha alegria ao ver que eu não era um ser único. Que existiam pessoas iguais a mim. Desde então passei a ser uma ávida consumidora de tudo o que saía a respeito até que tive acesso a um jornal chamado *Feminine Illusion* que era publicado nos EUA, o qual eu fiz uma assinatura e ele era mensalmente entregue em uma caixa postal que eu possuía. Com este jornal tive o primeiro contato com as denominações de *crossdresser* e *sissy*... Como isto foi uma revolução na minha cabeça, passei a ver que eu não era louca, que existiam muitas pessoas iguais a mim. Pessoas estas com alto nível cultural por sinal³⁰.

Por essa dificuldade de entender o que acontecia consigo e da falta de referências, Prissy Maid criou seu blog, “lugar para eu desabafar e também para reunir em um só local tudo o que gostava”. Mas em novembro de 2012 conheceu sua atual *Dona* e, a partir desse encontro, afirma que “enfim, nasci”.

Dando sequencia, desde esse início no contexto brasileiro, notam-se esforços voltados a dar atenção a noções como a de consensualidade, classificando assim as práticas sado-fetichistas no plano do erótico, inserindo-as no circuito de relacionamentos possíveis. Além disso, e nesse sentido, lançando atenção para uma (des)identificação com categorias patologizantes, como “anormais” e “perversos”, frutos de categorização dos discursos médico-científicos, notadamente das ciências *psi*, psiquiatria, psicologia, psicanálise, e sexologia. Com o desenvolvimento da internet e de ferramentas de interação mediadas por computadores, têm se multiplicado sites, blogs, salas de bate papo, listas de discussão, comunidades em redes sociais e espaços de interação presencial, como grupos, festas ou clubes, revelando os contornos do que os adeptos chamam de *meio*, *comunidade* ou, eventualmente, de *movimento* (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 198-199).

No início dos anos 2000 já havia muitas páginas online voltadas para BDSM, com divulgação de material diverso (locais de encontro, manuais) indicadores do que é ou não *seguro* fazer, discussão sobre a *filosofia* que acompanha as práticas, relatos eróticos e fotos. Mas a interação online não se esgota em si mesma, dando margem à interação off-line entre praticantes e também à formação de grupos (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 204-205).

³⁰ Disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2011/03/continunando-minha-historia-de-vida.html>. Acesso em: 6 de dezembro de 2014.

As práticas elencadas sob a sigla BDSM são “práticas eróticas estigmatizadas e vividas em segredo” que passam por um movimento de “legitimidade ainda em construção” com base na necessidade de “gerir coletivamente os *riscos* num contexto marcado pela condição de *segredo* por meio do qual este universo erótico se insere na vida de seus praticantes” (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 213- 220). É interessante chamar atenção para o fato de que também pela proliferação de material disponibilizado em sites e blogs é através de relatos em formato autobiográfico que se dá parte dessa tentativa de desvincular o estigma e legitimar as práticas como sadias, seguras e consensuais. “É através da possibilidade que os praticantes de BDSM têm de manter contato na Internet que se veicula o discurso de legitimação, descriminalização e despatologização das práticas sexuais associadas ao BDSM” (ZILLI, 2009b, p. 4). Outros estudos ressaltam essa importante interlocução entre as dimensões online e off-line acionadas pelos praticantes, como Leite Júnior (2000), Brittes (2006), Silva (2012) e Freitas (2012).

A articulação entre momentos online e off-line de sociabilidade (Parreiras, 2008) no *meio* continua sendo muito importante, de modo que ambas as modalidades se alimentam e se influenciam mutuamente. Com relação a essa articulação, um ponto relevante diz respeito à popularização da internet e ao que se pode observar em espaços de interação presencial de adeptos nos últimos anos: não se trata apenas da popularização (no sentido de não serem mais espaços frequentados majoritariamente por pessoas de estratos altos e médios como no início da década de 2000), mas também do crescimento do número de pessoas que frequenta espaços presenciais de encontro ou comunidades online (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 205).

Houve, portanto, ampliação de espaços de debate sobre as práticas, a criação de fóruns e listas de discussão, sites e blogs, servindo como forma de socialização sem fronteiras das experiências, de redes de contatos e discussão sobre regras e convenções do *sadomasoquismo erótico*.

Por ser um meio que se caracteriza pela facilidade de comunicação, pela promessa de anonimato e pela oportunidade de contatar indivíduos que partilham interesses em comum, a Internet tornou-se ideal para a formação de grupos identitários que criam diversos tipos de comunidades virtuais. Além disso, os discursos sobre o BDSM encontram-se num contexto de suporte à própria ideia de um grupo identitário, pois reproduzem a noção de pertencimento através da informação de técnicas, conceitos e definições (ZILLI, 2009a, p. 483-484).

As práticas BDSM são baseadas em um conjunto de argumentos, jogos, cenas, e personagens (ZILLI, 2008). Para citar algumas regras fundamentais na elaboração do discurso sobre o caráter erótico e consensual das práticas, há o lema SSC (são, seguro e consensual) que as definem como *sadias*, para desvincular qualquer imaginário negativo relacionado ao termo “sodomasoquismo”, bem como para impulsionar uma conscientização coletiva de que as práticas devem ser realizadas de forma sadia, principalmente em relações individuais³¹. Essa questão está diretamente relacionada à patologização dos termos sadismo e masoquismo pelas ciências *psi*, remetendo a intenção de formação de um “campo de ética” (LEITE JR., 2000, p. 23). Outro ponto importante é a *safeword*.

O lema SSC significa praticar o sadomasoquismo em plena sanidade mental, o que geralmente inclui a não ingestão de bebidas alcoólicas e qualquer outro tipo de droga, um estímulo à segurança de ambas as partes, desde que seja assegurada a *consensualidade* dos participantes, e a *safeword* ou palavra de segurança, é mobilizada como dispositivo que pode ser acionado por ambos os praticantes, no momento mesmo da prática, para avisar quando esta deve ser interrompida, no momento em que um dos praticantes chega a seu limite físico ou psíquico. A *safeword* “realça o aspecto tido como essencial de qualquer relação BDSM, que é a comunicação. A comunicação permite a negociação, que por sua vez, abre portas para o consentimento – sem o qual não há BDSM” (ZILLI, 2009a, p. 491).

O consenso que caracteriza o BDSM como prática consensual parte de “um ideal de consentimento, entendido como um exercício de vontade entre os parceiros em fazer parte dessas relações” (ZILLI, 2008, p. 2) e é nesse sentido que Gregori (2005) o classifica como “um jogo erótico de poder e confiança”. O consentimento é, portanto, central nesses jogos eróticos de poder, e seu significado e aplicação pode também ser negociado. Gregori (2005) afirma que “tudo parece estar sendo cuidadosamente montado para encenar uma situação que simula a violência, mas que, simultaneamente, a afasta ou neutraliza”, e afirma ainda que é um processo no qual há “neutralização, domesticação ou ressignificação dos traços e conteúdos violentos envolvidos” nas práticas (GREGORI, 2008), as quais são como se fossem paródias, no sentido de que são ambíguas e “performs social power as both contingent and constitutive” (MCCLINTOCK, s/d, p. 91).

³¹Disponível em: <www.senhorverdugo.com/origem-do-ssc.html>. Último acesso em: 03/06/2013.

Os blogs, sites e páginas do Facebook (grupos, páginas, perfis), apenas uma parte do material suporte online de informações sobre o tema, são palco para *subidentidades*, personagens que se insurgem/voltam contra “a definição estritamente psiquiátrica/patológica da sua sexualidade através de uma política de afirmação identitária, expressa por um discurso de legitimação de objetivos bem definidos” (ZILLI, 2009a, p. 483-490). Através de material disponível nessas páginas online tentamos apreender um pouco do universo do sado-fetichista, onde as pessoas identificam-se como praticantes de BDSM, ou como praticantes de *feminização masculina*, relatam experiências vivenciadas segundo as convenções desses grupos, apropriando-se e jogando com estratégias e convenções sociais. A seguir, quatro pontos importantes para situar o contexto do qual partem as narrativas, os cenários acionados: o *FemDom*, a *inversão de papéis*, a *feminização forçada* e a *sissy maid*.

A partir daí, podemos visualizar formas diferentes de captura de corporeidades, reforçando a relação entre vivência do corpo, subjetividade, sexualidade e gênero, categorias que atravessam a mobilidade corpórea, seja ela online e/ou off-line: essas duas dimensões enredam vários níveis e potencialidades de corpo. Foucault (2004, p. 260-264) chama atenção para o fato de que a sexualidade é um dos domínios da criatividade humana, pela inegável “possibilidade de utilizar nossos corpos como uma fonte possível de uma multiplicidade de prazeres”, e é essa criatividade um dos pontos importantes que destaco neste trabalho. O corpo e a sexualidade também são terrenos de resistência por serem perpassados por relações de poder. “A resistência vem em primeiro lugar, e ela permanece superior a todas as forças do processo, seu efeito obriga a mudarem as relações de poder” (FOUCAULT, 2004, p. 268).

Os estudos de McClintock (2010) e Lynda Hart (2003) “analisam variadas expressões do S/M como escolhas e práticas sexuais que só podem ser inteligíveis como encenações que, na verdade, colocam em suas cenas, nos cenários e em seus personagens aspectos que fazem parte das contradições que emergem no interior das dinâmicas do poder social”. Assim, as autoras sugerem que “consideremos o seu lado contestatório” no sentido de que as práticas sado-fetichistas “problematizam os modelos que supõem como naturais, inatas ou normais, as fronteiras que demarcam as diferenças entre homens e mulheres, em particular, entre comportamento sexual masculino (ativo) e feminino (passivo), bem como fronteiras que separam o prazer da dor, o comando e a submissão” (GREGORI, 2008, p. 9-10), também, como ressalta Butler, corpo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. As narrativas que apresento

neste trabalho chamam atenção para essas diferenças diretamente relacionadas, em alguns momentos, as noções de passividade e atividade e repito, é interessante percebê-las tomando como perspectiva a relação entre dominadora e submisso. No entanto, as práticas sado-fetichistas abrem espaço para outros tipos de performances, onde pode haver a inversão de poder, inclusão de mais participantes, etc.

Sob a perspectiva de Gregori (2008, p. 2), a relação entre erotismo e gênero constitui uma relação de “prazer e perigo”, ou ainda, como a autora chama, de “limites da sexualidade”. O perigo se refere a “aspectos como o estupro, abuso e espancamento como fenômenos relacionados ao exercício da sexualidade”. Quando Gregori fala nos “limites da sexualidade” se refere aos movimentos de ampliação e restrição de normatividades sexuais, da domesticação do que em outros tempos poderia ser considerado anormal ou abusivo.

Os limites da sexualidade, portanto, são inteligíveis apenas se concebidos em contextos precisos e, no que concerne às práticas ocidentais e suas normatividades, é preciso considerar o peso desempenhado pela heterossexualidade, tomada como modelo compulsório (GREGORI, 2008, p. 3).

Nessa linha, McClintock afirma que o S/M é uma economia da conversão, convertendo, por exemplo, homem em mulher, adulto em criança e vice-versa (MCCLINTOCK, s/d, p. 87), a qual "performs social power as scripted, and hence as permanently subject to change. As a theater of conversion " (MCCLINTOCK, s/d p. 89), “organized primarily around the symbolic exercise of social risk... Since S/M is the theatrical exercise of social contradiction...” (MCCLINTOCK, s/d p. 90) e acredito que essa afirmação se confirma nas narrativas de alguns de meus interlocutores. Para Foucault (2004, p.263-264) é um campo de “invenção de novas possibilidades de prazer utilizando certas partes estranhas do corpo – erotizando o corpo”. Assim, as práticas S/M ressaltam que “nós podemos produzir prazer a partir dos objetos mais estranhos, utilizando certas partes estanhas do corpo, nas situações mais inabituais, etc.”. É, também, “a primeira vez que as pessoas utilizam as relações estratégicas como fonte de prazer” (FOUCAULT, 2004, p. 271). No contexto sadomasoquismo, por exemplo, não é “anormal” que um homem seja passivo e submisso. “Indeed, male passivity is by far the most common phenomenon” (MCCLINTOCK, s/d p. 93), ponto comum nos relatos que constituem minha pesquisa. Nos enredos e cenas BDSM, assim, a dominadora assume,

na prática, a posição atribuída ao macho, atuando como penetradora, utilizando acessórios como uma cinta atada ao corpo com um pênis artificial acoplado, comumente chamado de *strap-on*.

Alguns desses roteiros eróticos envolvem o controle do gozo masculino através do uso do cinto de castidade, um dispositivo que pode ser em acrílico, couro, por exemplo, e uso de *dildos*, *plugs anais*, *fist fucking*³² e pênis de material sintético³³, empreendendo uma nova configuração e “aprendizagem do orgasmo” (GAGNON, 2006, p. 132). Sendo assim, fala-se que a inversão pode ser exercida como uma forma de dominação psicológica, e também um dos passos no processo de feminização e/ou humilhação eróticas por ser uma troca que tem como objetivo a humilhação, mas também “a quebra da resistência psicológica do escravo, visto que o homem foi ensinado durante toda a sua formação que a ele cabe o papel de dominador, simplesmente por possuir entre as pernas aquilo que é o símbolo do poder: o pênis”³⁴. Segundo pesquisado que se identificou como submisso e fetichista e, que afirmou gostar de ser humilhado e que a humilhação envolve muita coisa, “desde servidão, castidade forçada, “traição” tarefas domésticas, até feminização, chuva dourada... enfim; qualquer coisa que me faça sentir humilhado”. Sua “inclinação” era ser “corno manso e servir aos dois com uniforme de empregada enquanto os dois namoram” (entrevistado via Facebook em maio de 2013).

2.3 Corpos que pesam: uma etnografia online³⁵ sobre jogos de dominação e submissão

“Rir do rei nu e no chão, é despi-lo de sua majestade. Qualificar seu pênis como objeto para uso ou até anulá-lo, porque é a genitália, basicamente, a chave de trânsito, empoderamento e definidora dos papéis sociais de gênero... se o lugar-comum da humilhação não está nas atribuições do que se entende e se espera do homem e da masculinidade, reforçar a

³² Conferir Glossário.

³³ Ver *Inversão de papéis- como fazer*, disponível no link: <http://www.avidasecreta.com.br/inversao-de-papeis-%E2%80%93-tudo-o-que-eu-queria-saber-e-so-aprendi-na-marra/>. Acesso em 4 de maio de 2014..

³⁴ Ver *A inversão de papéis*, disponível no link: <http://fsexuando.blogspot.com.br/2011/02/inversao-de-papeis.html>. acesso em: 8 de maio de 2013.

³⁵ As informações que constituem esse capítulo são provenientes de material etnográfico, a saber, blogs com temática sado-fetichista e entrevistas com pesquisados. Gostaria de agradecer em especial uma interlocutora que se identifica com o papel de *dominadora*, que revisou o que escrevi sobre Femdom e submissão masculina, bem como algumas anotações sobre sissy-maid.

impossibilidade de alcance destas expectativas é uma das formas de rebaixá-lo”³⁶.

Para situar as experiências sado-fetichistas estudadas aqui, é preciso levar em consideração que os corpos que são produzidos nos contextos dessas práticas seguem roteiros³⁷, pretendem uma audiência (por ser uma forma de socialização), recorrem a determinados estereótipos e, nos termos de Erving Goffman, “equipamentos expressivos”. Nesse sentido, o próprio autor nos orienta nos possíveis caminhos que nos levam a esse fato: é preciso que haja um cenário, que os sujeitos sigam uma linha e sustentem uma fachada que é constituída de elementos específicos. O cenário, que podemos identificar como as “sessões”, “cenas” ou jogos sado-fetichistas, é um elemento fundamental por situar temporal e espacialmente prática, experiência e a própria fachada do sujeito; assim como a fachada, o cenário deve também ser produzido e manipulado e é também parte do “equipamento expressivo” carregado pelo sujeito. Há algumas características que estão intimamente ligadas ao indivíduo e que o identificam, como vestuário, gênero, idade, etnia, altura, aparência, atitude, fala, expressões faciais, corporalidade: esses são itens que fazem parte da fachada, e são “veículos de transmissão de sinais”. Alguns são fixos, outros transitórios (GOFFMAN, 2007, p. 29-31), podem ser manipulados, situar-se em um estado de ambiguidade, que pode ser também transitório ou permanente.

Outros elementos importantes que são ressaltados por Goffman (2007; 2011), a “aparência” que o indivíduo constrói para si e a “maneira”. Goffman (2007, p. 31-32) reitera que esperamos que ambos, aparência e maneira sejam compatíveis durante a interação, ou seja, que haja “coerência da fachada”. Pode haver contradição entre ambas, assim como pode haver incoerência entre ambiente, aparência e maneira. É importante, portanto, perceber as referências que são usadas para dirigir uma determinada “atuação”, quais os estereótipos que são acionados na elaboração desses três elementos que constituem a corporalidade do sujeito.

³⁶Ver *Humilhação e Gênero II*, disponível no link: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/glossario-perverso/158-humilhacao-e-genero-ii>. Acesso dia 13 de agosto de 2014.

³⁷ A ideia de “roteiros sexuais” é inspirada na noção trabalhada por John Gagnon (2006, p. 114-115), aproximando-a das noções de plano e projeto, “na medida em que constitui uma unidade suficientemente ampla para abarcar elementos simbólicos e não-verbais numa sequência de condutas organizada e delimitada no tempo, por meio da qual as pessoas contemplam o comportamento futuro e verificam a qualidade do comportamento em andamento”, mas que não necessariamente devem seguir uma ordem pré-estabelecida e fixa, visto que os roteiros podem ser flexíveis e servem como guias para as ações dos sujeitos.

É válido chamar atenção para a importância, ainda, do que Goffman chama de “deferência” e “porte”; a deferência está relacionada a “rituais de obediência, submissão e conciliação que alguém sujeito à autoridade oferece para alguém que tem autoridade” (GOFFMAN, 2011, p. 61), enquanto o “porte” diz respeito ao “ao elemento do comportamento cerimonial do indivíduo tipicamente comunicado através da postura, vestuário e aspecto, que serve para expressar àqueles na presença imediata dele que ele é uma pessoa e certas qualidades desejáveis ou indesejáveis” (GOFFMAN, 2011, p. 78). Esses dois elementos têm lugar na cena evocada pelo trecho do conto que trago como exemplo da submissão do corpo do submisso e simbolizam, a sua maneira, um bom emprego do corpo. É inserindo essas considerações que inicio a descrição dos jogos de dominação e submissão que nos interessam.

O *Femdom*, que significa *Female Domination* ou Fêmea Dominante é como é definido o universo de práticas de *dominação feminina*, o qual designa tendências de dominação da mulher sobre um *submisso* e/ou *escravo*. Na Internet existem muitos sites que identificam as práticas que constituem esse universo. Como figuras que encarnam o poder, as dominadoras detêm a permissão para impor rituais de domesticidade, torturar, disciplinar e induzir práticas de servidão, moldando corpo e personalidade do submisso, agindo assim como agentes na mudança no masculino. Há diferenciação de papéis nas cenas e enredos, no sentido de que são adotados títulos relacionados às tendências e personalidades *dominadoras e/ou sádicas* das praticantes, afim de que se diferencie das *submissas e/ou masoquistas*. “A divisão de papéis e o uso de ‘fantasias’ se ligam à ideia da atividade como uma ‘cena’ interpretada por ‘atores’, onde o objetivo ideal é causar prazer através da aplicação intensa de gatilhos sensoriais que causarão/elevarão a excitação sexual dos participantes” (ZILLI, 2009b, p. 5). Títulos como *Dominadora/Domme, Mistress, Sádica, Rainha*, são nomenclaturas que remetem e identificam as preferências e as práticas associadas, geralmente ligadas às *relações D/s (Dominação/submissão), jogos de controle, físicos e/ou emocionais; práticas que envolvem o sadismo, que causam dor, sofrimentos (consentidos, portanto, desejados) físico e psicológico no dominado*³⁸.

³⁸Ver *Dominação Feminina no BDSM*, disponível no link: <http://bdsmcave.blogspot.com.br/p/femdom.html?zx=1adaa6c22d922c18>. Acesso dia 13 de agosto de 2014.

Estes diversos personagens de fato formam subidentidades na cultura BDSM. Assim, as pessoas identificam-se com certo “alinhamento” de sua preferência – e poderão buscar textos, discussões e material erótico mais específico sobre seus gostos. [No entanto,] Às vezes as fronteiras entre identificação com um personagem e outro é difusa (ZILLI, 2009a, p. 490).

No *Femdom*, parece que o sexo com penetração não é muito comum, ou seja, o homem *submisso* não usa seu órgão genital para penetrar a *dominadora*. O *submisso* é alguém, nesse sentido, tratado geralmente como um *ser inferior* às mulheres, às quais devem prestar reverências, ser disciplinado e entregar-se às vontades da *figura feminina dominante*³⁹: há uma passagem do corpo sujeito ao corpo objeto⁴⁰. É interessante a fala de Corno manso, em entrevista via Facebook entre maio e dezembro de 2013. Ele diz:

A cada dia vc expande um pouco mais as possibilidades de prazer. Eu já tive prazer, por exemplo, sem nenhum contato físico... tive prazer lavando calcinha suja de esperma de outro homem... o ato de vestir uma calcinha me faz sentir inferior aos outros homens... essa maneira de me colocar numa posição inferior me faz sentir humilhado, é como se nas entrelinhas tivesse claro q a mulher considera os outros homens mais homens q eu e q a mim só resta servi-la não sei se vc entende...

Isso acontece quando *submisso* sente prazer em situações *humilhantes*, deseja ser *inferiorizado*, através de variadas *práticas de degradação*, como “*chuvas dourada, prateada e marrom*”, *práticas de feminização*, principalmente *feminização forçada*, *objetificação* ou uso como uma cadeira ou móvel de decoração, e ainda roteiros nos quais o *submisso* é tratado como um cachorro e/ou cavalo, chamados de *petplay*, ou ainda *humilhação erótica* pública, online e off-line; usar o *submisso* como objeto publicamente, usá-lo como latrina (em seu livro, Dommenique Luxor⁴¹, Dominatrix profissional, relata uma sessão na qual urinou na boca de um *submisso*), obrigá-lo a ingerir o próprio esperma após o orgasmo ou de outro homem, misturado na bebida ou comida, cuspir nele (o que é chamado de chuva prateada), banhá-lo com urina (chuva dourada), colocar um *plug anal*, controlar a vida cotidiana, o que ele vai comer, beber e vestir, comer no chão ou em recipientes para animais e/ou guiá-lo por coleira, como um

³⁹Ver Apresentação, disponível no link: Link: http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/10/apresentacao_28.html. acesso em: 12 de agosto de 2014.

⁴⁰ Le Breton (2012, p. 249) fala o contrário, “passagem do corpo objeto ao corpo sujeito”. Não deixa de ser relevante para a discussão, mas acredito que no caso das performances estudadas, acontece o contrário.

⁴¹ LUXOR, Dommenique. *Eu, Dommenique*. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

animal de estimação (o que coaduna com a prática do *petplay*, na qual o submisso é usado como um bicho de estimação – há registros de experiências desse tipo em contos do blog *Inversão de papéis*), xingar de puta, vagabunda em público, feminizá-lo parcial ou completamente, obrigá-lo a realizar serviços domésticos para a dominadora ou para terceiros, filmar as sessões ou exibi-lo para terceiros, repreendê-lo, emprestá-lo, espancá-lo (*spanking*) ou dar tapas na face⁴², escrever palavras e/ou xingamentos na pele, colocá-lo de castigo, obrigá-lo a usar cinta ou consolo no lugar do próprio pênis, são apenas algumas possibilidades de humilhação⁴³.

Seguindo o que está na minha identidade deveria para fazer sexo “meter” transar e aí gozar. Mas isto não existe há anos e desde que me tornei escrava da minha Rainha foi totalmente abolido da minha vida. Então acabou! Claro ela não faz sexo, ponto final. Mas tem o meu gênero, feminino. E como boa mulher o sexo e consequentemente o prazer não está no ato em si, mas na cabeça, nos sentimentos. Eu fico de tucking, com duas calcinhas e absorvente 24 hs. Isto para manter o que infelizmente tenho entre as pernas bem escondido. Todas as vezes que retiro a calcinha estou totalmente ensopada, toda lubrificada. A minha Rainha morre de rir, pois para um amigo dela isto seria impossível, mas me lubrifico como toda mulher excitada. A minha Rainha ama me comer e eu dou para ela muito, daí mais lubrificação. E às vezes, o que ocorreu uma vez durante o tempo que estou com ela, se a humilhação a que passo é muito grande, gozo literalmente, com ele mole, preso entre as pernas no absorvente. E aí a consequência é nefasta, pois perco toda a resistência para tudo e esta é mais uma utilidade do absorvente, para que ninguém além de mim perceba e que me dane pois tenho que continuar agindo e portando como a sissy que sou... Então sim. Faço sexo sim! Mas nunca como homem, mas como a mulher que sou. E gozo, pois o gozo está na cabeça, digo que faço sexo 24hs por dia. E como homem? Não faço e nunca mais farei sexo... Ela diz que uma das cenas que quer que aconteça é ela me ordenhar, e eu gozar com uma camisinha, depois ela retirar a camisinha, escarrar dentro dela e me mandar engolir tudo como um chup chup. Terminando, o pênis só serve para urinar e ele junto com os testículos para apanhar, pois minha dona ama bater neles⁴⁴

⁴² Badinter (2005, p. 87) afirma que “Ser espancado é uma humilhação que desintegra o ser humano, seja qual for o seu sexo”. No entanto, essa humilhação, no contexto sado-fetichista é erotizada: ao invés de ser vergonhoso, nesse contexto, é excitante e uma honra para o submisso, pelo simples fato de estar agradando à dominadora que o espanca.

⁴³ Ver *Ideias de humilhação*, disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2011/03/ideias-de-humilhacao.html>. Acesso em: 7 de dezembro de 2014.

⁴⁴ Disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2013/03/sissy-x-sexo.html>. Acesso em 12 de agosto de 2014. O trecho final deste depoimento confirma a *inutilização* do pênis do praticante de feminização forçada, destacando ainda a importância que é dada à eficácia do jogo de dominação psicológica, na fala sobre *o gozo estar na cabeça*. É importante perceber a percepção sobre o próprio corpo, nesta fala, assim como do papel que deve ser desempenhado no jogo erótico.



Figura 1. Acessórios para treinamento anal. Fonte: Internet.



Figura 2. Tortura genital em escravo feminizado. Fonte: Internet.

O *submisso* pode ser *masoquista*, ou não. *Masoquista* é aquele que encontra prazer na dor, física e/ou psicológica que variam de nível, pesado ou leve. Um fetiche comum relacionado ao *masoquismo* é o *spanking*, que aparece em algumas das falas que constituem esse trabalho, se trata de situação na qual o submisso recebe castigos e torturas diversas, seja com o uso de acessórios como chicotes, palmatórias e chibatas, e também com as mãos. Esse é um jogo sexual que envolve risco social, portanto, no qual há a imposição de modos de regulação moral e corporal, que misturam prazer e

vergonha, ao passo que visa produzir corpos exemplares para práticas específicas com objetivos específicos: a produção de um corpo disciplinado, que é a base de um gesto eficiente (FOUCAULT, 2002, p. 130).

Uma larga rede de expectativas corporais recíprocas condiciona as trocas entre os parceiros sociais. Em uma mesma trama social, as sensações, a expressão das emoções, os gestuais, as mímicas, as posturas, as etiquetas que regem as interações as representações etc., todas as figuras corporais são partilhadas pelos atores a partir de uma estreita margem de variações (LE BRETON, 2012, p. 191).

A relação que pode se estabelecer na junção de um *submisso* e uma dominadora é geralmente chamada de *D/s*, necessariamente quando há o desejo por *jogos de controle* do outro, quando o *submisso* deseja ter seus movimentos e comportamentos controlados e disciplinados. Assim, seus movimentos, gestuais e postura são condicionados ritualmente, sendo assim, são impostas orientações e técnicas do corpo diretamente objetivando “rendimento”, “adestramento”; ensino de técnicas (MAUSS, 2003), mas também prazer e confiança. Há investimentos no corpo já que, não só do submisso e pela dominadora, mas no corpo da dominadora, que é agente da transformação no corpo submisso, e vive-versa. Ambos, os corpos da dominadora e do submisso constituem-se como “campo onde apontam desejos, onde os acontecimentos se dão à ‘flor-da-pele’, onde ocorre uma quebra da onipotência do pensamento” (LIBERMAN, 1997, p. 376) e no qual há um devir intenso potencializado através do sofrimento. Remete às multiplicidades, corporeidades e potencialidades do corpo: formas de resistência reconfigurações, reinvenções, espetacularização também. Parece que as experiências remontam a “caminhos possíveis de reinvenção do corpo” (SANDER, 2009, p. 387), mas também no corpo. “Poderíamos, diversamente, mostrar o corpo enquanto uma série de práticas, isto é, ‘corporeidades’” (SANDER, 2009, p. 388).

Em contrapartida, uma característica desse tipo de relação é a *dominação psicológica*⁴⁵, uma das práticas consideradas mais complexas, segundo muitas fontes, mas também uma das mais sedutoras e efetivas, como que “uma algema invisível”. Nela, estão implicados o poder de persuasão, verbalização e sedução das palavras,

⁴⁵Ver *Entenda o que você gosta*, disponível no link: Link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2013/03/entenda-o-que-voce-gosta.html>. acesso em 12 de agosto de 2014.

claramente há o uso do poder simbólico nas palavras que pode se manifestar desde a *depreciação do submisso* com xingamentos, como fazê-lo realizar atividades que não é acostumado a fazer, por exemplo, a *inversão de papéis*, um dos passos para a *feminização*, ou apenas como forma de *humilhação*. Como o *submisso* geralmente não penetra a *dominadora* é reservado a ele outras práticas, como *inversão de papéis*.

Assim sendo, a única relação sexual disponível para o submisso é o sexo anal ou ainda a estimulação prostática. Alguns desses roteiros eróticos envolvem o controle do gozo masculino através do uso do cinto de castidade. O cinto de castidade é como um dispositivo que regula e controla o gozo, portanto uma nova configuração de orgasmo, de uma nova “competência orgástica” e “desempenho orgástico” (GAGNON, 2006, p. 131). Sendo assim, por que, então, falar que a inversão pode ser exercida como uma forma de dominação psicológica, e também um dos passos no processo de feminização e/ou humilhação eróticas? Porque é uma troca que tem como objetivo a humilhação, mas também “a quebra da resistência psicológica do escravo, visto que o homem foi ensinado durante toda a sua formação que a ele cabe o papel de dominador, simplesmente por possuir entre as pernas aquilo que é o símbolo do poder: o pênis”⁴⁶, que na feminização forçada é praticamente *inutilizado*.

De fato, as práticas implicam uma relação entre “a entrega da pessoa que se submete e, essa entrega como, por exemplo, a amorosa indica uma confiança cultivada em relação ao parceiro; o cuidado da pessoa que domina que, como já indicado, exige um aprendizado constante; e, finalmente, o controle da comunidade ao propiciar atividades pedagógicas e uma atenção singular diante de casos que venham a extrapolar” (GREGORI, 2014,p. 67). Existe uma “transferência consciente de poder”⁴⁷, portanto, havendo necessidade de um treinamento que depende mais da relação e do estilo de dominação, que da aceitação do dominado. “Não importa qual a forma de submissão escolhida, seja real ou virtual, homem ou mulher, toda submissão caminha junto com a concordância entre Dominadores e submissos, que deve ser: são, seguro e consensual (S.S.C)”⁴⁸.

⁴⁶Ver *A inversão de papéis*, disponível no link: <http://fsexuando.blogspot.com.br/2011/02/inversao-de-papeis.html>. acesso em: 8 de maio de 2013.

⁴⁷“Dominação/Submissão, disponível em: <http://doberma.blogspot.com.br/2012/04/dominio-submissao.html>. Acesso em 7 de maio de 2012.

⁴⁸ Disponível no link: http://doberma.blogspot.com.br/2012_03_01_archive.html. Acesso em 7 de maio de 2012.

[...] a essência do sadomasoquismo não é tanto a dor, já que a dominação dos sentidos é mais emocional que física. O masoquismo sexual ativo tem pouco a ver com dor e tudo a ver com a procura de prazer emocional. Quando entendemos que é apenas dor e não crueldade, o essencial nesse grupo de manifestações, começamos a chegar mais perto da explicação. O masoquista deseja experimentar a dor, mas ele geralmente deseja que seja infligida com amor; o sádico deseja infligir a dor, mas ele deseja que seja sentida com amor.

No jogo erótico, há recompensas e castigos que ativam a produção de endorfina que potencializam as situações de prazer e, Gregori (2002, p. 66-67) lembra ainda que há “uma operação de tornar a pele em carne, com toda a conotação sexual implicada nessa transformação. O corpo em sua carnalidade é erotizado através dos espancamentos e congêneres ao ponto de podermos afirmar que as cenas realizam o intercurso sexual, mas sem o advento dos genitais”.

A certeza da punição não estimula o submisso realizar suas tarefas a contento, pelo contrário, parecer que a certeza da punição impulsiona o sujeito a comportamentos infratores (infrações como: o não cumprimento de alguma regra ou ordem da dominadora), assim, a lembrança da dor não evita a reincidência, muito embora haja o desejo de agradar a dominadora. Quando se trata da dominação psicológica, tocando ou não tocando o corpo, ela age e é efetiva, o que nos lembra quando Foucault fala sobre a “penalidade do incorpóreo” (FOUCAULT, 2002, p. 18), no sentido de que não é apenas o corpo que é passível de ser manipulável e ou controlável, mas também a “alma”. Técnicas que visam limitar e/ou privar a liberdade de locomoção e movimentos do submisso, inserindo-o em um sistema “de coação e de privação, de obrigações e de interdições” (FOUCAULT, 2002, p. 14), produzindo sofrimento físico constante e repetidamente, enquanto durar a sessão, uma punição ritualizada. Há, portanto, a produção de um corpo dócil, “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2002, p. 118), se tratando de uma economia que prevê movimentos eficazes.

O blog de *Submisso Online* é muito significativo para pensar o contexto das experiências de submissão masculina, pois o autor do blog oferece ao leitor o relato “das experiências e reflexões de um submisso real”⁴⁹, e também para pensar performances que perpassando essas experiências, fortemente interligadas com noções de hierarquia, poder e (inversão de) papéis de sexo. *Submisso Online* se apresenta como um entusiasta de vários fetiches. Segundo ele, é através de treinamento e disciplina que

⁴⁹ Mensagem que consta no banner do blog.

ele pode se transformar em um homem cada vez mais submisso⁵⁰. Ele também enfatiza a presença de uma segunda figura que mobiliza os sentidos da fantasia da submissão, em uma relação Dominação/submissão (D/s)⁵¹: a Senhora, que ocupa o lugar de disciplinadora, dominadora e castigadora. Essa figura pode se utilizar de diversos artifícios para submeter seu escravo(a) ou submisso(a).

Essa submissão, que acima de tudo é uma submissão consentida, já que as relações eróticas sado-fetichistas são baseadas na trílice são-seguro-consensual (SSC): deve ser assegurada às pessoas que participam das práticas a sanidade mental, a segurança de ambos e que tudo o que aconteça no momento da prática seja consensual, portanto, quando se fala em humilhação, dominação, submissão, adestramento etc., são atividades que são desejadas e que possuem contextos específicos⁵². O efeito dessas práticas não é apenas um efeito de fala, mas os jogos de linguagem são componentes importantes, assim como os muitos acessórios para a realização das práticas, além da construção de cenários e de performances dos sujeitos.

As práticas sado-fetichistas fazem parte do circuito de relacionamentos possíveis, fazem funcionar uma economia de trocas simbólicas e materiais e todo um mercado erótico que é muito amplo: existem lojas, sites, cinemas, clubes, que são voltados exclusivamente para o BDSM. Muitas lojas que fazem parte do mercado erótico vendem seus produtos oferecendo brinquedos para gente grande, para as pessoas realizarem fantasias, os quais podem ser encomendados de casa. As práticas sado-fetichistas são responsáveis por boa parte das vendas desses produtos por despertarem a curiosidade e mexerem com o imaginário das pessoas. A ideia de brincar com o perigo, com a dor, de testar os limites psíquicos e físicos é atraente quando se tem à disposição um aparato de sites, lojas virtuais ou físicas, lugares e pessoas que estão acessíveis, no modo on-line ou off-line, para assegurar a realização de fantasias eróticas do tipo.

Analisar o funcionamento do mercado erótico contemporâneo facilita a observação de dinâmicas “que revestem as relações entre corpos e pessoas e desafia pensar sobre os limites materiais do corpo como algo em separado daquilo que designa pessoas”, a partir das experiências de consumo do que Gregori (2011, p. 113) chama de

⁵⁰ Disponível no link: http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/10/apresentacao_28.html. Acesso em 14 de junho de 2013.

⁵¹ Atentando para a grafia na qual a letra “D” se sobressai a letra “s”, sendo então desde a grafia observada a questão da hierarquia nas relações no contexto aqui abordado, o “D” relacionado à dominação e o “s” à submissão.

⁵² Uma fala interessante, registrada em janeiro de 2014 no diário de campo, proveniente de perfil do Facebook de uma Dominadora: “Vontade é o que vc deseja que façam com vc. Consensualidade é o que vc permite que façam com vc. É bem diferente”.

sex toys e, por sua vez, essa dinâmicas remetem à práticas que “mobilizam todo um repertório de convenções de gênero e sexualidade”. A tecnologia tem importante contribuição e as maneiras como os adultos utilizam esses brinquedos eróticos em suas experiências sexuais são as mais variadas e configuram experimentações de corpos e zonas de prazer para além das genitais. Gregori questiona: esses seriam bens eróticos ou agentes eróticos?

Por meio do dildo e de seu uso é possível antever a desestabilização das distinções entre o imitado e o autêntico, entre a referência e o referente, entre natureza e artifício e entre os órgãos sexuais e as práticas sexuais. Trata-se de pensar a relação entre corpos e objetos sexuais, lançando mão de uma noção indicada por Gayle Rubin (2003), de que os variados fetichismos são inteligíveis no momento em que situamos suas histórias, rotas espaciais e materiais. Antes de se constituírem como perversões marginais em relação às normatividades sexuais e de gênero, tais práticas estão imersas nos processos da produção moderna do corpo e de sua conexão com os objetos manufaturados... (GREGORI, 2011, p. 318).

O uso desses objetos apresenta duas faces: uma, “suplementa, expande ou amplia a natureza limitada da carne humana, a outra, “implica remodelar o corpo”. Objetos como o dildo, por exemplo, “expandem a capacidade de agência humana, mas a questão é, se a tecnologia é que faz isso — na ausência de outra agência humana, ou não — depende inteiramente da posição daquele que a usa e de sua localização na fantasia e nas cenas” (GREGORI, 2011, p 321).

Há uma intercambialidade possível, uma transitividade a ser considerada. E este é o aspecto para o qual eu gostaria de chamar a atenção: quando estabelecemos uma fronteira rígida entre a autodeterminação das pessoas e a materialidade inerte das coisas, perdemos de vista que pessoas e objetos são igualmente constituídos por agência social, por uma atividade e uma mobilidade de lugares de ação entre eles. Os *toys* ou acessórios podem ser analisados a partir desta perspectiva. Nada a estranhar, portanto, que eles sejam agentes relacionados com as mulheres, entre as mulheres, com os homens e entre homens e mulheres. Resta, contudo, desenvolver ainda sobre quais os efeitos dessas relações, quando pensamos em cenários que estão mobilizando práticas eróticas, de forma a não estranharmos perguntar se os acessórios têm gênero e em quais situações, se eles estão ou não implicados em relações de tipo homo ou heterossexual, e se seria descabido afirmar que eles também podem ser tomados como agentes eróticos — do mesmo modo que as pessoas envolvidas — e não somente bens eróticos (GREGORI, 2011, p. 322).

A própria associação dos bens eróticos, que podem ser investidos de múltiplas faces, como brinquedos sugerem uma utilização lúdica, ao passo que opera investindo

“o objeto de uma espécie de pessoalização, como nos casos em que há atribuição de nomes próprios aos dildos e as referências a momentos ou a cenas” (GREGORI, 2011, p. 325). Há uma clara tentativa de inserir na cena e nas performances coreografadas das práticas sado-fetichistas acessórios que sugerem e constroem uma virilidade e atividade que pertencem a dominadora, que é uma associação entre dildos e genital masculina. Dessa forma, “parodiam aspectos que compõem as normas de gênero, de sexualidade e também as que implicam uma fronteira rígida entre sujeito e objeto ou pessoas e coisas” (GREGORI, 2011, p. 329). Dito isso, a pornografia como produto vai surgir na passagem do século XIX para o XX, um material novo cuja intenção é a de provocar o desejo e excitação sexual no público de consumidores (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 4), que fez surgir um mercado que veio a se chamar de “entretenimento para adultos”. O referido mercado é segmentado, de acordo com gostos e fantasias eróticas, e ainda, colocando em cena gozos considerados ilegítimos, dentre elas: o bizarro e sadomasoquista ou fetichista. “São, cada qual a seu modo, expressão do desejo que triunfam sobre as proibições” (ABREU, 1996, p. 16).

Nesta linha, o foco principal é o corpo que escapa às convenções sociais do “sadio”, “normal” ou “natural”. Desta maneira, desde físicos com formas estranhas aos padrões dominantes de beleza como pessoas muito gordas/velhas, grávidas, peludas ou anões; sexo envolvendo a erotização e adoração de partes do corpo, roupas ou objetos; práticas sexuais que envolvem humilhação e/ou dor física entre os parceiros entre tantas outras variedades da imaginação sexual espetacularizada tornam-se o foco principal destas produções (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 1-2).

Gozos ilegítimos porque a partir da segunda metade do século XIX “os gozos sexuais foram fragmentados e classificados em ‘saudáveis’ ou ‘doentes’, delimitando o campo do prazer útil e organizando os então considerados desvios e transgressões nas chamadas ‘perversões’ e ‘perversidades’” (LEITE JÚNIOR, 2006, p.1), muito embora as fronteiras entre gozos legítimos e ilegítimos sejam, desde esse início, bem difusas (e confusas). “O erótico e o pornográfico são percebidos como uma espécie de revelação de alguma coisa que não deve ser exposta”, um jogo no qual o imaginário e a fantasia são tão importantes (ABREU, 1996, p. 16 - 20) quanto os usos de outros bens eróticos. Se não, vejamos:

Desde meus tempos de adolescência já me interessava muito por s&m. Comprava revistas do gênero e passava horas no banheiro me masturbando sem problemas pois minha mãe

trabalhava e eu ficava sozinho em casa. O tempo passou e eu fiz 18 anos e imediatamente fui a uma Sex Shop comprar alguns acessórios. Comprei uma revista uma tanguinha de couro preto e um consolo pequeno. Fui pra casa correndo desesperado para usar meus novos brinquedos. Chegando em casa encontrei a Cleuza uma faxineira que minha mãe contratara para limpar nossa casa duas vezes por semana. Cleuza era uma mulata de mãos fortes estatura mediana seios grandes e aparentava não ter mais de 35 anos. Disse a ela que iria tomar banho e que ela atendesse o telefone caso tocasse. Fui direto para o banheiro e estava tão excitado que esqueci de trancar a porta. Abri os pacotes e iniciei uma viagem por aquelas fotos roçando o consolo em meu ânus e me masturbando. De repente olhei para a porta e lá estava Cleuza me olhando com um sorriso malicioso nos lábios. Entrou no banheiro trancou a porta e me disse: "Quer dizer que o rapazinho aí gosta de uma dona malvada né? Bem que eu vi umas revistas embaixo de seu colchão.... agora você vai ver o que é bom...vai ser meu escravo a partir de agora!" Sem rodeios ela tirou minha tanguinha e me disse para ficar de quatro escancarar minha bunda e mostrar meu ânus... Assim por três anos de minha vida fui um fiel escravo a minha Rainha Negra que abusou de mim por varias vezes e de muitas outras formas que relatarei em breve⁵³.

O relato acima explicita como acontece a iniciação de algumas pessoas no SM, através de revistas, Internet, literatura erótica, etc. No caso, o autor do relato fala sobre o contato com revistas e a eventual masturbação às escondidas, no banheiro. Esse tipo de relato se assemelha ao relato de uma interlocutora de minha pesquisa. O fato de descobrir cedo esse tipo de interesse sexual, fetichista, parece algo mais embaraçoso do que normalmente costuma ser a iniciação sexual jovem. A sexualidade, nessa época, fica fadada ao terreno do obsceno, e fora de cena, é na “inviolabilidade” do banheiro ou do quarto que ela se realiza.



Figura 3. Arsenal erótico para cenas BDSM. Fonte: Internet.

⁵³ Trecho do conto “Rainha Negra”, do blog *Inversão de Papéis*.

No entanto, a “inviolabilidade” do banheiro é violada: eis que há a descoberta da cena obscena; a empregada de sua casa o encontra com a porta aberta. Faz-se uma nova cena, na qual o sujeito desejante torna-se objeto de desejo, ao passo que essa é uma fantasia que faz parte do universo de fantasias eróticas que povoavam sua mente: o interesse por SM deixa claro que era um tipo de situação desejada.

Acontece, por acaso, um encontro de disposições, o submisso é encontrado pela dominadora, e algo que parece da ordem do “natural”, pois ambos sabem como agir e conhecem seus devidos lugares. Ela manda, e imediatamente, ele obedece. Ela aproveita da situação, castigando e humilhando-o, enquanto ele fica mais excitado, excitado enquanto é “abusado”. É o ânus do submisso que fará o papel da vagina que receberá o membro penetrador: “Entre consolo tapas e frases dominadoras tive o primeiro orgasmo de minha vida”. O submisso, como objeto e sujeito de desejo ao mesmo tempo, tem apenas duas funções primordiais: deixar que a dominadora o penetre, e fazer sexo oral. Sexualmente, boca e ânus são os dois orifícios centrais.

A importância do mercado erótico fica, portanto, evidente na possibilidade do contato com o objeto de desejo, a revista, e na vastidão de possibilidades que os acessórios de uma Sex Shop pode oferecer ao sujeito inexperiente e curioso. Os acessórios escolhidos (tanguinha de couro, revista e consolo pequeno) fazem parte de um repertório erótico proibido, um terreno lúdico, são “brinquedos” eróticos, que só tem como espaço o domínio doméstico: o banheiro. Dentre esse repertório de fantasias, a excitação advinda da masturbação anal, algo proibido, principalmente quando se trata de um corpo masculino. Os depoimentos colhidos por Gregori (2011) e os que fazem parte do material etnográfico desta dissertação remetem aos usos de *sex toys* sugerindo que existe uma relação importante com os objetos. Os relatos apontam para diferentes cenas nas quais a atividade sexual é acionada através do uso de dildos e/ou outros acessórios utilizados pelas dominadoras para transformarem seus submissos em passivos sexuais. De certa maneira há uma relação de “substituição” a um referente, no caso, o pênis, acentuando o peso da paródia, como “satírica ou irônica seja sobre masculinidade, seja sobre feminilidade, ou de diferentes orientações sexuais ou de variadas manifestações de corporalidade” (GREGORI, 2011, p. 322 – 327).

A cena só começa, portanto, quando ambos os personagens tomam seus devidos lugares na dinâmica. A “sessão” ou “jogo” ou “cena” é quando tudo o que fora

negociado entre os praticantes, é posta em prática. Prazer e dor, dominação e submissão comandam o que é uma troca dinâmica de poder. Nesse sentido, na relação de Dominação/submissão há regras que se pretendem explícitas, que os praticantes devem conhecer, lembrar e reconhecer enquanto durar. As regras não precisam ser enunciadas durante porque foram enunciadas em momentos que antecederam a sessão, momentos imprescindíveis tanto quanto o decorrer da sessão, porque é o que vai dar o sentido de vivência saudável da sexualidade. Há e deve haver a clara noção de que se está participando de um jogo, portanto, e este pode ser interrompido pela mobilização de uma *safeword*⁵⁴, por exemplo.

⁵⁴ Safeword ou palavra de segurança é um termo que existe nas relações sado-fetichistas. A palavra de segurança faz parte da negociação anterior à sessão. É uma palavra que é combinada para ser dita no momento em que a sessão deve ser interrompida por algum motivo, tendo como principal objetivo interromper qualquer situação que cause algum tipo de dano físico ou moral. Geralmente, precisa ser uma palavra que não se encaixa na situação para ser reconhecida, como nome de frutas ou cores, por exemplo.

CAPÍTULO 3. PRAZERES LIMINARES: NARRATIVAS SOBRE FEMINIZAÇÃO EM CONTEXTOS SADO-FETICHISTAS

Em postagem intitulada “Treinamento de um escravo Sissy”⁵⁵ é elencado um conjunto de regras, que no contexto ao qual elas se referem, podem ter o efeito de treinamento, disciplina e adestramento de um submisso com a finalidade de transformá-lo em um “escravo Sissy”. Sissy maid é um termo que é comumente usado para denominar a prática da *feminização forçada*, exclusiva do contexto sado-fetichista pela relação obrigatória entre práticas de feminização e de submissão erótica. A especificidade da feminização forçada é a obrigatoriedade de que o feminizado tenha uma *Dona*. “Uma sissy sem dona não existe. Para existir uma sissy tem que ter Dona, tem que entregar-se de corpo e alma sem limites à sua Dona”⁵⁶, o que significa dizer que a transformação engendrada pela prática não é uma autotransformação. A referida postagem apresenta dez passos para o treinamento de um escravo, em sua formação como um bom *escravo afeminado*, dentre eles, termos como: *negociação de limites, direitos e deveres, a feminização, servidão doméstica e pessoal, disciplina, inversão de papéis* e a preparação para *uma servidão em período integral*, chamada 24/7.

Prissy Maid afirma viver uma relação 24/7, o que significa dizer que ela vive o *BDSM* 24 horas por dias, 7 dias por semana. *Disciplina* e *controle*, portanto, fazem parte de seu cotidiano. A vivência de uma relação assim é algo polêmico, pelo caráter diário e constante. Embora vivendo em cidades diferentes, sua vida é *controlada* e sua rotina é ditada por sua *Dona*. Além disso, Prissy Maid alega que em sua relação não existe *safeword*. Isso simboliza muito em uma relação *BDSM*, visto que as práticas caracterizam-se pela questão do *consenso* e do uso e existência da palavra de segurança para assegurar ambos os praticantes. No caso de Prissy e sua *Dona*, é diferente, no sentido de que as garantias são outras. Na fala de Prissy, em entrevista via e-mail em maio de 2014:

⁵⁵ Disponível em: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2013/07/treinamento-de-um-escravo-sissy.html>. Acesso em 25 de novembro de 2013.

⁵⁶ Disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2012/12/sissy-uma-imagem-vale-mais-que-1000.html>. Acesso em 12 de agosto de 2014.

O SSC é importantíssimo em uma relação BDSM, é a segurança das duas partes. No meu caso e isto ocorre na maioria das histórias de sissy no exterior, ser sissy ultrapassa o BDSM. Começa no BDSM, mas aí surge o amor e a entrega total e absoluta. Muitas vezes já me vi perguntando quem domina uma relação BDSM? É o submisso, pois a Domme só faz o que ele permite e vai até onde ele suporta, não é mesmo? No meu caso tornei-me uma escrava real e uma escrava não pode querer nada, desejar nada ou falar “isto não aguento”. Uma escrava real como eu apenas se submete. Qual a minha segurança? O amor que ela tem por mim. E ela não quer perder a escrava que possui. Só isto. Ela pode tuuuuudo. Ela possui todas as minhas senhas de tudo BDSM ou baunilha. Ela tem poder total. Ela faz tudo até o limite dela, tipo quando me bate ela só para quando cansa! Eu apenas me submeto e aceito tuuuuudo no nível que ela desejar.

Partindo desse quadro, pensamos considerar a feminização forçada como uma performance de sofrimento ritual voluntário, precedida por rituais que produzem liminaridade através de treinamento e/ou domesticação e composta por rituais específicos que agem sobre o corpo, gênero e sexualidade dos sujeitos.

Performance, ritual e liminaridade aparecem aqui como instrumentos teórico-metodológicos para pensar o objeto da pesquisa, sob os olhares de três autores: Turner (1974; 2008), Goffman (2007; 2011; 2012) e Schechner (2006; 2011), pinçando o que da teoria desses três autores podemos assimilar. É importante situar o ponto de vista de cada um, para então toma-los de empréstimo.

De acordo com Scherchner (2006, p. 29) “Toda e qualquer das atividades da vida humana pode ser estudada enquanto performance. Cada ação, desde a mais secundária até a mais complicada é feita de comportamentos duas vezes vivenciados”. Para Goffman “Uma performance pode ser definida como toda e qualquer atividade de um determinado participante em uma certa ocasião, e que serve para influenciar de qualquer maneira qualquer dos participantes” (SCHERCHNER, 2006,p. 29). No entanto, “uma performance acontece enquanto ação, interação, e relação. Deste modo, uma pintura ou um romance podem ser performativos ou serem analisados “enquanto” performances. A performance não está “em” nada, mas “entre”” (SCHERCHNER, 2006,p. 30). O que significa dizer que “Todos fazemos mais performances do que percebemos. Os hábitos, os rituais, e as rotinas da vida são comportamentos restaurados” (SCHERCHNER, 2006,p. 34).

Gadelha (2009, p. 39-40) lembra que para a filósofa Judith Butler a *performance* não é algo dado. Nesse sentido, “a *performance* deve seu sentido à gramática social de gênero, ou seja, aos códigos que cada sociedade elabora de forma própria para classificar pessoas e coisas como masculinas ou femininas”, o que significa dizer que

“um ato, por exemplo, só pode afirmar uma feminilidade se ele estiver incutido de significado(s) conhecido(s) coletivamente como feminino(s)”. Quando diz-se que “o gênero como ficção e fantasia não é uma mentira, falsidade, mas um efeito de ação” diz-se que “esse efeito pode ser reproduzido através da imitação, da paródia”, marcadamente orientada por uma matriz heterossexual, “a qual estabelece linhas causais entre o sexo biológico, o gênero e a manifestação do desejo sexual”. Assim:

[...] a *performance* surge como a soma de gestos, atitudes, procedimentos em relação a regras e disposições espaciais e temporais especificáveis que fazem a consistência concreta ou a duração da ideia de gênero sem tirar do indivíduo sua potência de *afecção*, desterritorialização, frente às normas de masculinidade, feminilidade, heterossexualidade e homossexualidade (GADELHA, 2009, p. 53).

A primeira sessão deste capítulo chama atenção, através do material etnográfico, para configurações que relacionam performance e gênero, atentando para usos e acessos de determinadas representações de feminilidades.

3.1 Notas sobre *performance* e rituais de feminização

De acordo com o material etnográfico, alguns homens fantasiam serem *possuídos* sexualmente por uma mulher ao passo que são forçados à *inversão* e/ou travestir-se de mulher, sendo passivos e humilhados, encontrando na *feminização forçada* a fantasia ideal para satisfazer seu desejo. No *Femdom*, a *inversão de papéis* e a *feminização* são tipos de *humilhação*, nos quais a dominadora ocupa o papel supostamente (e socialmente) designado ao homem, enquanto este ocupa o lugar reservado a mulher, de passividade e submissão. “Então existe as feminizadoras mulheres que amam transformar um ser biologicamente masculino em uma mulher” (Maíra Crosdresser em entrevista via Facebook em março de 2014). Como fora dito, o *Femdom* é um contexto de *supremacia feminina*, no qual o homem pode ser

induzido/obrigado a *transformar-se* em “mulher (roupas, maquiagem, expressões femininas) e no ato sexual ocupa a posição passiva”⁵⁷.

No âmbito de variadas modalidades de sadomasoquismo, as posições ocupadas pelas pessoas e as interações estabelecidas entre elas não são pautadas pelo sexo biológico dos parceiros. Ser mulher ou homem não é critério de dominação ou de submissão, assim como não há uma exigência para que essas posições sejam estipuladas a partir da orientação sexual. É possível que um heterossexual seja sub ou mestre de alguém do mesmo sexo. Também há a possibilidade do jogo erótico envolver uma relação sem, necessariamente, haver sexo (GREGORI, 2014, p. 62).

No contexto sado-fetichista, a grande maioria de feminizados são também submissos, e a maioria passa pela *despersonalização*, também usada como forma de humilhação; além disso, nem sempre a inversão implica em crossdressing e vice-versa e a prática de feminização pode ou não envolver a inversão (VENCATO, 2013, p. 182-183); “No caso da despersonalização e, em particular, da feminização *forçada*, cabe à Dominadora o processo de desmontagem”⁵⁸, e também da montagem⁵⁹.

*Eventualmente o prazer com a estimulação anal vem acompanhado de outras fantasias. O strap-on vem a ser a fantasia de ser literalmente fodido pela parceira com o auxílio de um acessório que é um dildo (pau de borracha), adaptado a uma cinta que anatomicamente firma o acessório ao corpo. Alguns homens submissos têm a fantasia de ser humilhado dessa forma, ser forçado a isso por uma mulher. Outros têm, não apenas este desejo, como também o da feminização forçada. Ser obrigado a vestir-se como mulher, constranger-se e paradoxalmente excitar-se com a prática*⁶⁰.

⁵⁷Ver *Inversão de papéis*, disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2011/10/inversao-de-papeis-iii.html>. Acesso em: 12 de agosto de 2014.

⁵⁸ Ver *Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero*, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

⁵⁹ “[montar é] um verbo constantemente usado no vocabulário dos drag queens, que significa o ato de montar a personagem, criando todos os aspectos que irão compô-la, desde seu codinome, sua indumentária, maquiagem, comportamento, modo de falar, etc. Ao se montar, o drag transforma-se em sua personagem” (JATENE, Izabela da Silva. *Tribos urbanas em Belém: Drag queens – rainhas ou dragões?* Belém, 1996, mimeo, p. 9, *apud* VENCATO, 2005, p. 232).

⁶⁰Ver *Inversão de papéis- como fazer*, disponível no link: <http://www.avidasecreta.com.br/inversao-de-papeis-%E2%80%93-tudo-o-que-eu-queria-saber-e-so-aprendi-na-marra/>. Acesso em 4 de maio de 2014.



Figura 4. Strapon. Fonte: Internet.

Um exemplo interessante de fantasia que aborda a situação mencionada acima é a de “donzela em perigo”⁶¹, na qual ser donzela nem sempre é um desejo feminino, muitos homens desejam estar nessa posição, serem feminizados e vivenciar a sensação de perigo latente. No entanto, desejar essa posição não está relacionado à orientação do desejo. Alguns irão se travestir de mulher, mas desejar ser “capturado” por uma pessoa do gênero oposto; outros admitirão outras práticas como inversão de papéis. Mas o pano de fundo é a prática do *Bondage*⁶², a imobilização e a forma sob a qual será imobilizado é que faz toda a diferença.

A imobilização não necessariamente precisa ser feita com cordas, algemas e similares, o uso de saltos altos e acessórios femininos que dificultem a mobilidade masculina podem ser considerados um tipo de bondage. Muito interessante apontar para o fato de que esse contexto evoca tipos de corporalidades, técnicas do corpo, e as

⁶¹ Disponível no link: <http://www.bound-brazil.com/2012/06/outra-face-do-bondage.html>. Postagem de 7 de junho de 2012. Acessado em: 6 de janeiro de 2014.

⁶² Uma definição interessante sobre a prática, de acordo com um Dominador, proveniente da página de perfil do Facebook, registrado no diário de campo em maio de 2013: “Já ouviu falar sobre Bondage? Para quem não sabe, bondage (de forma resumida) é a arte de amarrar o parceiro – não só para apenas dominar, mas para incrementar o orgasmo – de uma forma não violenta. É uma técnica sexual que muitas pessoas acham extremamente excitante, mas têm medo de tentar, além de ser um recurso respeitável para aumentar as sensações sexuais. Mas, mais ainda, por causa dos seus efeitos físicos: um orgasmo lento em situação de imobilidade forçada é uma experiência inesquecível para aqueles que o tentam sem medo da própria agressividade. As pessoas sempre encontram maneiras de aperfeiçoar seus jogos sexuais e, ao mesmo tempo, idéias podem ser trocadas entre parceiros, alimentando ainda mais cada fetiche. Assim, em se tratando de um jogo consensual, o bondage é muito gostoso de praticar com a pessoa que desejamos...Vale tentar na prática...”.

body-arts, e que têm relação direta com as emoções, visto que há uma atuação das emoções como potencializando as experiências. É como que obrigatório a expressão de sentimentos, do choro, da dor, como fazendo parte do ritual, (MAUSS, 1979, p. 150) do contexto, talvez a obrigação da excessiva presença de gritos, berros, caretas, ao passo que representa uma resistência encenada mas que não está diretamente ligada ao gênero, ou seja, há uma construção de emoções. Aqui, aparece também uma das características da relação de dominação/submissão que é a troca dinâmica de poder: “a experiência de êxtase para quem recebe e quem atua no amarrar”⁶³, revelando uma relação entre prazer extremo e amor extremo.

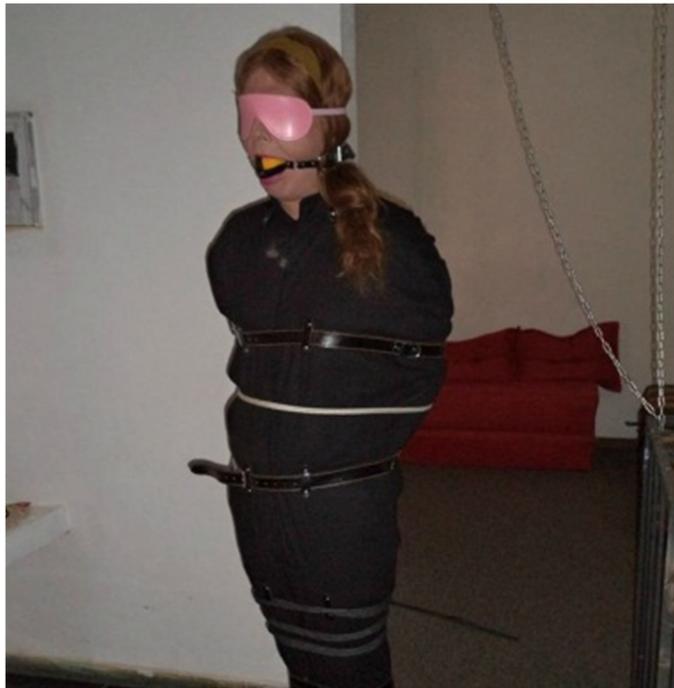


Figura 5. Bondage

⁶³ Muito embora eu procure trabalhar mais com o lado de quem é amarrado, não há como dissociar e nem pensar essa experiência da de quem atua como amarrador, pois ambos são atuantes na prática.



Figura 6. Sissy imobilizada⁶⁴

Para alguns homens, a fantasia só se completa com a (des)personificação, a transformação em uma mulher acionando vestimenta feminina e maquiagem, ou seja, feminizando-se; outros se contentarão com a imobilização. “A essência de bondage é modificada quando há a sodomização dos homens no papel de donzela em perigo. Não que haja um ultraje ou desnível fetichista, apenas uma tendência que as mulheres costumam assumir quando se vêem poderosas”. Aqui é apenas um tipo de submissão. A prática do *Bondage* é uma das dezenas de práticas que podem sofrer diversificações, e a feminização, em todas suas variações, é uma delas.

Outra variação desses dois fetiches, a *feminização* e o *bondage*, é a fantasia de doméstica. Algumas pessoas têm fantasia pelo uso ou visualização do uniforme, outras pela relação com uma empregada doméstica, e outros sentem desejo por vestir-se de empregada, e não apenas isso, mas realizar atividades domésticas, caracterizado ou não de empregada. Muitas vezes, não serve apenas o avental ou um espanador em mãos, mas todo o uniforme, e frases de efeito que conduzam a empregada a agir como empregada. “Toda realidade que a fantasia exerce sobre o fetichista quando bem desenvolvida, pode ter início num grande teatro onde ele desenvolve suas melhores

⁶⁴ As imagens 5 e 6 foram cedidas pela Rainha e por sua Sissy.

obras”⁶⁵. Acessórios e vestimentas apresentam funções essenciais na construção de cenários e ocupam lugar especial no imaginário erótico.

*Inversão de Papéis*⁶⁶, um conjunto de contos de pessoas que enviam relatos por e-mail, reais ou fictícios, nos apresenta material diverso, dentre eles, vídeos, imagens e textos de outros blogs que são readaptados. Esse blog aponta para a performance e travessia de gênero que o submisso aciona na prática de feminização, perpassada por vários elementos que são pontuais no sentido de ser algo que constrói e particulariza essas experiências. Alguns trechos de contos ilustram isso.

Mulheres, namoradas, noivas, esposas, desconhecidas, vestem homens de lingerie para satisfazer “taras”, para “transformá-los em mulherzinha”. Essa transformação geralmente é acompanhada de resistências da parte do homem. Da resistência à excitação: negação da excitação contradizendo o corpo, o pênis enrijecido. Outro elemento é a curiosidade e surpresa ao vislumbrar o próprio corpo feminizado, diante do espelho. A mulher, então, transforma o parceiro e inverte os papéis, vestindo o strapon para penetrá-lo. Além da cena descrita, a finalização com o gozo é também considerada uma humilhação. Para tanto, são impostos treinamentos e disciplinas para que o submisso aprenda a manter uma determinada representação desejada e engendrada tendo como referência um ou vários tipos de feminilidade e representações do “feminino”. Assim, a atividade do sujeito deve tornar-se significativa no sentido de que deve ser inteligível e convincente para o fluxo da cena/performance. A humilhação é como que um estado liminar que pretende rebaixar o sujeito à condições animais, mas de fato, é a partir dela que pode-se chegar a condição alta a qual o submisso feminizado almeja, em teoria, chega, é a de estar uma mulher ou próximo da “mulher interior” que existe dentro dele, ou ainda, entender sua dominadora e estar mais próximo dela.

Há um conto intitulado “Uma mulher me transformou em uma Cd” que explicita outro tipo de experiência e percepção da experiência. Novamente, o homem é vestido com lingerie, mas dessa vez, com direito a enchimentos no sutiã, um vestido ressaltando a silhueta, brincos, colares e salto alto, maquiagem e peruca: “Fez-me ir para frente do espelho e me olhar e disse: ‘olha como você está linda, Cláudia’”. O espanto diante da imagem refletida no espelho se repete, assim como a alusão ao tornar-se uma mulher e o

⁶⁵ “Doméstica”. Disponível no link: <http://www.bound-brazil.com/2012/05/domestica.html>. Postagem de 28 de maio de 2012. Acessado em: 6 de janeiro de 2014.

⁶⁶ Disponível no link: <http://contosdeinversao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

prazer que essa transformação proporciona. “Confesso que estava adorando ser uma mulher na frente de outra mulher, mesmo que não tivesse o corpo de uma”.

Novamente, é uma parceira mulher a agente da transformação, assim como também reaparece outro elemento que aparece no primeiro conto, a calcinha com um pênis de látex acoplado. Mas nessa ocasião, há claramente uma inversão de papéis demarcada pela vestimenta de ambos, ele vestido de mulher, e ela terno e gravata. Ela, então, o penetrou como um homem penetraria a vagina de uma mulher.

Percebendo a minha dor, ela foi me penetrando mais devagar e disse: “isso é pra você ver o que as mulheres sofrem nas mãos de vocês homens”. Naquela hora, eu percebi o que as mulheres sofriam e sofrem quando são arrombadas. Depois que ela enfiou tudo dentro de mim, deixou ali por alguns segundos e logo em seguida, começou o vai e vem que eu não queria no começo. Após algum tempo, a dor deu lugar ao prazer e Melissa percebeu o meu prazer, e começou a dizer: “você está gostando, não é, sua putinha safada?”. Eu tinha que concordar com ela, realmente era muito bom receber um pau grosso no cuzinho, e ela não pensou duas vezes, foi acelerando mais o entra-e-sai, me deixando louca de tesão, me fazendo gritar de tanta excitação, mesmo amordaçada. Dava-me tapas na minha bunda, me chamava de safada, putinha, cachorra e o que ela lembrava de chamar. Aquele "arrombamento" do meu cuzinho durou muito tempo, pois eu nem sabia que horas eram. Quando finalmente havia gozado e estava exausta, ela parou, me desamarrou e eu só tinha forças para tirar a mordaça e o pano da minha boca.

O homem do conto anterior foi “forçado” a vestir-se de mulher. Já o homem que aparece no conto “Ela me fez seu homem e sua fêmea” considera-se uma “cdzinha”, pois desde criança tem encanto por usar roupas de meninas: “Durante toda minha vida curti me montar, mas sempre sozinha...”. Afirma que sempre gostou de mulheres e nunca teve desejo por homens, mas o fetiche de usar lingerie sempre foi mais intenso. A procura por parceiras para a realização das fantasias de feminização foi facilitada pela Internet, local onde “descobriu” o que significava “CrossDresser” e que não era o único que sentia esse desejo, descobrindo inclusive que havia associações de “cds”. Assim, teve início a um contato com outras CDs em salas de bate papo. Com o tempo, percebeu que a maioria só queria satisfazer fantasias virtuais. “Eu morro de tesão por outras CDs, meu sonho sempre foi ter uma amante CD, mas é difícil encontrar alguém”. No entanto, em uma das entradas na sala de bate papo, ele encontrou uma mulher que achou interessante seu nick “Homem de Lingerie”, e ficou curiosa para saber se ele realmente estava usando lingerie. Para comprovar, ele enviou algumas fotos, que a deixaram excitada. Essa foi a porta de entrada para um contato que foi progredindo até o dia em

que marcaram um “encontro real” em Ribeirão Preto, local onde os dois deveriam estar a trabalho.

Foi amor à primeira vista. Eu cheguei antes no hotel onde iríamos passar a noite. Quando ela chegou, abri a porta e não resistimos, nos agarramos em um delicioso beijo na porta do quarto mesmo, esse beijo parece que durou uma eternidade, até hoje sempre lembro com detalhes de tudo o que aconteceu. Entramos para o quarto e nos amamos, gozamos muito, nos completamos na cama. Mas ela ainda estava curiosa sobre eu usar lingerie, abriu sua mala e tirou de lá um lingerie linda, e um par de sapatos de salto do meu número, disse que queria conhecer a Pathy. Eu me montei pra ela, virei a Pathy e aí o tesão voltou completamente, nos amamos muito como duas fêmeas sedentas de tesão e desejo. Ela descobriu que gostava de mim como homem e como Pathy, e eu descobri que posso ter muito tesão como Homem e como Pathy, a partir daí estou cada dia mais apaixonado pela minha Beth, que sabe me fazer sentir homem e mulher ao mesmo tempo, e ainda me estimula a realizar minhas fantasias.

Outro conto igualmente interessante por mencionar a observância da higiene corporal, algo que se repete em muitos relatos, e a depilação de todo o corpo ou de partes do corpo, como ânus, virilha, pernas e peito são mais comuns. A inspeção do corpo, por parte da dominadora, é por sua vez, a consequência, pois ela manda e inspeciona o cumprimento de sua vontade. No jogo de Dominação/submissão, o dever cumprido ou não ocasiona um castigo, já que essa é sua razão de ser. Aqui, o submisso é transformado em animal, a partir das alusões da posição de quatro, do manuseio do pênis como uma “teta de vaca”, fazer dele “um cavalinho”, o uso de cabresto, prendê-lo a mesa e montá-lo como se fosse um cavalo.

Em outra ocasião minha Rainha Cleuza ordenou-me que eu fosse em sua casa no final de semana no horário preestabelecido por ela. Recebi ordens de raspar meu cabelo e me depilar. Fiz o que ela ordenou e fui ao encontro. Chegando lá, ela ordenou-me que entrasse, fechasse a porta e me despisse imediatamente. Estando nu em sua frente minha Senhora começou a deslizar suas mãos em meu corpo inspecionando-me. Apertou meus mamilos e disse que eu estava como ela queria. Ordenou-me que ficasse de quatro no chão, colocou uma venda em meus olhos e uma espécie de cabresto em minha boca junto com uma rédea... Sentou em minhas costas e disse que eu seria seu cavalinho, então deu uns tapas na minha bunda e eu comecei a andar em sua casa, guiado pelas rédeas de Cleuza... Escutei vozes femininas chegando, e logo em seguida minha Rainha tirou a venda de meus olhos e assim reparei que estava preso junto a uma mesa da cozinha, ela guiou-me montada é claro ate a sala e então vi que ali se encontrava mais duas mulheres uma na faixa etária de Cleuza e outra mais nova. Elas riam e diziam para minha Rainha que finalmente ela arranjava um escravo decente... Ordenaram que eu desfilasse e enquanto eu o fazia levava tapas na bunda e elas me chamavam de gostosa, de putinha, me pediam para rebolar...o que obedeci. Minha Senhora ordenou-me que chupasse seu pênis negro e que molhasse bastante pois seria meu lubrificante. Chupei o consolo de minha Rainha e suas amigas ficaram me acariciando. Então, minha Rainha sentou no sofá, puxou-me pela cintura, afastou de lado o maio que eu vestia, abriu minha bunda e ordenou que eu cavalgasse em seu pau bem gostoso. Minha Rainha Negra dizia: " cavalga, cavalga meu escravo, cavalga no meu pau gostoso..." Suas amigas se juntaram a ela, uma abocanhou meu pênis e a outra lambia e mordida meu peitinho. Pedi autorização e gozei deliciosamente na boca de sua amiga. Naquela

tarde, servi obedientemente por mais vezes como cavalinho, cachorro e putinha sex para minha Rainha Negra e suas amigas (Trecho do conto “A Rainha Negra 2, a reunião”, do blog Inversão de Papéis).

Esse tipo de humilhação vem junto da inspeção de suas partes íntimas (o ânus lisinho e o pênis), da exibição de seu corpo nu e da presença de duas outras pessoas, que riam dele e diziam que ele era “um escravo decente”, em alusão a uma obediência e conformismo aos desejos da dominadora. De fato, Goffman (2011, p. 52-53) chama atenção para a observância de regras de condutas, as quais são definidas como guias para as ações realizadas pelos sujeitos. Nesse sentido, as formas pelas quais as regras “invadem” os sujeitos é através das obrigações e das expectativas: há a obrigação do cumprimento de determinados códigos de conduta do submisso, juntamente de uma série de expectativas de que essas regras sejam cumpridas.

Novamente, de cavalo, ele é transformado em “cãozinho”, “e como bom cãozinho obediente, eu deveria chupá-las uma de cada vez”. Assim, obedecendo sua Rainha, o escravo realiza seu desejo, cena que envolve dominação, submissão, exibicionismo e voyeurismo. A sessão de humilhação se completa quando uma das amigas da Rainha decide comprovar se o submisso gosta de intervenções em seu ânus, o que é comprovado por ela, para a surpresa (ou não!) do escravo.

E minha Rainha respondeu: "Deixa ele pra mim...". Ela me pegou com força, me levou para seu quarto e recebi a ordem de vestir o maiô feminino que estava sobre a cama, e que fosse logo senão eu apanharia. Vesti rapidamente e voltei para a sala. Minha Senhora já me esperava vestida com aquelas calcinhas com um consolo negro preso na ponta.

Ele retorna a sala e é incitado a exhibir-se, desfilando diante das três mulheres, que o fazem de brinquedo. “enquanto eu o fazia levava tapas na bunda e elas me chamavam de gostosa, de putinha, me pediam para rebolar...”. Elas fazem o papel de homens provocando uma mulher que nada pode fazer às investidas deles, apenas ceder, humilhada. Ele fazia o papel de “cavalinho, cachorro e putinha sex” de ambas as mulheres. Assim, quando sua Rainha ordenou que ele chupasse o consolo negro que ela usava preso em sua calcinha, o qual ela usaria para penetrá-lo, ele obedeceu, sabendo que daquela forma, estaria facilitando para si, lubrificando-o com sua saliva.

Dois elementos se repetem nos dois contos, a atenção da cena voltada ao ânus e a boca, orifícios que podem representar a vagina feminina, mas o ânus desempenha mais essa função do que a boca, que é a forma como o homem submisso tem acesso ao corpo da mulher dominadora. Se em uma relação convencional, pênis e vagina são os pontos que se ligam, aqui não acontece isso. Além da utilização de acessórios, evidentemente também presentes em relações convencionais, esses “acessórios” são parte fundamental da cena e são agentes da/cena. Há a transformação do homem em qualquer outra coisa que não seja humana: é um brinquedo, um escravo, um animal, uma puta⁶⁷. Esses quatro seres são colocados na estante do que está fora da condição de ser humano, e é humilhante ser colocado na posição de um dos quatro, principalmente, os quatro ao mesmo tempo. Ficou claro até aqui que há uma relação entre disciplina, domesticidade e escravidão. No entanto, esses termos assumem conotações ambíguas.

Erving Goffman (2007) atenta para formas de transmissão de comportamento diante do outro, fontes de informação e “veículos de indícios” (GOFFMAN, 2007, p 11) na interação na vida cotidiana. Ele fala sobre desempenho de papéis, como se o mundo, a vida, fosse um grande palco de teatro, no qual as pessoas representam papéis, podem ser convincentes para si e para os outros com os quais interage. Na verdade, “o indivíduo faz sua representação e dá seu espetáculo ‘para benefício dos outros’”; esse ponto diz respeito à “crença do indivíduo na impressão de realidade que tenta dar àqueles entre os quais se encontra” (GOFFMAN, 2007, p. 25).

De acordo com Aquino (2011), “Goffman [2007; 2011; 2012] argumenta que os agentes sociais, na vida ordinária, em situações de encontro presencial, de maneira consciente e inconsciente, performatizam seus comportamentos.” (p. 4). Assim, “Num dos extremos, encontramos o ator que pode estar inteiramente compenetrado de seu próprio número (GOFFMAN, 2007, p. 25). Aqui, importa a crença na própria atuação (idem). Dessa forma, “A força da performance está na relação muito específica entre os performers e aqueles-para-quem-a-performance-existe” (SCHECHNER, 2011, p. 215),

⁶⁷ O sentido da palavra “puta” aqui se refere ao sentido dado pelos interlocutores: assumindo um de degradação e humilhação. O termo aparece em outros momentos do texto, inclusive na fala dos sujeitos da pesquisa. “Quando se pensa em humilhar ou fragilizar um homem, tanto verbal quanto esteticamente, geralmente ele é tratado no/como feminino. ‘Putinha’, ‘vadia’, ‘piranha’ e ‘mulherzinha’ são palavras comuns ditas há um submisso, como quem o lembra ‘aquí ou comigo você não é homem, então não tem mais poder’” (Ver Humilhação e Gênero, disponível no link: <http://www.ifetiche.com.br/v1/index.php/glossario-perverso/157-humilhacao-e-genero>. Acesso dia 13 de agosto de 14). Considero que a utilização da palavra não se dá no sentido de menosprezar a prostituição, mas de acessar parte do imaginário que compõe a figura da “puta” como uma mulher supostamente liberta de conservadorismos em relação ao sexo.

e é importante que a cena seja convincente para o fluxo da performance e que “a transmissão do conhecimento performático” (SCHECHNER, 2011, p. 226) ensinado pela dominadora seja eficaz

A *feminização forçada* é um tipo exclusivo do contexto BDSM, uma prática que tem várias facetas e contextos, envolvendo fantasias de submissão e dominação física e psicológica, acentuando mais a dominação psicológica, é um processo cujos elementos são adicionados à performance, ao corpo, e vão constituindo a personagem feminina no corpo masculino transformado. Há alguns termos relacionados à prática, como o crossdressing e a *sissy maid* (ou *sissificação/sissification*)⁶⁸, na qual o submisso passa por etapas de adestramentos e transformações no corpo, vestimentas e comportamento, porém, ressaltando que tudo é encenado como se fosse realmente uma prática forçada, já que as práticas são consensuais.

A feminização do homem como humilhação é uma prática presente nas relações *Femdom*. “Por feminização forçada vamos entender, como manifestação mínima, a obrigação que a Dominadora impõe a seu submisso de se vestir como mulher, completamente ou apenas algumas peças íntimas femininas”⁶⁹. Geralmente, o sujeito que se identifica com o papel de submisso e/ou escravo passa por uma situação de dominação notadamente psicológica; *a dominadora abusa do escravo/submisso*. A ideia é *domesticar* a masculinidade do homem, discipliná-lo, de várias formas.

[...] não somente porque se sente prazer e satisfação com a situação, mas principalmente por saber o que se está causando de desconstrução na mente desse escravo, isso permite é claro a remodelagem de conceitos e atitudes perante sua dominadora, mais do que isso o seu comportamento passa a ser exemplar e dócil num contexto geral⁷⁰.

No caso da *feminização forçada*, “o prazer não vem de estar vestido de mulher, mas da humilhação que isso significa diante de sua Dona e diante de si mesmo”⁷¹, mas

⁶⁸ Há um entrecruzamento entre crossdressing e BDSM, e a *sissy maid* seria como uma variante do crossdressing (VENCATO, 2013, p. 185), mas exclusivo do contexto sado-fetichista.

⁶⁹ Ver *Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero*, disponível em: <http://www.ifetichê.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

⁷⁰ Ver *Feminização do masculino*, disponível no link: <http://kirtychandra.blogspot.com.br/2011/01/feminilizacao-do-masculino.html?zx=f1215f2bb635fa85>. Acesso em: 8 de maio de 2013.

⁷¹ Ver *Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero*, disponível em: <http://www.ifetichê.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

também pode ser um conjunto de fatores no qual estar vestido de mulher e sentir-se humilhado movem a cena. Interessa para nossa discussão lembrar que nem todo submisso passa pelo processo de *feminização*, até porque há inúmeras maneiras de humilhá-lo. , o submisso pode possuir o fetiche de ser feminizado por uma mulher e/ou ter fetiche por vestimenta feminina. Nesse caso, ele aproveita o próprio desejo pela caracterização feminina para servir à dominadora. “Igualmente pode repetir-se aqui a rejeição da Dominadora à pretensa masculinidade do seu submisso, impondo-lhe a feminização para que possa ficar ao seu lado” ⁷². Os fatores humilhação e imposição tem um peso menor do que na outra situação. Aqui percebemos mais uma feminização voluntária do que forçada.

É enfatizado o discurso da prática da feminização como uma forma de liberação de si, uma forma de romper amarras como se remetesse a um estado de liminaridade que evidencia um momento de catarse, onde há resignificação e representação (TURNER, 1974, p. 202). Não seria, portanto, um vestir-se de mulher por vestir-se, mas uma forma de libertar-se de alguma coisa que oprime, de preconceitos, um atalho para experiências nunca vivenciadas, um “momento de liberdade constante e contínuo” ⁷³, como se os homens fossem “prisioneiros do estereótipo da virilidade” e o peso da expressão da masculinidade fosse consequência da presença do pênis, evocando para si impulsos de violência (BADINTER, 2005, p. 95-129), e quando passam pelo processo de feminização estariam vivenciando um momento de liberação desse peso. As tecnologias de gênero aprisionam (SANTOS, 2010). É nesse sentido que se fala em liberação, visto que alguns praticantes relatam que quando estão feminizados sentem-se livres.

⁷² Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetice.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

⁷³Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br/2009/03/bdsm-x-mundo-real.html>. Acesso em 14 de junho de 2013.



Figura 7. Vestido de Sissy. Fonte: Internet.

A curiosidade de Ricardo, o Escravo em torno desse fascínio “pelo universo feminino” e por “fantasias de subjugação”, na infância, era alimentada pela observação de “manequins, vitrines e catálogos” e só depois de um tempo, começou a imaginar a si mesmo usando-as. As fantasias iniciais sempre estavam relacionadas a dominação e a subjugação, geralmente pensava que “uma garota, uma mulher ou várias” o “vestiam contra” a sua vontade. Esse tipo de fantasia é chamada de *feminização forçada*, que na sua opinião é um “nome bem tolo”, porque:

Primeiro que no BDSM, nada é forçado. Se não for consensual é abuso. Segundo que ser ‘forçado’ a vestir roupas femininas é desculpa esfarrapada de alguém que está doido para experimentar trajes femininos, mas não admite. Tem quer ser ‘forçado’ a fazer isso. E esse era meu caso, porque eu não admitia ou não sabia que sentia essa vontade de me vestir de garota. Para mim, era apenas um elemento em minhas fantasias humilhantes. Encaro a feminização como uma forma de humilhação, ridicularização (consensual é claro) BDSM, e ser torturado e tratado como se fosse uma garota me excita muito. Mas também gosto de ver como provooco as pessoas, de como me olham. Como sou magro e esguio, fico parecendo uma garota, fico com uma aparência bem andrógina.

As fantasias eróticas de humilhação e submissão já o acompanhavam, portanto, antes de conhecer sua *Dona*. Sendo assim, ele afirma que a “ensinou” a gostar. No início da relação dos dois, os encontros mais virtuais permitiam que ele compartilhasse sites, textos e contos relacionados aos seus fetiches. Na mesma época, “descobriu” muito material sobre o assunto *feminização forçada*, e continuou compartilhando com ela constantemente. De acordo com ele, “por sua sorte”, esse contato passou a fazê-la “curtir muito” desse universo também, mas “é um processo que ainda acontece”, devido a problemas pessoais que os impossibilitavam de ter privacidade, os encontros presenciais eram poucos. Atualmente, ocorre que ambos moram juntos, portanto podem praticar com mais privacidade e “capricho”.

O termo “feminização forçada” é, de fato, carregado de significados relacionados a degradação, humilhação, imposição e inferiorização, situações que são claramente humilhantes para o submisso e, teoricamente contra sua vontade. “Nesse caso, ao fazê-lo tornar-se mulher, a Dominadora o despersonaliza, o obriga a desmontar toda a construção cultural de gênero, ao modo como ele culturalmente aprendeu a se ver com o homem e obrigá-lo a, apesar do pênis, ser uma mulher”⁷⁴.

*Evidentemente, quanto mais chateado e aborrecido ficar o submisso por ter que se vestir e comportar como mulher, mais interessante o jogo fica. Há um prazer todo especial em "vencer" a natureza isso é, domesticar o animal para que ele aja em oposição ao seu instinto. Nesse sentido, a Dominadora manipula as próprias representações culturais dos gêneros para se impor ao próprio sexo orgânico que o corpo do submisso apresenta. Por esse motivo, há quem veja a feminização como o termo final de todo o processo de submissão*⁷⁵.

O *submisso* que não possui essa fantasia a rejeita pela identificação com o corpo, gênero e sexo masculino. No entanto, podem continuar no sentido de a prática despertar seu lado *masoquista*. Deparar-se com a negação de sua masculinidade, para alguns submissos, faz com que potencialize a despersonalização, fazendo-os sentirem-se mais escravizados.

⁷⁴ Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

⁷⁵ Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

*Para muitas Dominadoras, a despersonalização proposta pela feminização forçada é tal como outra qualquer. Trata-se de moldar o submisso a seus desejos e caprichos. Tanto faz se o submisso foi transformado em mesa ou mulher. Para outras Dominadoras é realmente uma brincadeira de bonecas feita com gente viva*⁷⁶.

Aqui cabe mencionar outros tipos de *feminização* que também aparecem: o *crossdressing*, a *sissificação* e o *travestismo*; o primeiro e o terceiro, respectivamente, não são exclusivos do contexto *sado-fetichista*; ambos evocam trânsitos de gênero, que são acionados e construídos através de determinadas representações e estereótipos convencionalmente reconhecidos como pertencentes ao mundo feminino e/ou masculino.

Em nível de esclarecimento, tomaremos como “travestismo” a prática de travestir-se com trajes do gênero oposto, atentando para nosso contexto, que aqui é adicionado de caráter fetichista: “Batom, cinta-liga, corseletes, calcinhas, sutiã só fazem sentido para o submisso fetichista se ele compreende o código cultural de vestimentas de sua sociedade. Se as marcas culturais fossem outras, ele buscaria essas outras marcas para seu travestismo”⁷⁷, portanto, os estereótipos são reconfigurados com base em representações culturais já existentes.

Essa modalidade de travestismo, o fetichista, é episódico, ou seja, “delimitado a uma cena ou situação”. Nesse sentido, não há uma necessidade de estar feminizado em tempo integral, o que interessa é a *feminização* em uma cena sado-fetichista. Prissy Maid ressalta em sua fala que existe a diferença entre a prática e o fetichismo:

*Não sou fetichista apenas sou escrava. Hoje culminou com ela me colocando o meu cinto de castidade, cinto que nunca mais tirarei na vida e depois veio o banho dourado, comigo literalmente engolindo tudo. Para muitos fetichistas seria o máximo, mas lembrem não tenho estes fetiches não gosto, é a vida real. Engolir sua urina e estar de cinto de castidade não por um momento ou brincadeira, mas para sempre é muito intenso... Ser privado de tudo. Não poder tocar na sua amada nem ao menos se tocar. Vendo outros estarem com ela eu neste estado. Perceberam o tamanho da dominação psicológica? Tornei-me um mero objeto, pois não tenho o direito nem de pensar mais. Tenho que aguentar tudo e sentir inferiorizada a todos. Quando engoli a urina da minha Rainha percebi que aquela era daqui para frente a forma dela me beijar*⁷⁸.

⁷⁶ Ver *Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero*, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

⁷⁷ Ver *Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero*, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

⁷⁸ Disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2013/08/entrega-total-cinto-de-castidade-banho.html>. Acesso em 12 de agosto de 2014.

Alguns submissos que se travestem relatam a sensação de “caráter liberador” da *ridicularização e humilhação*, ressaltando o lado do sadomasoquismo como espaço de “experimentação”, além de ser transgressor e provocar rupturas de papéis e identidades de gênero, e também “papéis de sexo, tanto na Dominadora com *strap-on*, como no submisso travestido”⁷⁹. A experimentação se dá pelo fato de as pessoas estarem “reinventando as representações culturais para delas, obterem um novo prazer”, mais próximos da criatividade do que da normatividade⁸⁰.

Para algumas das pessoas que sentem desejo por vestir-se com roupas socialmente atribuídas a *outro sexo* ou *outro gênero*, o desejo de *se montar* ou *se vestir* e a efetivação dele constituem-se em importantes experiências, algo que é descrito como singular para suas autoestimas, suas autoimagens e para sua percepção enquanto uma *pessoa completa* (VENCATO, 2013, p. 140).

Diferente das *drags*, que são personagens que tem razão de ser na apresentação ao público, principalmente em boates gls, os homens que se feminizam em meu estudo, apesar de manterem níveis de exibicionismo, não o fazem para um público, mas para práticas em parceria ou exibição de forma que seu anonimato seja mantido. Ao contrário do que acontece com as *drags*, inclusive, a parte que não fica exposta ao público é o processo de “montaria”, o qual é exatamente o processo que é relatado em algumas falas: nem sempre uma *sissy* ou um *cdzinha* quer se fazer notar pelo público a partir de suas performances, porque a situação só se complementa quando há a relação de dominação e submissão, ou seja, o SM é a finalidade, e não apenas a performance a um público. O corpo é um território no qual se opera uma ou várias transformações que são mais particulares/privadas ou pretendem uma audiência específica. Nem sempre *uma sissy* ou *um cdzinha* quer se fazer notar pelo público a partir de suas performances, porque a situação só se complementa quando há a relação de dominação e submissão, ou seja, só quando a “fabricação do corpo” (VENCATO, 2005, p. 231) tem como finalidade práticas sado-fetichistas.

⁷⁹ Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

⁸⁰Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

*Passei um tempão explicando para mais uma sissy que me procurou que se ela aparece já vestidinha na minha frente, não quer nada de Feminização Forçada. Ah me dá uma raiva, porque é muito difícil encontrar machos de verdade para brincar de feminização. Sim, é claro que gosto de sissys assim já prontinhas. Mas gosto mais quando sou eu que conduzo as mudanças*⁸¹.

Sissy maid ou empregada doméstica sissy (sissy é um termo que traduzido significa maricas, efeminado) “é o traje de fantasia mais comum da submissão masculina e está associada à servidão pessoal. Essa fantasia se tornou um dos símbolos representativos da servidão masculina no BDSM”⁸². Mas não é apenas um *traje*, e não apenas um fetiche: em algumas situações, pode se tornar um *estilo de vida*. “Uma empregada sissy pode ter o pênis trancado em um dispositivo de castidade para impedir a liberação sexual. A sissy tem que suportar uma vida de abstinência e deve se contentar sendo invertido pela dona ou com a masturbação quando liberado”⁸³.

*Uma sissy tem que ter consciência de que o que tem no meio das pernas não serve para nada. Por isto o uso do cinto de castidade que é uma excelente forma de treinar sua sissy. Agora com uma sissy usando o cinto de castidade, apenas acrescenta-se um consolo. Demonstra para a sissy que o que ela tem não serve mais!*⁸⁴

⁸¹Depoimento de Rainha Frágil, em seu blog, disponível no link: <http://rainhafragil.wordpress.com/2009/01/17/557/>. Acesso em 14 de agosto de 2014.

⁸²Ver *Sissy e Feminização* forçada, disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2010/11/sissy-e-feminizacao-forcada.html>. acesso em 12 de agosto de 2014.

⁸³Ver *Sissy e Feminização* forçada, disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2010/11/sissy-e-feminizacao-forcada.html>. acesso em 12 de agosto de 2014.

⁸⁴ Ver *Ótima ideia*, disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2011/12/otima-ideia.html>. Acesso em: 7 de dezembro de 2014.



Figura 8. Sissy Maid exibindo cinto de castidade. Fonte: Internet.

Essa fantasia mobiliza um processo de *feminização, forçada e/ou voluntária*, que é um treinamento – *sissificação* ou *sissification* – compreendendo uma série de rituais, os quais possuem elementos de *servidão doméstica e pessoal, disciplina, idolatria*, e, em alguns casos, é resultado (ou condicionante) de uma relação 24/7, o que significa dizer que há a servidão integral do *submisso/escravo sissy* à dominadora⁸⁵.

Muitas postagens no blog de Prissy Maid giram em torno da definição do que é uma *sissy* e as várias interpretações sobre a prática. De acordo com a própria e sua *Rainha*, no Brasil o material sobre a prática é escasso, mesmo na Internet é possível encontrar mais histórias fictícias e contos do que histórias reais, como de Priscila. As duas tomam para si, nesse sentido, a responsabilidade de ser referência sobre o tema no contexto brasileiro, bem diferente do estrangeiro, segundo postagens no blog de Priscila e minhas observações de material de sites e blogs estrangeiros e de relatos ficcionais e contos. Sua *Dona* participa de uma postagem sobre a prática da *sissy maid*, falando sobre o que faz parte desse universo e sobre a montagem da personagem *sissy*:

Definitivamente uma sissy não é somente as roupas e gestos, uma sissy está muito além da produção...Mas hoje, eu Rainha Nahemah, falo exclusivamente da minha visão sobre a

⁸⁵Ver Treinamento de um escravo sissy, disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2013/07/treinamento-de-um-escravo-sissy.html>. acesso em: 12 de agosto de 2014.

montagem de uma sissy. Exatamente como certas roupas podem estragar a aparência da sissy, há roupas que na minha opinião são essenciais na montagem delas...A roupa completa o ser e dá vida aos comportamentos, transmitindo toda elegância deste incrível personagem dentro do BDSM que serve para agradar a sua dona. São detalhes importantes que completam uma impressão linda. A graça e o encanto são fundamentos de uma sissy, são feitos de gestos graciosos e movimentos bem controlados, que são adquiridos e desenvolvidos no início da sissyficação e sempre aperfeiçoados pela prática. Estes seguidos com a perfeita montagem desde a roupa, cabelos, sapatos e uma grande quantidade de detalhe, resulta na sissy perfeita com toda magia e elegância que envolve a sissy maid⁸⁶.

Prissy Maid comenta que uma sissy não possui fetiches. Em outra postagem, ela diferencia o fetiche, esporádico, que se realiza em sessões, do *estilo de vida*, ou seja, “estar” e “ser” uma sissy, diretamente relacionado ao consenso. Ela diz:

Ser uma sissy é muitíssimo diferente de estar uma sissy. Ser uma sissy é deixar de ser vista e tratada como um ser humano pela sua Dona, é tornar-se uma boneca, passar a ser seu brinquedo, sem vontades ou desejos, aquentar toda sorte de humilhações, e passar por quaisquer situações sejam elas quais forem. Uma sissy real é propriedade da sua Dona. A sua única vontade permitida é servir e agradar sua Dona da forma em que ela quiser. Numa relação deste nível a sissy deixou de ser humano e tornou-se a boneca da sua dona, um objeto e com isto uma das bases do BDSM cai por terra: o consensual. Esta relação não tem limites, eles caem por terra. A Dona da sissy a trata e a enxerga como sua boneca e faz o que quiser da forma que quer... Quando esta fantasia sai das 4 paredes e torna-se uma realidade é um caminho sem volta...⁸⁷

Prissy Maid afirma que ela e sua Dona falam que a sissy é um “terceiro sexo”.

Sou homem a desejo, mas sou amais perfeita mulher...Ser sissy é ser uma escrava no sentido literal da palavra, eu vivo e sou tratada como uma escrava seria quando existia a escravidão. A diferença é o amor que uma sente pela a outra no mais não tem diferença. Sissy é este homem que se tornou uma mulher perfeita, que ao mesmo tempo ela me fez sentir homem pois a quero, mas que não tenho nada. Não a tenho, não a toco... Quando tem a “brincadeiras” como ela fala, quando ela me submete a sessões de spanking, ou faz inversão ou usa vela ela sempre é o mais hard possível. Ela me espanca ate marcar e ferir, as velas cobrem meu corpo a inversão é feita de forma vigorosas para provocar dor. Eu sofro horrores e detesto. Perguntará qual o meu prazer. Simples O meu prazer é o dela, é vê-a gozando, em servi-la. Isto é uma sissy a personificação da mais pura submissão e entrega totalmente sem limites. Ultrapassa o BDSM pois não há mais limites uma escrava não os tem a Dona que os tem entende?

⁸⁶ Disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2014/04/a-magia-de-uma-sissy-maid.html>. Acesso em 12 de agosto de 2014.

⁸⁷ Disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2014/08/uma-sissy-real-e-com-orgulho.html>. Acesso em: 12 de agosto de 2014.

A esses roteiros “são combinados com a tortura do pênis e das bolas, bem como o uso de *dispositivos de castidade masculino*”⁸⁸, sendo o estímulo anal um dos mais frequentes. Diz-se que a sissy deve viver uma vida de abstinência, que pode ser alcançada com o adestramento mais conhecido como *castidade masculina* ou ainda *castração*, que pode ser *química*.

*A castidade é premissa para a mansidão e a obediência. Porque nenhum homem comum alcançará todas essas virtudes se primeiro não for capaz de castidade. A educação do homem passa obrigatoriamente pela castidade. Não é possível ensiná-los a amar, nem mesmo ensiná-lo a desejar, sem que antes se tenha o controle sobre o seu sentir. Os homens castos se tornam mais puros, mais obedientes e menos ansiosos. E isso é de verdade assim que funciona. Não é lenda. Os homens vivem em função do sexo. Sentem diferentes das mulheres. Está provado que o homem casto é mais manso e mais obediente que os homens comuns. São menos ansiosos. Não vivem naquela agonia para “montar” a fêmea. Não é preciso castrar. Acho castrar uma coisa muito forte mesmo que seja apenas psicologicamente. Não. Sou de opinião que preservem a consciência do pênis com toda aquela simbologia fálica que aprenderam desde meninos. Gosto de usar a ereção como forma de condicionamento. Por exemplo, se você permitir que sempre só gozem depois de serem muito humilhados. Vão acabar associando às humilhações a ereção. E vão sentir prazer...Ideiafix, há dez anos sendo condicionado a só gozar vestido com roupas femininas. Hoje quase não consegue ter ereção se não estiver vestindo roupas femininas...Aquela ansiedade que era fisiológica é substituída por um sentimento sublime, heroico. Querem ser merecedores então se fazem obedientes. E fazem o palhaço, a bicha, a cadela... Fazem o que você quiser, apenas pela esperança de um dia gozarem. Homens são tão treináveis quanto os cães. Não há muita diferença. A única diferença é a consciência mesmo. Então, é força-los de forma consciente. Fazê-los optar pela castidade*⁸⁹.



Figura 9. Gozando de Cinto. Fonte: Internet.

⁸⁸ Ver Sissy e Feminização Forçada, <http://submissoreal.blogspot.com.br/2010/11/sissy-e-feminizacao-forcada.html>. acesso em 12 de agosto de 2014.

⁸⁹ Ver *Sê casto*, disponível no link: <http://rainhafragil.wordpress.com/2008/07/31/se-casto/>. Acesso em: 11 de agosto de 2014.

O cinto pode ser utilizado de forma indefinida, no entanto, é preciso que o esperma seja expelido de vez em quando, mas não com o sexo convencional, mas “ordenhado, o que é feito pela massagem prostática, existem inclusive no mercado, estimuladores da próstata que são consolos com uma curvatura para o estímulo da próstata. Com este estímulo ele expele o esperma sem gozar e com o dito cujo mole”. Outra forma de manter a obediência para reafirmar a castidade é a “castração química, com o uso de bloqueadores da testosterona, retirando-se toda a masculinidade que porventura ainda existam”, principalmente no caso das sissies⁹⁰.

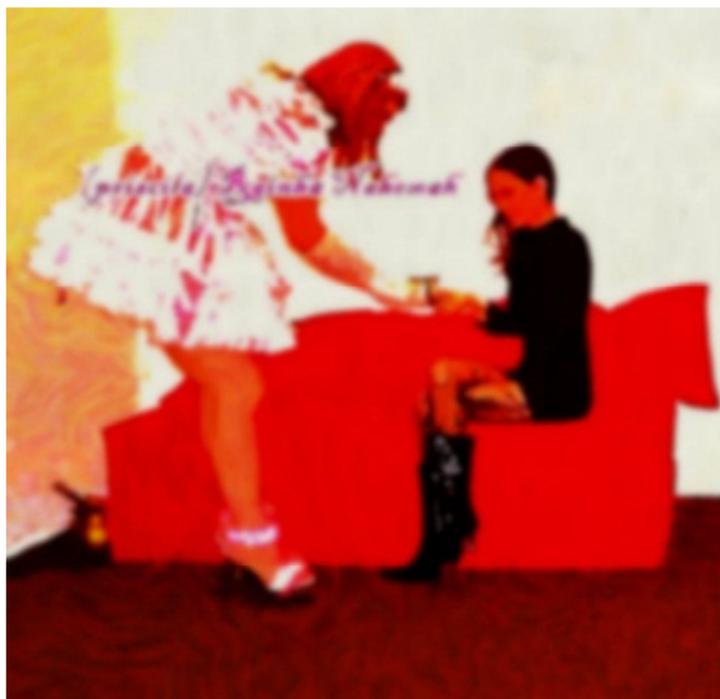


Figura 10. Empregada Sissy⁹¹

Submisso Feminizado fala que “não me visto de mulher por me vestir, e sim para me liberar, ser a escrava de minha linda Dona, uma escrava submissa e masoquista”. A feminização é apresentada como um lento processo, “um momento de liberdade constante e contínuo”, o que a diferencia das outras práticas (spanking, dogplay, bondage...). Antes do início⁹² do processo, ele era apenas escravo. Da submissão, da

⁹⁰ Ver *Formas de controle e disciplina: a castração química e o uso de cinto de castidade masculino*, disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2011/03/cito-ded-castidade-masculino.html>. Postagem de março de 2011. Acesso em: 7 de dezembro de 2014.

⁹¹ Imagem cedida pela Rainha e sua Sissy.

⁹² Essa questão do iniciante ou neófito é semelhante ao que Turner (1974, p. 127) afirma: “O neófito na liminaridade deve ser uma tabula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento”, assim,

servidão, evoluiu para a feminização. A passagem da submissão masculina para a feminização tendo como analogia um processo de “evolução” foi algo mencionado em entrevista por uma dominadora, única entrevistada presencialmente, e reaparece na fala deste submisso:

Eu tinha mais ou menos um ano, um ano e meio de servidão como um "simples" escravo antes de começar o processo de feminização. Durante esse tempo tive várias experiências dentro do BDSM, das mais "clichês" (dog play, spanking, inversão, podolatria por exemplo) até as mais inusitadas, e eram exatamente essas inusitadas que me deixavam confusa pois na hora não sabia o que pensar, porém guiada pela minha Dona tudo clareava... Este processo teve várias etapas, não me lembro da ordem certinha, mas teve etapas de autoconhecimento, conhecimento da minha Dona, luta pelos medos, conquista da confiança da minha Dona, assim como confiança em mim mesmo. Esse sim foi difícil rs... Para resumir um pouco... Todo esse tempo de não entender o que se passava (e ainda existem coisas que ainda não entendo) faz parte do processo de minha preparação como escrava de minha amada Dona. Como sempre confiei no que minha Dona disse, tinha certeza que o que acontecia era parte de minha preparação para servi-la como devo servi-la. Porém quando o processo de feminização iniciou e me vi uma CD, durante as sessões tudo ficou claro. Eu sou a cadela de minha Dona, e para servir de forma adequada, tenho que virar a puta que minha dona deseja. O início da feminização em minha servidão foi algo que eu não esperava, no início de uma sessão minha dona mostrou as roupas e a sandália e mandou eu me vestir. Minha cabeça estava... meu deus, o que é isso, passou do limite e etc... Porém minha pequena alma estava a mil, queria muito que aquilo acontecesse. Mas não por eu ser bissexual (apenas descobri que sou bi a muito pouco tempo mesmo, quer dizer sempre fui, apenas me descobri), mas sim pela servidão, me vestir de mulher diante de minha Dona era algo que me dava muito prazer e sentimentos gostosos... Estava me sentindo ridícula (na época ridículo rs) porém bem comigo mesma, e quis mais... a sensação de liberdade, sinceridade, ser quem eu realmente sou diante de minha Dona que tanto amo. E isso só me despertou esse mundo novo da feminização.

Ele fala sobre como foi os primeiros contatos com a feminização, como foi essa novidade para “um rapaz de 20 e poucos anos, no auge da virilidade”. Sua relação com uma dominadora já havia iniciado. Conheceram-se através de um amigo em comum, no meio. As primeiras experiências com maquiagem, roupas, acessórios e calçados femininos, além da humilhação em ser chamado de “cadela e puta” foram motivo para deixa-lo “grilada”, por ser “muito fora da realidade”. No entanto, a sensação de estranhamento era acompanhada pela curiosidade, o tesão e a ansiedade para que tudo acontecesse novamente, “uma experiência 100% controlada por minha dona, inclusive eu mesma, 100% controlada”.

“são submetidos, representam em parte destruição de uma condição anterior, e, em parte, a têmpera da essência deles, a fim de prepara-los para enfrentar as novas responsabilidades e refreá-los de antemão, para não abusarem de seus novos privilégios”.

Prissy Maid, por sua vez, desde pequena se interessava por roupas femininas, e passou grande parte da adolescência travestindo-se em segredo. Vestir-se de forma a deixar seu corpo feminino, “montar-se”, e visualizá-lo diante do espelho causava orgasmos, sem que precisasse de masturbação.

Gozei sem ao menos me tocar, apenas com a minha visão de saia refletida no espelho. Como era muito fechada e sabia que estava fazendo algo “errado” escondi o que aconteceu de todos. Desde então passei a ser assídua freqüentadora do banheiro. Montava-me e me masturbava. Lembro que os meus colegas se masturbavam com revistas de mulher pelada. Eu detestava este tipo de revista. Amava revistas de moda. Via as modelos e saía do mundo real, imaginando-me sendo uma delas e vestida com aquelas saias e vestidos deslumbrantes. Claro que era com estas revistas que me masturbava! A minha vida se resumia a estudar, me travestir escondida no banheiro, vendo revistas de moda e sonhar... Adorava ver filmes e ficava louca quando passava algum em que o homem era por algum motivo objeto de chacota ou escravizado ou subjugado por uma mulher. Adorava a época do carnaval, pois aí as travestis apareciam e eram exaltadas. Eu morria de inveja. Como queria ser feminina como elas....⁹³

A primeira parte do blog e assuntos nas entrevistas iniciais (em dezembro de 2013) era como ela descobriu o BDSM e o desejo de feminizar-se. Sua fala remonta à infância, quando já fantasiava travestir-se *femininamente e de serviçal*. Suas fantasias de infância também contavam com fantasias sobre *ser raptada e forçada a tudo*. Nas brincadeiras de criança sempre dava um jeito de realizar *um papel feminino e servil*, embora nunca tenha sido *efeminado*. A criança tímida e retraída pegava roupas de parentes escondida para, no banheiro, poder vestir e admirar-se diante do espelho. Desse momento solitário de admiração, aos 11 anos, relata que teve seu primeiro gozo.

3.2 Travessias de gênero: masculinidades e feminilidades (não) hegemônicas e o “espetáculo da ambiguidade de gênero”

“O sexo da sissy é a humilhação é a frustração. Esta é a minha vida” (Prissy Maid).

⁹³ Disponível no link: <http://priscilasissy.blogspot.com.br/2011/02/terminando-infancia.html>. Acesso em: 6 de dezembro de 2014.

As *drag queens*, de acordo com Anna Paula Vencato passam por um processo de *female impersonation*, e constroem sua corporalidade a partir de um tipo de *cross-dressing*. A autora discute como se dá esse aprendizado do ato de se montar, bem como a construção da personagem feminina que nasce dessa transformação. É importante a própria descrição desse processo para entender essas duas situações – o montar-se e a personificação. Esses dois processos, montagem e personificação têm poder de construir outros femininos que diferencia drag, transformista, trans, sissy, cd, o tipo de performance, de vestimenta, de maquiagem, os acessórios, o comportamento visado e performatizado. Por sua vez, faz parte do *ethos* submisso passar pelas práticas de submissão mencionadas nos discursos e contos colhidos em campo, a partir do momento em que o submisso sente prazer em feminizar-se e inicia o processo de feminização que tem várias vertentes, por exemplo, pode ser apenas um fetiche no qual o homem não leva adiante o desejo de feminizar-se, não passa de uma dentre outras práticas eróticas que fazem parte de seu repertório erótico, enquanto outros sentem satisfação na feminização, e a partir dessa, entram as outras práticas.

A possibilidade de performatizar um gênero lança mão da fixidez das “normas de gênero”. A performance, assim, através de seus “atos corporais, estéticos e linguísticos” (BENTO, 2006, p. 26) atualiza “interpretações entre o que é masculino e feminino” (BENTO, 2006, p. 22), operacionando “trânsito e mobilidades entre gêneros” (BENTO, 2006, p. 23) e estereótipos, Estereótipos que elencam todas as mulheres como se fossem meras cópias “de diferentes personificaciones de alguna arquetípica esencia de mujer, representaciones más o menos sofisticadas de una femineidad metafísico-discursiva” (LAURETIS, 1989, p. 8). Seguindo essa mesma linha de pensamento, McClintock (2010, p. 104-105) afirma que as mulheres ao invés de desempenharem a “feminilidade” como algo natural, em certos contextos, a encenam como um disfarce necessário para a sobrevivência em um universo masculino e machista. A autora cita Luce Irigaray, a qual chama atenção para o fato de que parece que:

[...] as mulheres devem assumir deliberadamente os papéis femininos impostos a elas, mas fazê-lo de tal maneira a ‘converter uma forma de subordinação numa afirmação. Pela ‘alegre repetição’ das normas invisíveis que sustentam a heterossexualidade, as mulheres desvendam como arte a falta de equivalência entre a ‘natureza’ e a *performance* de gênero. Somos ‘tão boas mímicas’ precisamente porque a feminilidade *não* chega naturalmente’ (MCCLINTOCK, 2010, p. 104-105).



Figura 11. Submisso feminizado e imobilizado. Fonte: Internet.

Submisso Feminizado, fala que, depois do estranhamento de ver-se vestido de mulher, o momento agora esperado no qual ele podia “curtir um momento mulher-mulher”, de aprendizados: não apenas “andar de salto, vestir, maquiar”, mas se “portar, me sentir uma verdadeira mulher quando estou com ela”, de fato, os movimentos dos quadris femininos são entendidos como desejáveis, portanto, admiráveis e um modelo a ser seguido.

O lindo dentro da relação que tenho com minha Dona, é a possibilidade de ser um objeto, um objeto gostoso (no sentido de ficar do jeito que minha dona gosta) e que atíça os sentidos da Dona. Me vestir apenas por vestir desperta alguns sentidos eróticos, mas o êxtase está na confiança que uma tem da outra, possibilitando a libertação de sentimentos realmente femininos, ou seja, a sensação de uma mulher completa. Fui e estou sendo adestrada por minha Dona para ser a cadela que ela deseja, uma cadela sexy, ousada (eroticamente falando), gostosa e feminina. A feminilidade envolvida em nossa relação é o que desperta vários dos muitos sentimentos que há dentro da relação BDSM. O jeito sensual de andar, de mostrar as pernas cruzadas enquanto está sentada, quando é encoxada por trás e querendo retribuir a recompensa, quando sinto o cabelo sendo agarrado e sentir todos os sentimentos e poderes da minha Dona apenas pela proximidade de seu corpo com o meu. Conseguir entender o que minha dona está sentindo, suas emoções e desejos através de um simples olhar e de um simples toque, é a recompensa por tudo.

O processo de feminização é interpretado pelo praticante como uma forma de acessar, familiarizar-se e entender o que é ser mulher. O “lado feminino” é muitas vezes acionado no comportamento, em relação ao porte, vestimenta, mas também em relação aos sentimentos, assim, “‘Preliminares’, ‘duração’, ‘sentimentos’, é o tríptico tradicional que define a sexualidade feminina. ‘Penetração’, ‘consumação’ e ‘dominação’ é o da sexualidade masculina” (BADINTER, 2005, p. 126). Mas também há uma associação entre feminilidade e sentimentalidade, sugerindo que é também parte da transformação a aproximação e aprendizados de sentimentos, o que quebra com a noção de “como os homens lidam com as emoções, uma vez que uma das características tradicionais da masculinidade é justamente a negação de qualquer sensibilidade ao homem” (GROSSI, 1995, 23-24).

Que mulher tem que ter postura e educação é fato e por isso nem irei entrar no mérito dos detalhes, porém a sutileza feminina que muito atrai os homens é algo que terei que trabalhar em cima, e muito. Creio que as mulheres com corpo de mulher de nascença constroem essa sutileza o decorrer da idade. Porém como meu caso é diferente, preciso aprender sem ter essa de "decorrer da idade". O instinto masculino ignora a existência de cuidados ao se ajeitar na cadeira, afinal, homens não usam saia. A sutileza da troca de posição foi algo novo para mim, segurar a saia para não mostrar o que não deve ser mostrado é algo óbvio, porém conseguir se ajeitar com charme que é o segredo. Pequenos gestos, sutis, mas preciosos para dar um toque de elegância, charme, desejo e praticidade. Como, por exemplo, arrumar o cabelo, esta pequena ação de acordo como é feita, pode não apenas arrumar os fios rebeldes, mas passar uma imagem. O olhar, forma como toma um gole em uma taça, o modo como limpa a boca após. Pequenos detalhes que muitas vezes passa desapercebido se feito de modo correto, e gritante aos olhos se feito de forma errada. Ser mulher é ir além de colocar uma roupa feminina, é ter postura, charme, educação e ser desejada. E como sempre digo, sou muito feliz em ter minha Dona ao meu lado me moldando a ser a cadela que a serve.

O blog de Submisso Feminizado situa bem a posição do praticante diante da feminização no BDSM. A dominação psicológica rouba a cena e se torna centro de muitas das reflexões que compõem. A face psicológica dessas experiências está bem reforçada nesse sentido, e um dos pontos fundamentais é a afirmação de um “espírito feminino”, o que remete à ideia de uma essência feminina, “estereótipos sociais, como a meiguice e passividade da mulher” (BADINTER, 2005, p. 81). Sabemos que noções de feminino e masculino são construções sociais, ficções, fazem parte de paródias de gênero. Aqui, os “mundos” femininos e masculinos são colocados em lados opostos, sendo o feminino subjugado ao masculino. O masoquismo e a feminização são

diretamente relacionados ao fator do “psicológico feminino”: a feminização é uma humilhação, mesmo consentida. É um processo que já é humilhante por si só, e a depreciação do feminino, com palavrões como os mencionados, efetiva uma dupla humilhação. A palavra “violência” aqui não deve ser interpretada no sentido literal, já que o sofrimento é almejado pelo submisso, e a dominadora se utiliza de ferramentas diversas para fazê-lo sofrer, como por exemplo, sexo anal.

Vou ser bem sincera, ainda não gosto de dar a bundinha. Mas juro que quero gostar. Apenas há pouco tempo, durante uma tarefa que minha Dona me passou, eu comecei a entender o funcionamento para ter prazer. Nunca me senti confortável com nada na região anal, sempre senti uma sensação estranha, incomoda. As poucas vezes que tive prazer, foi perto do orgasmo e depois de muito tempo "sofrendo" até me acostumar. A sensação de "cocô eterno" sempre me incomodou muito. Hoje em dia, com muita calma, muita calma mesmo consigo ter prazer, porém tenho que começar bem devagarinho... Eu quero, e quero muito conseguir ter relações anais, afinal, é o único lugar possível...

Podemos pensar sobre o tabu do ânus, a relação com impureza e passividade. Em muitas das situações relatadas, há uma passividade masculina e uma atividade feminina, geralmente, associada a atitudes que retomam uma ideia de virilidade própria do “universo masculino”: o homem “come” a mulher, “pega de jeito”, nesse caso, quem realiza essa função é a mulher: os papéis são invertidos. O pênis de uma “sissie” ou do escravo que está em processo de adestramento é “inutilizado”, negando assim a posição social masculina do submisso (PELÚCIO, 2007, p. 12). A inversão de papéis se dá também no fetiche do serviço doméstico, realizado pelo escravo, as tarefas que são culturalmente associadas ao domínio feminino, “um certo tipo de feminino associado à passividade e à dominação” (PELÚCIO, 2007, p. 4).

Ser uma cadela de minha Dona, não é apenas ter a alma feminina, usar roupas femininas e ter ações femininas. Minha Dona quer uma cadela completa. Vou ser bem sincera, meus dotes ainda são terríveis... Enfim, minhas tarefas semanais incluem: arrumar a cama de minha Dona no mínimo 2 vezes por semana, deixando um bilhete embaix do travesseiro, deixar seus calçados limpos e organizados, um post no blog, deixar a maleta de sessão organizada e me manter arrumada. Manter-me arrumada é: aparar sempre os pelos pubianos, onde eu tenho um coração que sempre deixo "depilado" com pinça e manter a região anal sem pelos, além do óbvio, como unhas cortadas e etc. Basicamente está é minha rotina semanal...

Do lado oposto da submissão, a posição de dominadora é fundamental na construção da fantasia, posto que uma não exista sem a outra como complemento. A

“beleza da feminização” encontra aí sua razão de ser: o desejo da dominadora pelo submisso feminizado. A ambiguidade é moeda de troca: vestir-se de mulher, sentir-se feminino e ser passivo não faz do submisso um homossexual, assim como uma mulher sentir desejo por um homem vestido de mulher não faz dela lésbica ou bi. Não necessariamente. Mas além de o desejo pelo outro ser fundamental para a relação, outra coisa é apontada como importante para toda relação sado-fetichista.

Feminização e desejo erótico ser orientado para pessoas do mesmo gênero ou gênero oposto não estão diretamente ligados. Transformar-se em outra pessoa, em outro gênero assemelha-se como que uma liberação de si, um processo libertador contínuo, uma separação do preconceito e problemas da vida “real”. Estar “montada” é acessar outro nível de realidade, realidade na qual se é “apenas quem realmente sou, uma escrava, submissa e masoquista”. É um momento de realização, de prazer mútuo. “Ser uma CD (Crossdresser) é igual a spanking, dog play, bondage, ou seja, para mim é mais uma prática BDSM, prática esta me ensinou a ver e sentir coisas que jamais esperei”. É também um processo de aceitação e confiança próprias, de autoconhecimento. É interessante mencionar que, no caso do crossdressing, nem todas as pessoas que praticam também praticam a inversão. Vencato (2013, p. 183) ressalta que “*dar ou ser penetrada quando montada* pode passar pela construção ou efetivação da construção de certa feminilidade. Nesse sentido, ser *passiva* numa relação sexual serviria como uma espécie de *reforço* do papel de mulher que se pretende desempenhar”. Prissy Maid disse:

Eu sou de um tempo que não existia net, me informei por meio de publicações dos USA. Quando surgiu o computador eu já dava aulas sobre o assunto. Mas sempre procurei a pessoa certa para me entregar. Tenho eu confiar ao extremo, pois minha dona se quiser pode me destruir com um piscar de dedos. Ai começou o preconceito do meio. Se eu nunca tive uma Dona era iniciante e desprezada. Com a internet surgiram aos montes as falsas sissies, os “homens” que por fetiche apenas se intitulam sissies apenas para se masturbar na frente de uma tela de computador. Com isto as sissies foram extremamente desprezadas no meio BDSM. As domes queriam escravos, sissy era ignorada. Passei décadas ignorada ate encontrar minha Dona... Ela me deu a vida como uma mãe da a sua filha.... Antes mendigava atenção de uma Domme, hoje elas me pedem para adicionar e sei se um dia eu estivesse só não me faltaria mais uma. Hoje as Dommes estão vendo que uma sissy de alma como eu pode sim ser a escrava perfeita, pois aguento qualquer humilhação, dor que faria inveja a masoquista, não tenho fetiches a não ser de servir a minha Dona. Hoje eu e a Rainha... estamos reescrevendo a história das sissies no Brasil.

Viver outro gênero é um aprendizado constante. O “lado feminino do homem” é liberado com a ajuda de uma mulher, como se houvesse um “interior feminino velado” (MCCLINTOCK, 2010, p. 46) que pode ser acessado, estimulado e liberado. “Aprendi a andar de salto, me vestir, me maquiar, me portar, me sentir uma verdadeira mulher quando estou com ela” (fala de Submisso Feminizado). A feminização não seria apenas uma prática sexual, ou apenas visto como humilhação. A ideia da proximidade do “espírito feminino” é o objetivo, a “libertação de sentimentos realmente femininos, ou seja, a sensação de uma mulher completa”. Prissy Maid assinala que o fato de o pênis não responder a determinados estímulos parece estar relacionado à ausência de masculinidade, portanto, elemento chave na feminização.

A minha relação com a minha Dona só tem erotismo, só tem tesão, mas eu como o objeto para dar prazer a ela... Sou passiva se ela desejar, mas não toco no que tenho entre as pernas. Uso um cinto de castidade na alma. A minha entrega é o meu cinto de castidade. Antes... me masturbava todos os dias. Agora nunca mais. Não me toco mais. Masculinamente falando para me aliviar ela me ordenha, massageando a próstata, ou as vezes me faz bater uma punheta rápida aos pés dela e lamber meu gozo. Mas isto acontece no máximo 1 vez por mês. A falta de prazer como o mundo enxerga é a minha sina. meu prazer é servir... Hoje estou cada dia mais feminina é uma loucura eu mesma estou me descobrindo. Antes ao falar isto contigo o pênis ficava duro. Hoje tenho um prazer enorme mas ele esta mole, dificilmente ele fica duro. Meu lado masculino esta desaparecendo... é estranho mas hoje meu sexo masculino ficou um nome na identidade.

Como mencionado anteriormente, o “lado masculino” é mencionado em seus textos como “meu irmãozinho”. A sissie aparece para sua Dona, em *festas do meio*, em encontros entre amigos do meio, nas páginas virtuais, sempre “montada”. Como *sissie*, há um entendimento de que existe um “instinto masculino” e um “espírito feminino”, que se juntam. Parece que a feminização é um rito de passagem que dissocia os mundos, feminino e masculino. Para *ela*, “Ser mulher é ir além de colocar uma roupa feminina, é ter postura, charme, educação e ser desejada”. Um homem não entenderia as “sutilezas do mundo feminino”, que estão bem distantes do masculino. As práticas são cenários dentro de um contexto ainda maior, o BDSM. A feminização promove uma conexão entre Dona e escravo. É um momento de catarse. “É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser

combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal” (WELZER- LANG, 2001,p. 465).

A preparação física é simplesmente o ato de se montar (maquiagem, roupas e etc.). Já a preparação psicológica é o que dá a diferença de peso. Minha preparação psicológica sempre começa durante o processo da preparação física, no qual, tento me concentrar ao máximo para me liberar inteira como a cadela de minha Dona. Esquecer os problemas pessoais, esquecer compromissos, esquecer tudo que há relação ao meu irmãozinho de corpo. Feito isso, começo um trabalho de purificação, onde desejos começam a se libertar (como, por exemplo, estar presente com minha Dona, que é o desejo que mais almejo quando estou longe), as atitudes mudam, a postura muda, o espírito muda. Sendo assim, este peso psicológico exerce a força durante toda a sessão, além do que iria acontecer em uma sessão sem feminização...Esta dominação psicológica é algo que muito me agrada, muito, mas muito mais que meu lado masoquista e sei que é algo que agrada e muito minha Dona. Este é o lindo poder que a feminização tem em nossa relação, uma junção de nossos espíritos, uma conexão que nunca imaginei que ia ter com alguma pessoa em minha vida.

No contexto da pesquisa de Arent (2009) no clube de strip-tease para mulheres, as performances masculinas também seguem repertórios que reforçam convenções de gênero e “encenações de práticas (hetero)sexuais”. No entanto, os corpos dos “sedutores” “procuram veicular um repertório de masculinidade expresso na linguagem corporal baseada na atividade. A representação do papel ativo nas práticas sexuais encenadas no palco favorece a caracterização da virilidade, sempre fortemente realçada” (ARENTE, 2009, p. 150), chama atenção para a ambiguidade e contradição das práticas sado-fetichistas estudadas. Esses estereótipos reiteram a noção do “o homem como ativo, o que penetra no coito anal, ou a mulher passiva, a que se deixa esfregar”, que nesse sentido, “não ameaçam a ordem social” (LAQUEUR, 2001, p. 67), como eventualmente o BDSM. Nesse contexto também “a dicotomia ativo/masculino e passivo/feminino vigora hegemônica” (ARENTE, 2009, p. 154), ao contrário, o eixo sádico e ativo parte do corpo feminino e a passividade e submissão do homem.

No mesmo caminho, sobre a performance *drag*, Butler (2013) afirma que “brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado”, assim como na *feminização forçada*. “Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero”. Prissy, que não se identifica como *drag*, porém em alguns momentos se identifica como trans e travesti, é um caso dentre muitos casos particulares, que mexe ainda mais com as dimensões ressaltadas por Butler. Imitando o gênero, a *drag*, “revela implicitamente a estrutura imitativa do

próprio gênero – assim como sua contingência” (BUTLER, 2013 p. 196). Há uma paródia do gênero, no sentido de que “a noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria ideia de um original” (BUTLER, 2013, p. 197). Rubin (1993, p. 12), por sua vez, fala do travestismo permitido em Mohave, no qual “uma pessoa não podia ser um pouco de ambos os gêneros – ele(a) poderia ser masculino(a) ou feminino(a), mas não um pouco de cada”. Em sua fala, Prissy aciona elementos dos dois gêneros, o que dá margem para mais ambivalências.

Dentro desse quadro, a encenação das relações de poder colocam homens e mulheres em lugares sociais específicos, só que invertidos, lançando atenção para a questão da diferença sexual, “tipos de relações de sexualidade estabelecidos no opaco passado humano, ainda dominam nossas vidas sexuais, nossas ideias sobre homens e mulheres” (RUBIN, 1993, p. 20). De acordo com Thomas Laqueur (2001, p. 89), “No século XVI havia ainda, como houve na antiguidade, apenas um corpo canônico e esse corpo era macho”. Houve um tempo em que “Em vez de serem divididos por suas anatomias reprodutivas, os sexos eram ligados por um sexo comum”, e a mulher era entendida como um homem invertido, menos perfeito (LAQUEUR, 2001, p. 42).

Aqui cabe a importância do conceito de gênero, como “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2013, p. 59). Nesse contexto, vale atentar para o que Rubin designa “sistema sexo/gênero”: “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993, p. 2).

Alguns submissos que se travestem relatam a sensação de “caráter liberador” da *ridicularização e humilhação*, ressaltando o lado do sadomasoquismo como espaço de “experimentação”, além de ser transgressor e provocar rupturas de papéis e identidades de gênero, e também “papéis de sexo, tanto na Dominadora com *strap-on*, como no submisso travestido”⁹⁴.

⁹⁴ Ver Feminização forçada, Travestismo e Disforia de Gênero, disponível em: <http://www.ifetich.com.br/v1/index.php/artigos/79-fetiches/76-feminizacaoforcada>. Acesso em 8 de maio de 2013.

3.3 Marcas (in)visíveis, exposição e gestão de informações

As marcas das quais no referimos nesta seção são marcas físicas e reais, mas são também simbólicas, que é motivo de honra, de excitação, de prazer e dor, mas também de preocupação com a invasão de fronteiras do corpo visível e social, já que o próprio corpo é uma fronteira variável: pele avermelhada, feridas, marcas de cordas, de queimaduras, de depilação, uma coleira, algemas, um fetiche. As falas dos sujeitos da pesquisa demarcam tensões entre ocultamento e descoberta e, duas dimensões em suas vidas: a vida baunilha, o cotidiano e tudo aquilo que não pertence ao mundo das fantasias eróticas e que são socialmente entendidas como convencionais, e a vida sado-fetichista, que geralmente é um segredo para família, amigos(as) e companheiras, namoradas, esposas, por serem tidas como “práticas eróticas estigmatizadas e vividas em segredo” (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 213).

Além disso, há a vivência off-line e a online, a online como um campo de legitimação tanto quanto a off-line, nas quais os praticantes estão, da mesma forma, expostos a qualquer tipo de escândalo devido a “estereótipos acerca do sadomasoquismo, as possibilidades de má compreensão de suas condutas fora do *meio* e os próprios entendimentos dos adeptos sobre sua segurança e o papel da *comunidade...*” (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 214).

Tanta ênfase na *desmistificação* das práticas não se faz ao acaso. No Brasil, a *comunidade* se organiza de modo muito disperso e há poucos consensos, como aquele que reconhece riscos e a necessidade de controlá-los, o que se tem feito com o recurso à consensualidade, à divulgação exaustiva de medidas de segurança e, mais recentemente, ao SSC como base. Tal organização convive com a associação no senso comum, de BDSM e fetiches ao campo das *taras* ou *sacanagens*, o que tende a produzir uma aproximação com o mercado de bens de entretenimento sexual (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 214).

Anna Paula Vencato (2005) assinala a situação do “armário”, como algo que faz parte da vida de homens crossdressers porque essas experiências são obscenas, elas ficam resguardadas, e a internet de alguma forma seria um jeito de sair do armário, continuando nele. A autora fala sobre a importância do closet para os homens

crossdresser, que faz pensar nos acessórios femininos que esses homens mantêm. Por exemplo, dois dos entrevistados disseram que pegavam roupas íntimas de suas esposas, escondidos, e usavam sem que elas vissem. Um deles até disse que a esposa sabia, mas não compactuava. Portanto, as roupas femininas não faziam parte de suas coisas, eram de suas esposas. Em alguns casos, essa transformação acontece no banheiro, e não sei se fazer a analogia entre o banheiro e o camarim seria viável. Há outros espaços de transformação, além do banheiro e do camarim, ambos podem ser um paralelo.

O exibicionismo, em alguns casos, é parte da performance, já que o desejo do sujeito só é satisfeito quando este se exhibe para alguém, aqui, para uma ou mais mulheres, seja por fotos, vídeos ou presencialmente. Servo Obediente, durante entrevista, insistiu várias vezes para que eu o apresentasse às minhas amigas, pois segundo ele, “são lindas e minha dona me obriga a ser efeminado, ela me humilha por isso”, e mesmo eu falando que nenhuma amiga “curtia” BDSM, insistiu justificando que “às vezes alguma quer, adoro ter gente fora desse universo me vendo”. Há o desejo de ser visto, por outra mulher, travando assim uma luta imaginária contra o que eles pensam como uma humilhação, no sentido de que é uma situação desejada ou que é uma imposição, quase uma tortura, se não uma tortura. Servo Obediente me mandou o link de uma foto sua usando calcinha, comentando que foi a primeira vez que havia comprado calcinhas. Perguntei se a foto era antiga, e disse que havia sido antes de ontem. Ele disse que há pouco tempo havia decidido ser sissie, no que ele respondeu que antes veio o BDSM, antes “visitava sites direto, me masturbo vendo, principalmente de sissies tenho vários filminhos”, e perguntou se eu havia gostado de sua “bundinha”, que nunca havia “dado”. Então, respondi com uma pergunta, se ele/ela “daria” e me não sabia se tinha coragem e que “minha dona quer me comer, mas tenho medo não quero me revelar sou sissie mas em segredo”, como se o sexo anal fosse algo que provocasse uma mudança física e visível no corpo da pessoa.

Por sua vez, Ricardo, o Escravo, em seu perfil do Facebook, como no blog que mantinha com sua *Dona*, sua imagem sempre é representada por elementos de feminização, por exemplo, sua foto de perfil durante um tempo era uma foto sua vestido de “empregadinha”.

Não vejo nenhum problema em passar uma imagem feminina de mim, pelo contrário! É essa exibição que excita! Gosto de me vestir de garota, desde que tenha alguém para me ver assim, caso contrário, não há graça! Tanto é que publicava na Internet várias fotos minhas feminizado e, por uma questão de discrição, sem mostrar meu rosto. Se bem, que no Facebook, meu

"avatar" me mostra feminizado de empregadinha (uma fantasia bem recorrente no BDSM, por envolver feminização e submissão) e exibindo meu rosto. Só que é uma foto minha de quando eu tinha 19 anos. Então, creio que dificulta um pouco que me reconheçam. Achei bom mostrar meu rosto no Facebook para deixar claro que há alguém "de verdade" por trás daquele perfil.

Para Sissy Hormonizada, casado há 13 anos, o desejo de feminização existe desde criança, “desde novo gostava e tinha vontade de andar de salto ou usar calcinha”. Tendo sido criado em uma cidade pequena no interior do Rio de Janeiro, teve uma “criação muito rígida”. Casou cedo, mas diz que não se arrepende: “So fui contar a minha esposa sobre esses e mais alguns desejos que tenho de uns 2 anos pra cá. Ela não aceitou bem esse meu desejo em ser mulher e até pede que eu não toque no assunto”. Sissy Hormonizada me disse que já havia se relacionado com homens, antes e depois de casado, mas sua esposa não sabe. Há mais ou menos 5 anos havia se relacionado com *domme*, mas foi algo rápido pela incompatibilidade de ideias e desejos. Atualmente, afirma que tenta controlar mais os desejos: “até já tomei hormônio para ver qual seria o resultado, já usei peças da minha esposa, mas foi difícil porque sou 10 cm mais alto, então... As roupas dela não cabem em mim, no máximo calcinhas. Também tentei me maquiar...O meu grande desejo mesmo era viver com alguém que goste do tema e sinta prazer em feminizar”. O relato de Sissy Hormonizada foi o único que mencionou intervenções reais no corpo para parecer mais feminino, no caso, a manipulação de hormônios. Outras intervenções mais comuns são depilação definitiva e partes específicas do corpo e no rosto, maquiagem e deixar os cabelos crescerem naturalmente.

Maíra Crossdresser, por sua vez, inicialmente sentia vontade de “usar calcinha e me pintar, mais nao sabia bem o que era isso cheguei na minha adolescencia a tentar abandonar essa pratica ai por acaso eu descobri que isso tinha nome conheci o cross dressing e fui conhecendo e avançando até a feminização”. De acordo com ela, esse processo é viciante.

Então eu era adolescente certo. E como adolescente eu queria ser a mulher da relação, sempre me imaginei assim então fui a procura de pessoas que quisessem pessoas como eu, e na internet eu achei uma cross dressing (sic) que me disse que o que eu tinha era normal e muito praticado. Foi então que descobri que não tava sozinha (Maíra Crossdresser em entrevista via Facebook em março de 2014).

Pelúcio (2007, p. 7) aponta que na fala de suas interlocutoras aparece a questão da “naturalidade das mulheres biológicas” como ponto importante da feminilidade travesti. De acordo com a autora, as travestis falam que pelo fato de serem *mulheres de verdade*, elas são, por natureza, “mais despreocupadas com a aparência, e isso vale também quando se trata de prostitutas mulheres, com as quais as travestis geralmente dividem os territórios do comércio sexual”.

[...] coisas normais para vcs mulheres biológicas para nós cross é um sonho realizado, é muito gostoso olhar no espelho e se ver uma boneca então eu uso peruca e todos acessórios para mudar totalmente meu ser... eu entendo que deve existir um bom senso porque algumas cross ficam meio brutas, eu dei a sorte de ter alguns traços femininos tipo meu rosto é liso, fino redondinho tenho cílios grandes bunda grande , coxa grossa e quadril entao sempre chamei atenção, principalmente pela minha bunda ate minhas namoradas falavam que eu tinha bunda de mulher” (Maíra Crossdresser em entrevista via Facebook em março de 2014).

Como muitas pessoas que criam perfis online na tentativa de encontrar parcerias potenciais para as práticas eróticas, Sissy Hormonizada já havia conversado com muitas pessoas com interesse em sado-fetichismo, e já havia feito perfil em redes sociais fetichistas. Um dos principais empecilhos, além de seu casamento, a distância geográfica e a falta de interesse em “um relacionamento sério como eu queria meu casamento”. O casamento atual, segundo ele, transformou-se em uma relação mais de amizade “do que casal”: “pois agente se da super bem e ela sabe sobre meus desejos, embora não queira vivenciar. Assim como eu, ela tem outros desejo que eu não busco para mim. Por exemplo, minha esposa quer mais um filho e isso é algo que eu não desejo. Estou feliz tendo um filho apenas, e hoje eu diria que somos diferentes, apenas”. A insatisfação com o casamento *baunilha* foi assunto constante em sua fala:

Bom, eu desejo muito ser casado com uma femme, mas também entendo que não se vive o BDSM o tempo inteiro, já que todos temos nosso dia-a-dia, compromisso e responsabilidades como qualquer pessoa, mas seria muito bom nos momentos certos, poder aproveitar ao máximo como na vida de casado... Além desses desejos, com o tempo, adquiri outros, cheguei a propor para minha esposa, mas ela disse que não deseja realizar. Desejo vê-la transando com outro homem, vê-la com outra mulher...Proponho desde que casamos, mas ela nunca aceitou. Há uns 5 anos, mais ou menos, proponho esse de vê-la com outro...não temos nenhum brinquedo sexual em casa...

Prissy Maid também falou sobre seu casamento e o relacionamento com a ex esposa. Ela disse, em abril de 2014, em entrevista via e-mail:

A minha ex esposa me aceitava, isto é muito diferente de me curtir entende? Eu como toda mulher queria ser procurada, conquistada e ela também. Eu nunca fui de tomar a iniciativa. Eu posso ser ativa, usar o pênis mas sendo uma mulher dá pra entender? Se ela gostasse de mim como a [nome social], me achasse linda, me curtisse ai não faríamos sexo mas amor. Mas isto nunca existiu ela queria um homem com atitude de homem...

Sissy Maid Procura contou que fazia muito tempo que “curtia” BDSM, mas que “nunca fiz tudo q keria fazer alias nunca fiz nem 20% do q keria”. Perguntei se seria por falta de parceria, e ele respondeu que sim, era casado mas sua esposa até curtia *alguma coisa, mas muito pouco. Digamos curte 20 por cento do q eu keria ate pq não posso revelar o q kero a ela so ate a pagina 2 msm.* Perguntei se ele curtia feminização mas ela não sabia, e ele assentiu, falando que praticavam *facesitting nada além do q isso já eh alguma coisa mas longe do ideal.* Perguntei se ele mostrava alguma coisa para ela além disso, livros, blogs...ele disse que não podia porque ela é crente, que *com ctz vai pensar q sou bi ou gay msm eh de lascar na verdade vivemos num mundo secreto escondido como esse fake.*

É interessante chamar atenção para uma aproximação e/ou rejeição da homossexualidade presente nos discursos de quase todos os submissos que praticam feminização e que contribuíram para esta pesquisa. Outra constante é o receio do preconceito. Ele disse que estava tentando conhecer uma *dommer* e perguntei se ele havia encontrado alguma em Fortaleza. Ele falou que ela era bem mais jovem que ele, ele disse que havia sim achado, mas não tinha passado das conversas via Facebook, disse que era difícil encontrar, que no sul é mais fácil: *eu add umas dommers aki de fortal mas so uma q ta rolando um papo mais firme.* Perguntei se ele conhecia mais homens de Fortaleza que curtem feminização. ele disse que não conhece ninguém, que *isso sempre foi so entre eu e eu agora q criei esse perfil.* Portanto, tudo para ele era escondido, *tudo no virtual msm ou sozinho so 1 vez me encontrei com uma enquanto faxia uma prova.* Perguntei se no virtual ele só conversava com pessoas ou tinha blog, se fazia sexo virtual. Ele respondeu que só conversa. Máira Crosdresser também me falou sobre preconceito. Ela disse:

[...] no começo eu quis desistir não preconceito por medo da sociedade mais hj tenho apoio de uma mulher que ama e gosta de mim como menina isso me ajudou tem um agravante eu sou passiva e submissa... ela é minha domme, nem todas cross são sub nem, todas são passivas nem, todas curtem homens é muito complexo, por exemplo eu e me minha domme temos um relacionamento afetivo de namorados tb minha dona me vê como mulher nunca me tratou no masculino uma única vez enfim é isso é como se nascesse de novo... ela é rainha assumida e eu sua sub no caso sou propriedade de minha rainha. deixa eu explicar tem pessoas que segue a liturgia BDSM. eu sigo então eu sou propriedade de minha dona e so posso ser dela ela ao contrario pode sair com outras e outros, entende? agora existe quem curte dominação e submissão mais não siga isto, a m eu ver perde o sabor pq o q da gosto é o fato de eu ser propriedade de alguém esse é meu ponto de vista.

Para Submisso Feminizado, a demarcação entre mundo baunilha e BDSM se dá em sua fala quando refere a si mesmo como “ela”, e fala de “seu lado homem” como seu “irmãozinho”, dialogando sobre sua vida sado-fetichista e as interferências na vida cotidiana, e o contrário também, interferências de sua vida cotidiana na vida sado-fetichista,

Cada dia que passa a tecnologia avança em prol da facilidade, o que é ótimo. Porém ocorre que a cada avanço tecnológico para agilizar as tarefas cotidianas, aumentam o número de tarefas a ser realizadas diariamente, e é por causa destas tarefas e compromissos que esta difícil fazer uma sessão com minha Dona. Motivos são vários mas todos por causa de compromissos de nossas vidas pessoais, ou do cansaço que temos decorrente dessa vida agitada que moradores de cidades grandes passam dia-a-dia.

Ressalta a necessidade da separação entre as duas vidas, duas realidades totalmente dissociadas, e que devem assim estar, por motivos pessoais.

Todos do meio sabem a dificuldade que é ter uma "vida secreta", e a cada dia que passa descubro que a interferência pode chegar a 100%. O motivo da maioria das minhas pendências com minha Dona é a falta de planejamento, ou um planejamento falho. Por exemplo, planejei ir fazer minhas tarefas na casa de minha Dona em um determinado dia e determinado horário, porém (Lei de Murphy) sempre aparece algo no mesmo horário, ou outros compromissos que dificultam a execução da tarefa. Infelizmente esse meu "péssimo" planejamento não me trouxe nada que eu possa me orgulhar, pelo contrário, apenas a decepção de minha Dona o que é pior que todo o castigo (e não vai ser nada agradável) que terei de minha Dona.

O “irmãozinho”, o “lado homem” assinala o “mundo real”, a realidade fora da relação, mas também acentua a combinação de duas “identidades”. Esse lado não se considera e nem deseja “se tornar travesti”. “Meu lado fora desta relação, é um homem

com uma vida completamente normal, tem namorada, família, amigos, emprego, planos para a vida e etc. Eu existo dentro do esforço de uma escrava na relação BDSM”. Acontece que, em algumas situações, o homem descobrir faces de seu prazer e sua sexualidade que em outras situações, não descobrir, como por exemplo, paralelamente ao BDSM, sua bissexualidade, “acreditem ou não rsrs, mas não tem NADA a ver...”. Em contrapartida, o corpo do “irmãozinho” sofre algumas modificações, ou seja, *a sissie* deixa vestígios na pele dele, como marcas de práticas e depilação em determinadas partes. Nesse sentido, deve haver um cuidado redobrado, já que nem *sissie* e nem sua Dona querem prejudicar de alguma forma da vida do “irmãozinho”. Embora o corpo possa ser um indício de denúncia, saber separar dos dois mundos é muito importante para ambos os participantes da relação.



Figura 12. Sissy no Dungeon



Figura 13. Boneca Sissy⁹⁵

Um dos assuntos mais frequentes na fala de Prissy Maid é a aceitação, que não diz respeito apenas a sua preferência dentro do BDSM, mas também a sua identidade de gênero. É, portanto, uma dupla preocupação na vida de Prissy Maid: assumir-se como *sissy*, uma *escrava extremamente submissa* ao passo que assume aos poucos sua identidade feminina na vida social, no trabalho, embora no círculo familiar ainda seja um desafio. Sua *Dona* participou diretamente desses dois processos. Rubin (s/d) assinala que “Um escândalo sexual é o método mais seguro para perseguir alguém”, e a família “têm papel crucial no reforço da conformidade sexual” (RUBIN, s/d, p. 27), o que nos leva a crer que é o ambiente familiar, a convivência com conjugues e/ou filhos um dos principais motivos para o ocultamento e a gestão de informações sobre a vida sado-fetichista. Há, portanto, um regime de contradição que tensiona privacidade e revelação, público e privado e conhecimento e ignorância sobre esse segredo.

São, portanto, limites negociados, constantemente situados na liminaridade e alicerçados na noção de consentimento. Podemos tomar as fantasias como um espaço de fluidez, no qual há experimentação de possibilidades de des/re/subjetivação, onde as pessoas podem explorar modos de subjetivação e identificação, mesmo que não tenham noção do que produzem a partir da ampliação de possibilidades eróticas. Nesse sentido, os sujeitos induzem multiplicidade de expressões de desejo e do prazer.

⁹⁵ Imagens cedidas pela Rainha e sua Sissy.

Muitas dessas expressões de desejo ficam relegadas ao terreno do “obsceno”, em um limiar entre público e privado, partem *do online para o off-line*, sendo a Internet em muitos casos, o elo entre o sujeito do desejo e a concretização do desejo. O obsceno seria aquilo que está ou deve estar fora de cena. Essa é uma questão interessante para pensar as experiências dos interlocutores e informantes, no sentido de que são relatos disponíveis de diversas formas na Internet, em sites, blogs e redes sociais, os quais, no entanto, são rodeados pela vigilância do “segredo”: há uma tentativa de preservação do anonimato na rede, ao mesmo tempo em que esses sujeitos se representam e situam nesses espaços online. Há, portanto, uma gestão do “segredo”, que circunda e evidencia o perigo nesses relatos (perigo da descoberta do segredo). É interessante perceber, na fala de uma interlocutora, que é preciso inclusive contornar algumas situações de evitação na Internet, em relação a fachada dos sujeitos.

Quanto a net passei a minha vida, aprendi tudo o que sei e sou sem ela. Ela ajuda muito, pois hoje para se pesquisar, achar fornecedores, cursos é muito mais fácil, mas por outro lado atrapalhou muito. Com ela surgiram um bando de homens e mulheres que só pensam em sexo, se acham os donos da razão e eu pela minha postura sempre correta na minha fui extremamente discriminada. Até minha amada Dona fazer contato comigo em uma curtida em uma foto minha eu era extremamente só. Ela mesma disse que quando começou a se relacionar comigo foi alertada que eu era Fake. Eu já estava pronta mas precisava de uma mulher uma amiga uma companheira ao lado (Prissy Maid em entrevista via e-mail em dezembro 2013).

Aqui, Prissy Maid fala sobre um processo de evitação, já que as pessoas do meio agiam com preconceito contra ela interpretando sua performance online como um fake. Goffman (2011, p. 48- 49) sugere que em qualquer lugar e/ou situação, se a mobilização dos membros de grupos e/ou comunidades é desejada, é preciso que essa mobilização tenha como finalidade que seus membros se transformem em autorreguladores, e que uma maneira de obterem essa transformação é através do ritual, onde o sujeito é ensinado, treinado e, portanto, induzido a administrar “sentimentos ligados ao eu e um eu expresso pela fachada, a ter orgulho, honra e dignidade, a ter consideração, tato e uma certa quantidade de aprumo”. De fato, “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2002, p. 118). Goffman aponta para o princípio da “ordem ritual” como sendo o que ele chama de “fachada”. Nas palavras de Goffman (2011, p. 14-15), diz-se que “uma pessoa *tem, está com* ou *mantém* a fachada quando a linha que ela efetivamente assume apresenta uma imagem dela que é internamente consistente,

que é apoiada por juízos e evidências comunicadas por outros participantes, e que é confirmada por evidências comunicadas por agências impessoais na situação”. Ou ainda, “Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante uma representação” (GOFFMAN, 2007, p. 29).

Os blogs, portanto, na acepção de Erving Goffman (2011), podem ser considerados partes de um aparato que visa preservar a fachada dos sujeitos que falam de si e de todo o imaginário que os circundam, e dessa forma, todos acabam cooperando na preservação da fachada de todos. Isso significa que todos têm seu “próprio repertório característico de práticas para salvar a fachada. Em parte, é a esse repertório que as pessoas se referem quando perguntam como uma pessoa ou cultura ‘realmente’ são” (GOFFMAN, 2011, p. 20) e, nesse sentido, “em várias relações, os membros compartilham uma fachada, de forma que, na presença de terceiros, um ato inapropriado por parte de um membro se torna uma fonte de constrangimento agudo para os outros membros” (GOFFMAN, 2011, p. 47), por isso, “cada participante de uma ocasião está preocupado, ainda, por razões diferentes, em salvar sua própria fachada e também a dos outros” (GOFFMAN, 2011, p. 35), principalmente devido ao caráter transgressor e o estigma que as práticas sado-fetichistas carregam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE INTENSIDADES E CONTRADIÇÕES

Eu não consigo me imaginar rebaixando um escravo chamando-o de "machão", continuo gostando de homens de calcinha e adoro submetê-los como vagabundas das categorias mais baixas e já cuspi na cara dizendo "você não vale nada, viado". O que eu combato, lá fora, nas relações sociais, eu reforço de certa forma nas relações eróticas. Sem culpa, aliás com muito prazer, porém não sem interrogações. Não tenho soluções, tenho preocupações. A reflexão também é uma boa punheta⁹⁶.

Até que ponto um sujeito tem consciência de que seu ato é um ato performático? (SCHECHNER, 2011, p. 213). É um ponto importante já que o sujeito precisa ter noção do que é encenado e do que é real, portanto, devendo estar consciente de que tudo aquilo que acontece em uma sessão é performático. A situação engendrada na sessão em que fazem parte uma dominadora e uma sissy maid é uma situação interessante para pensar o “aprendizado do corpo” (SCHECHNER, 2011, p. 228) e através do corpo. Não é apenas o fetiche de vestir uma peça de roupa, como calcinha, ou da textura da roupa, como de rendas, mas vão além, a ponto de aparecer em lugares públicos trajados de mulher, performances que existem entre a fronteira do prazer e da vergonha.

Muitos relatos e postagens de blogs remetiam ao fato comum a praticamente todas as pessoas com que mantive contato diretamente, nas conversas online ou off-line, e indiretamente, da leitura de seus blogs e outras páginas de redes sociais, que é a questão do “segredo”. São várias as motivações para a manutenção desse segredo, um dos mais recorrentes, o medo do preconceito de familiares, amigos e colegas de trabalho. A disponibilidade dessas histórias no meio virtual é um paradoxo quando pensamos que é um tipo de disponibilidade limitada pelo medo, pelo preconceito, pela ignorância etc. O nível e a forma como as experiências interferem na vida dessas pessoas variam e são subjetivos. Por isso e por motivos éticos resolvi manter o anonimato das pessoas envolvidas direta ou indiretamente nessa pesquisa. A experiência de transito entre os gêneros remetia, na maioria das falas, a uma ideia de *vida dupla*, uma realidade “em segredo”, que e, ainda correndo o risco de serem reconhecidos por

⁹⁶ Ver Humilhação e Gênero, disponível no link: <http://www.ifetiche.com.br/v1/index.php/glossario-perverso/157-humilhacao-e-genero>. Acesso dia 13 de agosto de 14.

pessoas que fazem parte de seus círculos pessoais, compartilham em ambientes online suas experiências, fotografias, vídeos, porque a exibição de suas experiências é um *continuum* – o exibicionismo acaba sendo um fetiche complementar. Alguns se “montam” apenas para práticas sexuais com parceiros/as que nem sempre são namorados/as e conjugues, outros para masturbação e práticas solitárias, para exibicionismo online e/ou off-line.

Os blogs com temática central as práticas sado-fetichistas são lugares antropológicos que concentram material profícuo acerca de corporalidades, subjetividades e sexualidade, também como fórum de socialização de saberes e experiências, agindo como concentração de conhecimento social em/na rede. Possibilitam processos de reinvenção de si como um elemento fundamental que auxilia a configuração das “identidades”, “reais” ou (re)inventadas. Essa afirmação se faz sentir na importância que as informações compartilhadas nos blogs têm para os próprios adeptos como para a possibilidade de estudos científicos como este.

Nos livros de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo, assim como nos blogs, sites e comunidades e nas falas de praticantes, de acordo com Facchini e Machado (2013, p. 224), as hierarquias da vida cotidiana e da história – ou dos ‘cenários culturais’, nos termos de Gagnon (2006) – são tomadas como base para a elaboração de roteiros para práticas que se constituem em ‘organização sexual do risco social’, e citam McClintock, no sentido de é através da ‘erotização de cenas, símbolos, contextos e contradições que a sociedade não reconhece tipicamente como sexual’, que ‘são menos violações à carne do que reencenações simbólicas das violações sociais da *selfhood*, podendo tomar uma miríade de formas e emergir de uma miríade de situações sociais’. Além disso, outro traço que as autoras ressaltam dos livros do período da abertura que se mantém presente atualmente em blogs, sites e comunidade online e presenciais diz respeito a tensão que se desenrola entre praticantes ou adeptos e perspectivas patologizantes. “Não deixa de ser curioso, no entanto, que esse embate se dê pela via de escritos autobiográficos”/”relatos biográficos”(FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 225).

Dos anos 1980 até hoje, por meio de diversos suportes, é a partir de entrevistas, blogs, relatos autobiográficos (ficcionais ou não) produzidos sob pseudônimos ou *nicknames* que adeptos ou praticantes de *sadomasoquismo erótico*, fetiches ou BDSM vêm a público”, muito embora haja uma aproximação, no senso comum, “com o campo do entretenimento sexual”,

assentados sob a noção de consentimento (FACCHINI e MACHADO, 2013, p. 225).

Retomo, nesse sentido, a noção de “autor” foucaultiana, na qual esse é “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2012, p. 25). *Submisso Online* faz de sua página virtual um conjunto de materiais sobre seus capitais cultural e simbólico (Bourdieu, 1996), como uma forma de organizar tudo aquilo que ele viveu, ou deseja viver, informações que sentiu serem relevantes para ele e que podem ser para outras pessoas; ele é portador de um discurso que agrega em si e para si os sentidos que partem e circundam o que ele fala, é uma visão de mundo do autor do discurso, ele é um ponto na rede de relações sociais de/entre autores-sujeitos⁹⁷. E esses discursos, produzem materialidades. As identidades “voláteis” (LE BRETON, 2003, p. 145) que surgem no ambiente da Internet não livram o sujeito de uma preocupação e do investimento na identidade virtual; de acordo com o material que produzem, das informações que compartilham na rede, se investem da responsabilidade da autoria e da representação de grupos e ideias particulares.

Discursos como esses não teriam eficácia se não tivessem uma força de representação e se apropriassem de estilos expressivos (Bourdieu, 2008, p. 41), pois eles se inscrevem na ordem do possível, e muito menos se não tivesse como autor alguém cuja inventividade e individualidade não fossem reconhecidas dentro de um campo de possíveis, como o BDSM. Esse tipo de discurso pode ser, nesse sentido, performativo. Assim, partindo dos relatos de suas experiências, procurei perceber em quais lugares sociais as pessoas se posicionam e onde os personagens aparecem nessa teia de significados. Se forem discursos que elevam “fronteiras” ao centro das discussões, ainda assim elas são vigiadas, zonas de contato e de transição.

Não apenas a linguagem produzida aí evoca a questão das “fronteiras”, mas os corpos que aí se inscrevem, principalmente. “Há os que gostam de se colocarem nas fronteiras, de sinalizar no corpo um tipo de pertencimento” (Guacira Lopes Louro no *Curta O Gênero* 2013) ou *des*pertencimento, seja “se montando” para romper com a coerência cobrada pela sociedade – “mulher” “feminina” e “homem” “masculino”. Viver “na fronteira” acentua ainda mais a obrigação social da escolha diante das

⁹⁷ Cada discurso, acompanhado de seu autor, seria como um nó ou um ponto em uma rede que é rizomática.

dicotomias: entre o legal e o ilegal, o normal e o anormal, o sagrado e o profano, a visibilidade e a invisibilidade, o comportamento ideal e o comportamento real.

Em contrapartida, esse universo produz movimentos na noção de “feminino”, apontando estratégias de feminização, feminilidades, sendo o “feminino” um lugar almejado, uma posição ora inferior, ora superior. Essas performances parecem apontar para dissolvências de gênero, que borram, desconfiguram e reconfiguram masculinidades e feminilidades, mesmo que tenham como ponto de partida modelos hegemônicos de feminino e masculino. Os relatos compartilhados dissolvem a figura masculina que passa por metamorfoses coreografadas, que subvertem sistemas de moralidades. Essas dissolvências de gênero acionam em figuras masculinas potências femininas, induzem a uma multiplicidade de papéis. É disso que essa dissertação tem pretensão de falar: de multiplicidades de papéis, mesmo que envoltas em um emaranhado de contradições.

As experiências que apresento são tipos de sexualidades não hegemônicas e consideradas transgressoras que partem das experimentações do corpo para falarem de gênero, além de engendram criativas “experiências subjetivas do orgasmo” (GAGNON, 2006, p. 134). Mas transgressoras de que, embora possuam em si regulamentações que são morais e normativas, dentro dos contextos aqui mencionados? Transgressoras em que, se possuem concepções hegemônicas de gênero, reforçando estereótipos de masculinidade e feminilidade, como por exemplo, da relação entre feminino e submissão? Será que essas experiências são realmente recusas de um “disciplinamento machista”? Será que não são formas de reiterar as desigualdades, uma forma alarmante de um machismo que é tão entranhando que lateja a ponto de quase explodir o ser? Considero essas questões como inconclusivas, pois a realidade escapa aos “modelos” de relações. No entanto, produzindo subversões, as experiências elevam classificações de masculino e feminino que são hegemônicas: renúncia, pudor, masoquismo, submissão, são características femininas, enquanto virilidade, atividade, dominação, masculinas.

Ser feminizado é degradante é porque faz parte do imaginário de construção cultural da masculinidade virilidade, atividade, enquanto do lado do feminino, submissão, masoquismo – as mulheres, em decorrência do parto, da defloração, supostamente aguentariam mais dor do que os homens, portanto, são acostumadas ao sofrimento e à humilhação (RUBIN, 1993, p. 19). Esses são os lugares convencionalmente aceitáveis para ambos os gêneros. Ao passo que o “sexo” é uma

“tecnologia de dominação heteronormativa que reduz o corpo às zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros, associando certos afetos com determinados órgãos e certas sensações com determinadas reações anatômicas” (PRECIADO, 2002, p. 22, tradução minha), as práticas de feminização no contexto BDSM subvertem essa tecnologia: “Las prácticas S&M, así como la creación de pactos contractuales que regulan los roles de sumisión y dominación han hecho manifiestas las estructuras eróticas de poder sub-yacentes al contrato que la heterosexualidad ha impuesto como natural” (PRECIADO, 2002, p. 28). Assim como “o *negócio do desejo e da fantasia*”, para Arent (2009, p. 168), é “movido pela dança”, aqui desejo e fantasias são guiados e movidos pela inversão de convenções de gênero e a erotização de hierarquias.

Há, ainda assim, a persistência de um modelo de heterossexualidade compulsória, que inverte o homem em mulher e a mulher em homem, e se o homem aceita ou é forçado a aceitar a penetração do ânus pela mulher, é na condição de “mulherzinha” ou puta, e não de “viadinho”, muito embora também sejam termos utilizados nessas relações com o intuito de humilhação erótica. Inutilizando assim o pênis, o homem seria menos homem, despojado de sua masculinidade, pois ele é usado como mulher, condição humilhante e degradante por isso mesmo. Por sua vez, a mulher não se torna um homem, não se traveste de homem, mas personifica aquelas características convencionalmente masculinas: virilidade, agressividade e, mais importante, a atividade. Quem necessariamente deve mudar de gênero é o submisso. Há, portanto, repetidamente, a presença de normas e divisões de gênero e heterossexualidade obrigatória” (RUBIN, s/d, p 13) em muitos momentos.

É, pois, preciso lutar contra um sistema de opressão sexual que trata o sexo e comportamentos eróticos não convencionais com suspeita, visto que “atos sexuais são sobrecarregados com um excesso de significância” e inscritos em um “sistema hierárquico de valores sexuais”, no qual “heterossexuais maritais e reprodutivos estão sozinhos no topo da pirâmide erótica” (RUBIN, s/d, p. 13-14). A feminização masculina, objeto central em meio ao universo que apresentamos, mobiliza negociações de feminilidades, reinventando os corpos transformando-os através da “performatividade” de gênero, e do “desejo de ser objeto do desejo” (ARENT, 2009, p. 166). “A questão é, pois, como ir despojando-nos, desconstruindo-nos, des/re/dobrandos, reconfigurando-nos?” (PAIVA, 2000, p. 34).

Estudar as práticas que constituem o corpo é pensar no que o atravessa e na vivência de corpo. Como vivenciamos o corpo em diferentes cenários? O corpo é fabricável (LE BRETON, 2012, 247), manipulável. “Cada corpo afeta e é afetado pelo outro, produzindo turbulências e transformações irreversíveis em cada um deles. A alteridade, essa condição e afetar e ser afetado, é a referência a partir da qual a subjetividade se faz e refaz permanentemente” (LIBERMAN, 1997, p. 374- 375). As narrativas, assim, evidenciam uma consciência do próprio corpo, que “aparece mais ou menos conscientemente a partir de um contexto social e cultural particularizado por sua história pessoal” (LE BRETON, 2012, p. 231). Partem também da perspectiva de que há um investimento no corpo, e que o corpo é suporte das experiências. “Experiência é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação” (SCOTT, 1999, p. 48).

Corpos que possam sair da dureza do contato e da obstrução de seus afetos e produzir estados emocionais os mais variados que, expressos, levam a novos questionamentos, à fabricação de outros corpos. O corpo serviria, assim, como elemento mobilizador de um estado de pesquisa, quando tomado, ele mesmo, um campo de experimentação permanente (LIBERMAN, 1997, p. 375).

Minha intenção, portanto, foi investigar a partir do material de campo que é um conjunto de narrativas colhidas de espaços variados, as relações que se estabelecem entre condutas eróticas, convenções de gênero e sexualidade e corporalidades, como forma de acessar as categorias e convenções acionadas pelos sujeitos, categorias que, muitas vezes, aparecem sob vários termos em uma mesma fala. Penso, até que ponto nosso trabalho de identificar, analisar e elencar os repertórios de experiências eróticas não é uma forma de ordenar as sexualidades dos outros, de contribuição de dispositivos de repressão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô**: A representação do obsceno no cinema e no vídeo/ Nuno Cesar Abreu. – Campinas, SP – Mercado de Letras, 1996.

AQUINO, J. P. D. de. Performance e Experiência em Erving Goffman e Victor Turner. In: **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2011. Disponível em: Acesso em 29 de abril de 2014.

ARENT, M. Performances de gênero em um “clube de mulheres”. In: **Prazeres Dissidentes**. María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs) - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BADINTER, Elizabeth. **Rumo equivocado**: o feminismo e alguns destinos. Tradução de Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BASQUES, Messias. Uma antropologia das coisas: etnografia e método. In: **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 150-165, jan./jun. 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

_____. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer; Prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., 1ª reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Clássicos ; 4)

_____. Compreender. In: **A miséria do mundo**. Pierre Bourdieu (org.) 7. ed. – RJ: Editora Vozes, 1997.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo. In: **Ponto Urbe**, Ano 1, versão 1.0, 2007.

_____. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. In: **Revista Bagoas**, n. 3, 2009, p. 75-95.

BRITTES, Rogério. **Bondage, Dominação e Sadomasoquismo**: Esboço de uma teoria etnográfica da rede BDSM. 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FACCHINI, R., MACHADO, S. “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. In: **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latino – Americana**. Dossier n.2, n.14 – ago. 2013 – pp. 195 – 228.

FACCHINI, R. Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo. In: **Prazeres Dissidentes**. María Elvira Dífaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs) - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: Vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Editora Vozes: Petrópolis, 2002.

_____. **Michel Foucault, uma entrevista**: sexo, poder, e a política da identidade; tradução Wanderson Flor do Nascimento. In: *Verve*, 5. p. 260-277, 2004.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GADELHA, J.J.B. **Masculinos em mutação**: a performance drag queen em Fortaleza. (Dissertação) – Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**: tradução de Maria Célia Santos Raposo, 14ªed. / Petrópolis, Vozes, 2007.

_____. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face; tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. – (Coleção Sociologia)

_____. O quadro teatral. In: **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise; tradução de Gentil A. Tilton. – Petrópolis, RJ: Vozes; 2012.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 1, p. 81-91, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

_____. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. In: **Rev. Antropol.** v.51 n.2. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

_____. Uso de sex toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas. In: **MANA** 17(2): 313-336, 2011.

_____. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. In: Dossiê Antropologia, Gênero e Sexualidade no Brasil: balanços e perspectivas. **Cadernos Pagu** (42), janeiro-junho de 2014: 47-74.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em Primeira Mão**, n.1, Florianópolis: UFSC, 1995.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. Terceira Margem, 2004.

LAURETIS, Teresa de. La tecnologia del género. Tradução de Ana María Bach y Margarita Roulet. In: **Technologies of Gender**. Essays on Theory, Film and Fiction, London, Macmillan Press, 1989.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. tradução Marinna Appenzeller. – Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. – 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEITE JÚNIOR., Jorge. **A cultura S&M**. 2000. 52p. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo.

_____. “O melhor do dois mundos”- Sexualidade, entretenimento e pornografia com travestis. In: **Fazendo Gênero 7 – Gênero e Preconceitos**, agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/>>. Acesso em 15 de junho de 2013.

LIBERMAN, Flávia. O corpo como produção de subjetividade. In: **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, 5 (2): 371 – 383, dezembro 1997.

LUXOR, Dommenique. **Eu, Dommenique**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos (1921). In: **Marcel Mauss: antropologia/ organizador Roberto Cardoso de Oliveira; [tradução: Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldi Meirelles e Ivonne Toscano]**. – São Paulo: Ática, 1979.

_____. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. pp. 399-422.

MÁXIMO, Maria Elisa. O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs. In: **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2007.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial; tradução: Plínio Dentzien. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____. **Maid to Order**: commercial fetishism and gender power. s/d. Disponível em: <http://www.english.wisc.edu/>. Acesso em: 30/11/2014.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Sujeito e laço social**: a produção da subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault. – Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. – (Coleção Outros diálogos; 4).

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no pontocom**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

_____. Fora do armário...dentro da tela: notas sobre avatares, (homo)sexualidades e erotismo a partir de uma comunidade virtual. In: **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____; BRAZ, Camilo A. de. "Mas você é gay também?" – algumas reflexões sobre nossas subjetividades e corpos em campo. In: **Fazendo o Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST18/>. Acesso em: 27 de maio de 2013.

_____. PARREIRAS, Carolina. "Não leve o virtual tão à sério"? – uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line. In: **Etnografia, etnografias**: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico. Daniela Morena Feriani, Flávia Melo da Cunha e Iracema Dullely (orgs.). – São Paulo: Annablume, 2011.

PELUCIO, Larissa. "Mulheres com Algo Mais" - corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. In: **Revista Versões**, v. 03, p. 77-93, 2007.

PEREIRA, Eliete da Silva. **Ciborgues indígen@s.br**: a presença nativa no ciberespaço. Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2007.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual**: prácticas subversivas de identidad sexual. Madrid: Opera Prima, 2002.

_____. Multidões *queer*: notas para uma política dos "anormais". In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

ROLNIK, Suely. **CARTOGRAFIA ou de como pensar com o corpo vibrátil**. s/d. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/>>. Acesso em: 23 de agosto de 2014.

R. S. SILVA, Hélio. A situação etnográfica: andar e ver. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo; tradução Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa. Edição SOS Corpo: Recife, 1993.

_____. **Pensando o sexo**: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade, s/d. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br>. Acesso em: 29 de maio de 2013.

SANDER, Jardel. Corporeidades Contemporâneas. In: **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21 – n. 2, p. 387- 408, Maio/Ago 2009.

SANTOS, Raíra Bohrer dos; LEITÃO, Débora Krischke. Regras e práticas de BDSM no mundo virtual Second Life. Trabalho apresentado no **II Seminário Internacional Gênero, Sexualidade e Mídia: Desafios éticos e metodológicos do presente**, Bauru, 1 a 3 de outubro de 2013.

SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e o teatral. In: **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 213-236, 2011

_____. O que é performance? In: **Performance studies**: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51, 2006. Tradução de R. L. Almeida, publicada sob licença Creative Commons, Classe 3, Abril de 2011.

SCOTT, Joan. Experiência. In: **Falas de gênero**: teorias, análises, leituras/Organizado por Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Sousa Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos. – Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SIBILIA, Paula. Rumo à imortalidade e à virtualidade: A construção científico-tecnológica do homem pós-orgânico. In: **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação** – Campo Grande /MS – setembro 2001.

_____. SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, M.J. **Linguagens, experiências e convenções de gênero e sexualidade no BDSM**. 2012. 107p. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - UFC, Fortaleza.

SZWAKO, José Eduardo. Resenha de LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. In: **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 267-271, 2007. Editora UFPR.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

_____. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana; tradução de Fabiano de Moraes. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. In: **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho de 2005, pp. 227-247.

_____. **Sapos e princesas**: prazer e segredo entre praticantes de *crossdressing* no Brasil. – São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção QUEER).

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

_____. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: **Masculinidades**. Organização Mônica Raisia Schpun. – São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

ZILLI, Bruno D. **A perversão domesticada**: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria. 2007. 95p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. As representações de consentimento e discurso de legitimação do BDSM: atividade sexual, risco e o uso de ideais românticos. In: **32º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu (MG), 27 a 31 de outubro de 2008. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2686&Itemid=230. Acesso em 14 de junho de 2013.

_____. BDSM de A a Z: a despatologização através do consenso nos “manuais” na Internet. In: **Prazeres Dissidentes**. María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs) - Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.

_____. BDSM e consentimento na Internet. In: **VIII Reunión de Antropología del Mercosur** (RAM), Buenos Aires, Argentina, 2009b. Acesso em: 9/03/2012.

{priscila} – Rainha Nahemah: a história de uma sissy brasileira, a partir de 29/11/2012 escrava sissy da Rainha Nahemah, dona de mim. <http://priscilasissy.blogspot.com.br/>

A Vida Secreta: Sexualidade, Sensualidade e Comportamento.
www.avidascreta.com.br/

Bondage e Fetiches. <http://www.bound-brazil.com/>

Feminização no BDSM: Uma experiência de vida proporcionada por minha Dona.
<http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br>

Frágil Reino. <http://rainhafragil.wordpress.com>

IFetice. <http://www.ifetice.com.br/>

Inversão de Papéis. <http://contosdeinversao.blogspot.com.br/>

O Brilho da Lu@. <http://kirtychandra.blogspot.com.br/>

O Domínio de Dobermann. <http://doberma.blogspot.com.br/>

Submisso Real. <http://submissoreal.blogspot.com.br/>

The Cave, A Caverna. <http://bdsmcave.blogspot.com.br/>

Vamos falar de sexo. <http://fsexuando.blogspot.com.br/>

GLOSSÁRIO

- **Adestramento:** Impor regras e normas de comportamento, bem como padronizar algumas respostas para determinadas ordens ou estímulos.
- **Baunilha:** Termo usado para indicar o sexo convencional. Pessoas que não estão envolvidas em BDSM. Também aparece o termo *Vanilla* (do Inglês) “Baunilha” para designação similar.
- **Bondage:** Fetiche que consiste em amarrar e imobilizar seu parceiro ou pessoa envolvida, usando cordas, adesivos, cadarços ou algemas.
- **Cena:** Atividade/jogo específico dentro de uma sessão ou relacionamento. Uma cena de spanking, de sexo, de disciplinamento, etc.
- **Coleira:** Símbolo de entrega usada por um(a) submisso(a). Uma coleira é posta ou dada em um relacionamento como um profundo símbolo de entrega.
- **Crossdressing:** Ato de se vestir um homem de mulher ou mulher de homem. Toda pessoa que independente da sua opção sexual gosta de vestir-se com roupas do sexo oposto.
- **Disciplina:** Uso de regras e punições para controlar o comportamento.
- **Dominação Psicológica:** Prática que consiste em jogos de humilhação e subjugo verbal e psicológico, muitas vezes mediante disciplinamento rígido.
- **Dominador (fem. Domme):** Pessoa que tem o papel dominante pela duração de uma cena ou é o parceiro dominante dentro de uma relação de troca de poder.
- **Dominatrix:** Normalmente uma profissional que exige encargos para o seu serviço.
- **D/s:** usualmente utilizada para designar uma relação de Dominação e submissão.
- **Escravo (slave):** Refere-se a uma pessoa que cedeu sua propriedade pessoal e suas liberdades e tornou-se propriedade de seu Dono/Domme.
- **Etiqueta:** Regras principais, como não poder tocar sem permissão, ou qualquer forma de abuso são completamente proibidos.
- **Exibicionismo:** Forma de excitação erótica que consiste da exposição dos órgãos genitais ou exposição de si diante de espectadores, virtual ou presencialmente, praticando sexo ou apenas pelo prazer de exhibir alguma parte do corpo ou vestimenta, etc.

- **Feminização forçada:** prática na qual o submisso é teatralmente forçado a vestir-se e portar-se como uma mulher. Parte dessa teatralização deve haver uma resistência da parte do submisso em permanecer feminizado, o que identifica a prática como forçada.
- **Fetiche:** Desvio do interesse sexual para algumas partes do corpo do parceiro, para alguma função fisiológica ou para peças de vestuário, adorno etc.
- **Fist Fucking:** (inglês) Fist, punho + Fucking (meter, expressão coloquial). Consiste na introdução da mão (punho) na vagina ou ânus. Também conhecido como Fisting.
- **Humilhação:** Ato de provocar dor moral. Redução deliberada do ego para propósitos eróticos, variando de embaraço moderado a degradação.
- **Inversão de Papéis:** prática na qual a dominadora assume o papel de penetradora e ativa, enquanto o submisso assume o papel de passivo. Também pode estar relacionado a feminização, mas não necessariamente faz parte dessa fantasia.
- **Látex:** Utilizado em diversos produtos de borracha sintética. Algumas roupas e brinquedos são feitos de látex. Algumas pessoas sentem atração por látex.
- **Limites:** As fronteiras das atividades no BDSM acordadas e conversadas entre dominador e submissa, definindo o que e até onde uma prática ou uma cena ou um relacionamento podem ir. Limites devem ser obrigatoriamente respeitados. O limite se aplica às regras, cenas, práticas, níveis de dominação e submissão, duração das cenas.
- **Masoquismo:** é quando a pessoa busca prazer em sentir dor ou imaginar que a sente.
- **Negociação:** Muito importante para todos os envolvidos numa cena ou sessão, onde combinam códigos (safeword), regras, limites e atividades a serem praticadas, inclusive, quando Dominador/a e submissa/o estão em vias de fechar um acordo oral ou escrito, real ou virtual de troca de poder.
- **Plug:** Objeto em forma de pênis, mas com um estreitamento na base, próprio para ser inserido no ânus.
- **Podolatria:** Tipo particular de fetiche cujo desejo se concentra nos pés.
- **Relacionamento 24/7:** Relacionamento que dura, 24 horas por dia 7 dias por semana.
- **Regras:** Normas de conduta preliminares e básicas impostas num convívio BDSM.
- **Ritual (Cerimonial):** Conjunto de formalidades e regras que devem ser observadas em qualquer cena, sessão ou até em cumprimentos e abordagens entre participantes.
- **Sadismo:** Envolve atos (reais, não simulados) nos quais o indivíduo deriva excitação sexual do sofrimento psicológico ou físico (incluindo humilhação) do parceiro.
- **Sessão:** Pode ser definida como um conjunto de cenas.

- **Sissy Maid:** “sissy” traduzindo literalmente é bichinha. É uma forma pejorativa de tratar e nomear as crossdressers submissas. Homens que são totalmente feminizados e usados então como escravas prática associada a feminização masculina e domesticação do submisso e/ou escravo. É quando o escravo passa pelo processo de sissificação, tornando-se empregada da dominadora, devendo obedecê-la incondicionalmente, em uma relação 24/7 ou em sessões esporádicas.
- **Spanking:** Utilizado dentro da comunidade BDSM para o ato de bater, notadamente na região das nádegas.
- **SSC:** São, Seguro e Consensual. A importante tríade que separa o aceitável e o condenável no BDSM (São: Sadio, higiênico, salutar, justo, íntegro, consciente, sóbrio, maduro; Seguro: Prudente, comedido, cauteloso, responsável e respeitoso; Consensual: Todos os envolvidos concordam com o que está acontecendo).
- **Troca de Poder:** acontece quando um/a submisso/a delega sua capacidade de escolha (seja apenas por uma cena, ou para toda a sua vida) por um acordo com o Dominante para que esse seja responsável por sua felicidade e saúde.
- **Tucking:** técnica de posicionar o pênis entre as pernas que faz com que o volume dos órgãos genitais masculinos fique mais “discreto” ou desapareça inteiramente. É um procedimento básico quando se deseja fazer uma montagem mais próxima possível do perfil feminino.
- **Voyeurismo:** Prática que consiste em um indivíduo (Voyeur), conseguir obter prazer sexual através da observação de outras pessoas, em atos sexuais, nuas, ou em roupa íntima.